

REVISTA

DA SEMANA

N. 36 8-9-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

FIM MELANCÓLICO DA
REUNIÃO EM LONDRES



CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956 ESPORTE 1956
ilustrado

TUDO

**SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**

(CARLOS ARÊAS)

TODOS

**OS
ESPORTES**

AMADORISTAS

TUDO

**SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**

(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

**12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA**

R. \$30,00

BREVE

**EM TODO
BRASIL**

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 36 — Rio de Janeiro — 8-9-1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
beiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS	
Os Setenta Anos de Otávio Mangabeira	4/6
Del Monaco Esclarece: Não Houve Amor	16/18
Fim Melancólico da Reunião em Londres	20/21
Festival da Juventude em Leipzig	24/25
Sally Forrest, Pin-Up Intelectual	31/34
Ping-pong com Pedro Bloch	35
Dezoito Italianos Conquistam o Himalaia	40/43
O Escândalo do Século	46/48
O Dia do Soldado	59/61

SEÇÕES	
Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	15
Pelas Esquinas da Noite	19
Literatura e Arte	22/23
Palavras Cruzadas	26
Por Esse Mundo de Deus	28/29
Itinerário do Brasil	30
Música	38
TV na Revista	39
Astrologia	44
Revista Há 50 Anos	45
Conversa de Mulher	54/55
Grand-Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco (Magalhães Júnior)	63

HUMORISMO	
Fortuna	52/53

LITERATURA	
Desquites (Eneida)	3
O Homem e o Trapézio (A. Peres)	10/11
Misticismo (M. Gastão)	50/51

VARIEDADES	
O Enigmático Kapitza	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões	27
O homem de Terno Cinzento	36/37

CAPA
Virginia Mayo (Kodachrome RKO, especial
para a REVISTA)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 380,00
Seis meses	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil,
atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor.
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está
organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela
redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não
publicados. Os trabalhos assinados são de responsabi-
lidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

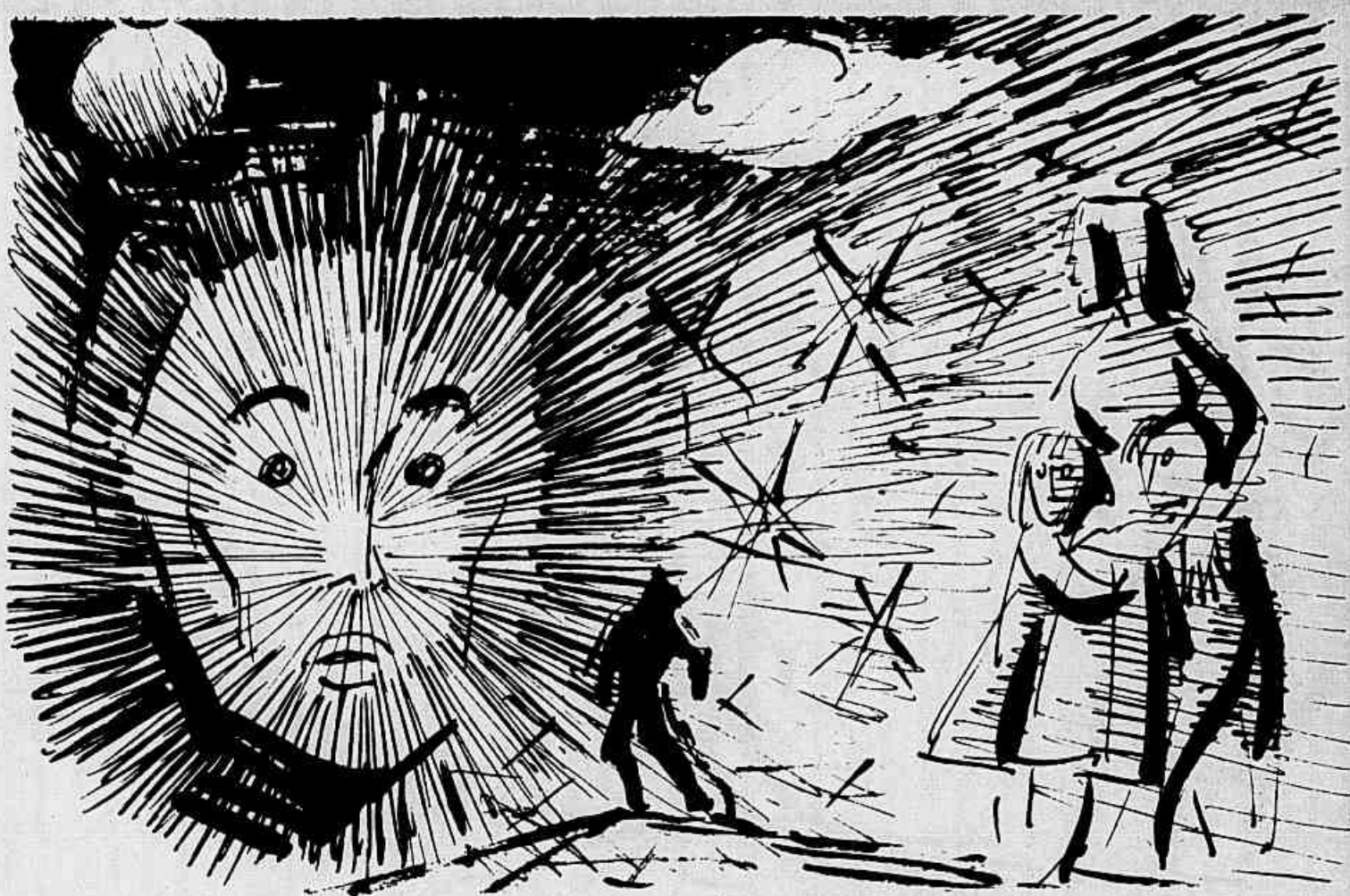
Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal
434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima,
avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa.
No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Mon-
tevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefo-
ne 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas
as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1559



DESQUITES

◆ Estamos vivendo sérios momentos de decomposição da família, falam com voz grossa os sociólogos; o número de desquites cresce dia a dia, gritam os estatísticos; não há mais família, apregoam os moralistas; num país retrógrado como o nosso, sem divórcio, os elos matrimoniais são cada vez mais fracos, bradam já roucos de tanto clamar, os divorcistas. Todas essas vozes que em conjunto se levantam, têm muita razão. Os casais se separam hoje com extrema facilidade; o casamento que foi para nossos avós ato imposto pelos seus pais como um dever, para nossos pais teve como base amor e encantamento, tornando-se depois coisa banal, tão frágil que qualquer motivo é capaz de separar um homem e uma mulher, apesar das juras feitas diante do Juiz e do Padre. E lá vem o desquite já que divórcio não há.

Longe de mim discutir o nenhum valor do desquite; quero apenas comentar dois deles aparecidos esta semana nos jornais: dois casais recorreram à Justiça para separar corpos e vidas.

◆ O primeiro caso ocorreu em Belo Horizonte onde uma conhecida educadora — diz a notícia que li — ingressou em Juízo com uma ação de anulação de casamento contra seu marido, alegando que, se bem fossem normais seus primeiros tempos de vida conjugal, o marido depois se apaixonou pela Astrologia e daí por diante come-çaram os Astros a mandar em sua casa. Eis um perigoso exemplo e melancólica lição: quantas e quantas pessoas hoje em dia correm aos jornais em busca de seus horóscopos? Conheço muitas que são capazes de passar sem olhar pelos dramas políticos do país, de desconhecerem os perigosos fatos internacionais sempre prenhes de amea-ças guerreiras, para procurar, sôfregamente, o que dizem naquele dia seus astros. Mas voltemos à estória: o marido da referida senhora mineira, passou a só sair de casa quando seu horóscopo assim ordenava; tudo o que faz na vida de bem ou de mal, certo ou errado, declara que foi por ordem dos Astros. E como estes estão muito longe para se defenderem, a pobre esposa não agüenta mais. E' um maníaco apaixo-nado pelas estrelas quando devia ser enamorado da esposa; as influências astrais são as únicas que admite e delas vive. Como pode uma mulher coabitar com um homem assim?

◆ O segundo desquite é mais doloroso: o marido, que é comerciante, não suporta a esposa demasiadamente intelectual, com «mentalidade moderna», preocupada em desenvolver nos filhos o amor pela música, pelo canto e a dança clássica (bravos, minha senhora!), considerando-a uma «apática amorosa, descuidada do lar», enquanto a esposa declara que aprecia a música de câmara ou clássica, bons teatros e o espôso só quer frequentar teatros de revista com mulheres desnudas e piadas picantes. A estória é longa, mas já contei bastante para que os leitores sintam que neste se-gundo lar o que na realidade existe é um profundo choque de formações intelectuais. Só uma pergunta nos ocorre: esse casal quando se uniu não percebeu que seus gostos eram diferentes, muito diferentes? Ou ainda outra pergunta em complemento: a mulher evoluiu depois do casamento ou o homem regrediu? A desgraça anda solta no mundo, dirão os mais velhos; talvez ontem, homens e mulheres tivessem mais pudor e por isso mesmo escondessem o mais possível, dos estranhos, os dissabores, desentendi-mentos e as dores íntimas. Talvez por isso a desgraça dos lares fôsse quase sempre desconhecida. De qualquer maneira esses dois desquites são tristes e dão razão aos estatísticos que afirmam o crescimento das separações conjugais em nosso país.

Uma triste época.

E N E I D A

OS SETENTA ANOS DE

OTÁVIO MANGABEIRA

Vocação Versus Profissão - Vence Na Prática A-
Vocação - Um Engenheiro Construtor de Partidos e Consti-
tuições - O Político e o Administrador.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA



O país assistiu, recentemente, a passagem do septuagésimo aniversário de Otávio Mangabeira. Esse homem público, nascido na Bahia, na freguesia da Sé, em meio a uma família de políticos e intelectuais — Carlos, o irmão mais velho, foi deputado em 1937 e vive no sul, João Mangabeira é atualmente o Presidente de Honra do Partido Socialista Brasileiro, Francisco Mangabeira morreu cedo, deixando fama de excelente poeta —, desde bem cedo revelou sua vocação irresistível: a política. Assim, aos dezesseis anos redigia um violento manifesto contra a Reforma da Constituição Baiana, reforma que, caso aprovada, afastaria a candidatura Rui Barbosa ao governo do Estado, de vez que por ela ficaria estatuído que somente os candidatos residentes em território baiano poderiam concorrer às eleições. Admirador de Rui, como seu irmão João Mangabeira — a quem o grande jurista chamou de «Discípulo Amado» —, não era possível que o jovem Otávio silenciasse, diante da manobra vil dos que buscavam afastá-lo das lutas políticas.

JORNALISTA E ENGENHEIRO

Foi na redação do «Diário de Notícias» de Salvador que Otávio Mangabeira começou a assinar seus primeiros trabalhos na imprensa. Era uma seção de comentários irônicos, em versos. Alguns lhe deram aborrecimentos, pois atacavam figuras de relêvo na política, nas letras e na sociedade baianas da época. Otávio, aos dezoito anos, já conseguia em rápidos traços satirizar os adversários, salientando-lhe, de maneira mordaz e inteligente, as insuficiências e os pontos fracos.

Pouco tempo depois, ingressava êle na Escola de Engenharia de Salvador, de onde saíra, anos após, com um diploma de engenheiro. Não

RETRATO ATUAL de Otávio Mangabeira. Setenta anos dedicados à causa pública. Cinquenta anos de cátedra na Escola Politécnica da Bahia. Autor de obras sobre Machado de Assis, membro da Academia Brasileira de Letras, deputado pelo P.L.



EM 1949, como governador (magnífico) da Bahia, Otávio Mangabeira teve a oportunidade de conhecer Juarez Távora, então chefe da Região Militar sediada em Salvador. Até então, não tinham tido contactos.

chegou, porém, a exercer sua nobre profissão, pois preferiu, a construir pontes e estradas, erguer monumentos mais puros e úteis: partidos políticos e Constituições, fruto de seu ideal e de seu trabalho.

O CATEDRÁTICO MANGABEIRA

Agora, que completa setenta anos de idade, Otávio Mangabeira terá de se aposentar de sua cátedra de Astronomia na Escola Politécnica de Salvador — cátedra que vem exercendo por quase cinquenta anos, apenas com o intervalo de seus dois exílios políticos. Já poderia tê-lo feito há mais tempo, porém não quis, como tantos outros, acumular seus subsídios parlamentares com os proventos de uma aposentadoria, preferindo protelar ao máximo aquele direito que lhe pertencia, antes que de modo mínimo embora onerar o Tesouro Público.

O POLÍTICO

Já vimos como, aos dezessete anos, Otávio Mangabeira já se sentia fortemente inclinado para a causa pública. Mas foi aos vinte e um — no limite mínimo da idade legal necessária para se concorrer a um cargo eletivo, entre nós — que ele conseguiu ser eleito para o Conselho Municipal de sua cidade natal. Foram quatro anos de lutas e de estudos, findos os quais eleito por grande número de votos, embarcou Otávio para o Rio de Janeiro, como deputado federal. Durante dezesseis anos ininterruptos, ele representou, com brilho e eliciência inextinguíveis, a Bahia na Câmara Federal, de que chegou a vice-presidente, com uma breve passagem pela presidência, no impedimento de Arnolfo Azevedo.

O CHANCELER

De 1926 a 1930, Otávio Mangabeira, designado por Washington Luís, foi o titular da Pasta das Relações Exteriores. E o foi com isenção de ânimos, sabendo separar a política da diplomacia, concertando com várias nações vizinhas, tra-

tados de delimitação importantíssimos para a segurança e a paz de nossas populações fronteiriças. Quando Otávio assumiu a pasta, ainda havia por fixar extensos trechos de fronteiras entre o Brasil e as repúblicas da Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai e Venezuela. Mangabeira ratificou 5 convenções, desde 15 de novembro de 1926 até fins de 1929, além de ter estabelecido, com a Grã-Bretanha, a correção de certos textos referentes aos nossos limites com a Guiana Inglesa. Foram feitos acordos telegráficos com Paraguai, Peru e Bolívia; a dívida que o Uruguai ainda tinha para com o Brasil foi

atenuada, devendo a importância que a constituía ser empregada em obras de aproximação entre os dois povos; dois Presidentes da República — Guggiari do Paraguai e Hoover dos Estados Unidos — visitaram o Brasil; por influência de Mangabeira, afinal, retirou-se o Brasil da Liga das Nações, o grande sonho de Woodrow Wilson que se esboroou rapidamente por terra.

O ANO DE 1930

Mas chegou a Revolução de 1930, e Getúlio Vargas desmontou no cenário político brasileiro



MOMENTO HISTÓRICO: Otávio Mangabeira, primeiro presidente da União Democrática Nacional, assina a ata dos legisladores que estabeleceram a Constituição Brasileira de 1946.



DEPUTADO PELA Bahia por cinco legislações consecutivas, de 1912 a 1926, Otávio Mangabeira foi exilado duas vezes e por vinte e quatro anos foi adversário de Getúlio Vargas.

OS SETENTA ANOS DE OTÁVIO MANGABEIRA

— traduzia artigos e reportagens para o «Readers Digest». A princípio, Otávio residia na França, porém com a invasão alemã, em 1941, preferiu rumar para os Estados Unidos. Dali continuou seu trabalho infatigável contra a ditadura brasileira. De sua máquina saíram manifestos e proclamações, artigos e estudos os mais variados, que tinham por finalidade unicamente desmascarar, aos olhos da população ainda não minada pela propaganda do D.I.P., o regime de exceção odioso inaugurado a 10 de novembro de 1937 no Brasil. A polícia brasileira chegou a fazer pressão sobre a revista «Seleções», no sentido de que ela dispensasse os serviços de Otávio Mangabeira, cuja inteligência continuava a ser um estorvo para os planos ditatoriais vigentes.

OUTUBRO DE 1945

Cessa a guerra, porém. E, meses depois, a ditadura brasileira esfacevia-se. Tão logo consegue autorização para o regresso, Otávio Mangabeira desembarca no Rio, em meio uma apoteose. A dois de dezembro de 1945, era eleito deputado, pela União Democrática Nacional — partido de que foi aliás, o primeiro presidente. Permaneceu na Câmara até 1947, quando é escolhido para governador da Bahia. Neste cargo passou quatro anos, e em 1950, ao deixar o mandato recebido das mãos do povo, prefere não se aproximar do antigo ditador de 1937, agora eleito Presidente da República, a despeito de, por várias, inumeráveis vezes, ter sido a

isso incitado. Amigos não lhe faltariam, se quisesse uma conciliação. Mas acha melhor seguir a linha que se propusera em 1930, no dia melancólico que viu Washington Luís seguir para o exílio, espezzinhado mas altivo.

O OTÁVIO DE HOJE

Hoje em dia, Otávio Mangabeira continua sendo deputado pelo P.L. cuja atuação desassombrada e sensata tanto se admira. Após o suicídio de Getúlio Vargas, a 24 de agosto de 1954, poderia ter êle se acercado, com mais títulos e direitos do que qualquer outro, do governo Café Filho. Mas não o fez. Até pelo contrário: em várias oportunidades, chegou a verberar os erros do vice-presidente de Vargas, erros que o levariam, em pouco, às consequências funestas do 11 de novembro.

CONCLUINDO

Assim chegou Otávio Mangabeira aos setenta anos de idade: íntegro, sem fazer concessões aos mesmos ideais que defendia em sua juventude. Símbolo da luta contra o «varguismo», combatido por uns, exaltado por outros, ninguém pode negar-lhe uma coisa: a coerência de suas atitudes, numa linha reta que, partindo dos primeiros anos de sua vida pública — que foram também os primeiros de sua adolescência — atravessou decênios e não pretende quebrar-se até ao fim.

DE VOLTA do segundo exílio, em 1945, Otávio Mangabeira participou ativamente da campanha eleitoral pró-Eduardo Gomes. Ei-lo assistindo a um comício efetuado no Pacaembu.

Ciente dos grandes trabalhos prestados por Otávio Mangabeira à frente do Itamarati, pediu ao baiano que continuasse em sua obra fecunda em prol de nossas fronteiras. Otávio, porém, fiel a Washington Luís, recusou-se terminantemente a continuar prestando seus serviços a Getúlio Vargas. Foi exilado pela primeira vez. E ao regressar, viu-se a braços com a reconstitucionalização do Brasil, que se tentava em 1934. Três anos depois, com o Estado Novo, Mangabeira era de novo exilado. Êle, que nunca desejou qualquer espécie de aproximação com o ditador, não poderia ficar no país sem se constituir em grave ameaça para o instituidor do Estado Novo. Percorreu então longa trajetória de oito anos, fixando-se nos Estados Unidos da América do Norte, onde, para ganhar a vida — modestamente, tal como sempre vivera

EM 1926 Washington Luís designou Mangabeira para a pasta das Relações Exteriores. Ei-lo, no Itamarati, com o ministro peruano Maurtua e senhora. Aparece também Leão Veloso, secretário do chanceler. Em três anos, cinco tratados de limites foram estabelecidos.





O dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, saúda o Exército Nacional. À sua direita estão o ministro Teixeira Lott, o ministro Luiz Gallotti e o general Lima Brayner, e à sua esquerda, o general Odylio Denys e o deputado Flores da Cunha. À direita: Fala, em agradecimento, o general Danton Teixeira, que tem à esquerda o dr. João Saavedra, e à direita o professor Pinheiro Guimarães, o general Saldanha Mazza, o dr. F.E. de Paula Machado e o general Souza Dantas.

HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB AO EXÉRCITO BRASILEIRO

◆ No último domingo de agosto teve lugar, no Hipódromo Brasileiro, a tradicional festa que a aristocrática sociedade turfista dedica, anualmente, ao nosso Exército, na semana dedicada às comemorações do patrono das nossas forças de terra, o Duque de Caxias. No Salão das Rosas foi oferecido um banquete ao ministro da Guerra e a todos os oficiais-generais sediados nesta Capital, sendo em seguida disputado o Grande Prêmio «Duque de Caxias», com a dotação de Cr\$ 180.000,00 ao vencedor, brilhantemente levantado pela égua Roleta, do Stud Lineu da Paula Machado.

Oferecendo o banquete, falou o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, que saudou o Exército Nacional em palavras repassadas da mais pura exaltação patriótica, reverenciando a figura imortal de Caxias, cujo culto enalteceu, dizendo a certa altura: «A efeméride de 25 de agosto entrou para os fastos nacionais. É uma data representativa que tem, para os brasileiros, o mais significativo valor. Evoca toda uma classe que se dedica, exclusivamente, a servir ao país, com desprendimento e abnegação.»

Em agradecimento, e por delegação do ministro da Guerra, falou o general de Divisão Danton Teixeira, destacando o sentido patriótico da reunião, e de cujo discurso destacamos os seguintes e expressivos trechos:

«Agradecemos, assim, Dr. Mário Ribeiro, as palavras de elevada exaltação cívica de sua oração. O Exército brasileiro sempre acompanhou a trajetória vitoriosa do Turfe Nacional. Momento no setor que me cabe dirigir, na administração militar, a Diretoria da Remonta, nela sempre tiveram ressonância as provas evidentes da técnica e da pertinácia dos proprietários dos nossos Haras de criação. Se é verdade que a contribuição da Diretoria tem sido modesta, temos que aceitar entretanto que ela tem dado tudo que lhe permitem seus escassos recursos. Mas agora com a recente Lei número 2.820 de 1º de julho último, vai a criação equina tomar novo e alentador incremento, o que permitirá à Remonta e ao Ministério da Agricultura auxiliar substancialmente os criadores das diversas raças do País.»

«Como vimos neste rápido bosquejo os nossos clarividentes legisladores foram buscar recursos das corridas de cavalo para fomentar a criação de outras raças de mais utilidade ou aplicação prática fortalecendo assim a nossa economia e propiciando sobretudo salvaguardar os interesses da defesa nacional. Mas eu temo, meus senhores, e falo sem reservas, como Diretor do órgão técnico que foi mais beneficiado pela Lei citada, eu temo dizia, que novas leis complementares venham entorpecer,

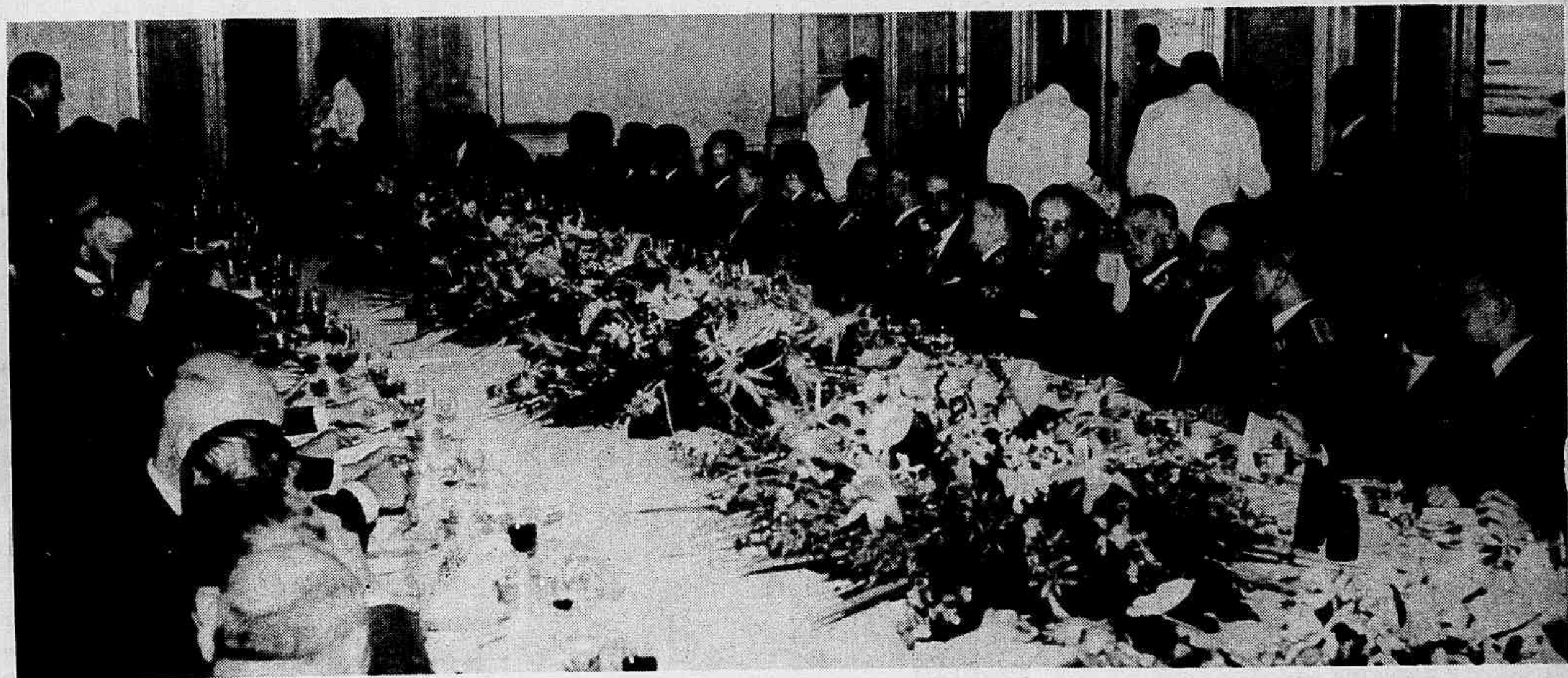
reduzir ou anular os objetivos patrióticos da lei já promulgada. Como podemos limitar o ganha pão de milhares de empregados dos nossos dois grandes hipódromos se nesses mesmos dias da semana que lhes querem imobilizar, as nossas outras praças de esporte regurgitam de espectadores?»

«O turfe e o hipismo são esportes que, além de elegantes, têm frequência popular. As nossas duas maiores cidades são centros de turismo nacional. Caravanas de brasileiros vêm continuamente do interior deliciar-se com as galas da nossa natureza e usufruir os requintes do nosso progresso urbano. Limitar o desenvolvimento normal dessas sociedades será criar problemas sociais de complicada solução. Apelo para os responsáveis a fim de examinarem o assunto com serenidade e isenção.»

«A Cavalaria brasileira tem uma estrela guia. Chama-se Osório. A sua fama, o prestígio, a sedução empolgante do seu porte militar era tal que a soldadesca resumia o seu nome como um grito de guerra, sem os atavios de títulos e brasões — Osório.»

«Ele lê essas campanhas no dorso de um cavalo, que até hoje mantém as suas linhas feno e genótipicas, o cavalo crioulo. A Diretoria de Remonta já assentou e vai pedir a sanção oficial para as normas de adoção do cavalo crioulo como montada definitiva dos nossos soldados. Estudará em Fazenda Experimental a ser criada na nova estrutura do Exército, proposta pelo sr. Ministro da Guerra, e ontem promulgada, o tipo mestiço para esporte e montada dos nossos oficiais, todos com base no cavalo de corrida.»

Estiveram presentes ao banquete no Salão das Rosas o ministro Henrique Teixeira Lott, os generais Odylio Denys, Aristoteles de Souza Dantas, Octavio Saldanha Mazza, Floriano de Lima Brayner, Raphael Danton Teixeira, José Vieira Peixoto, Eudoro Barcellos de Moraes, Leonidas Amaro, Illydio Romulo Colonia, Arthur da Costa e Silva, Floriano Peixoto Keller, Djalma Dias Ribeiro, Augusto Corrêa Lima, Armando Villanova de Vasconcellos, Aurelio Alves Ferreira, Inimá Siqueira, Amaury Kruel, Emilio Maurell Filho, Augusto da Cunha Magessi Pereira, Rodrigo José Maurício, Benedito Cesar Rodrigues, João Batista de Matos, Aureliano Luiz de Farias Antonio Alves Filho e Armando Dubois Ferreira, capitão William Stockler Pinto, senador Adolpho Krieger, deputado Flores da Cunha, drs. Fábio Prado e Ulysses Paes de Barros, presidente e secretário do Jockey Club de S. Paulo, sr. Fabio Bey, presidente do Jockey Club de S. Vicente, além da diretoria do Jockey Club Brasileiro e membros das diversas comissões.



Aspecto do banquete no Salão das Rosas, notando-se a mesa finamente ornamentada de orquídeas e flores silvestres.

A SEMANA EM REVISTA

FARUK, Rei (aposentado) do Egito, está em Trieste. Em sua companhia viaja a senhorita Capece-Minutolo, que muitos consideram o seu último romance. Um dos «hobbies» de Faruk é o canto. Nesse particular também, parece-se o adiposo ex-soberano com seu colega Nero...

MARILYN MONROE talvez tome parte em um filme, a ser rodado brevemente em Moscou. Isso, pelo menos, é o que revelou o vice-ministro da Educação russo, Wladimir Surin.



NASSER RESPONDEU aos países que se reuniram em Londres, há poucas semanas, e que lhe haviam enviado os resultados da Conferência, que a atitude do Governo Egípcio para com o Canal de Suez já tinha sido tomada, e só poderia ter sido aquela: a nacionalização, da Companhia do Canal de Suez.



O REI Balduino, da Bélgica, era apontado como noivo da princesa Isabel, filha dos Condes de Paris. Acontece, porém, que quem vai se casar com a menina é o irmão do soberano, príncipe Alberto. Como diria o nosso Jeff Thomas, Balduino continua na prateleira...



EZIO PINZA, famoso baixo do Metropolitan Opera House, atualmente na Itália em gozo de férias, sentiu-se mal, e quase falecia. Porém, já está melhor, e fora mesmo de perigo. Pinza tem 61 anos, e antes de ser o principal cantor de seu registro, no mundo — substituto que é do famoso Chaliapin —, foi ciclista profissional na Itália. Ainda hoje gosta de corridas de bicicleta e de lancha. Mas terá de se afastar agora de tais atividades.

INTERNACIONAIS

NA NORUEGA está o «Duque de Caxias», navio-escola brasileiro que conduz mais de uma centena de aspirantes.

NA ALEMANHA, existe certo movimento que busca a reabilitação de Adolf Hitler. Livros vêm de ser editados encomiando a memória do Fuehrer, e jornais e revistas lhe dedicam vastos e chorosos artigos. Aliás, o mesmo acontece de há muito na Itália, com o Duce.

LIN YU-TANG, que mora em Cannes, está escrevendo um livro sobre a cozinha chinesa. O famoso escritor chinês inventou uma máquina de escrever chinesa, no exato momento em que o alfabeto chinês foi simplificado para trinta e uma letras...

EM VENEZA, foi iniciado o Festival anual de artes plásticas, música, cinema e teatro. Stravinsky escreveu uma ópera especialmente para a ocasião.

LLOYD BINFORD, o mais famoso censor cinematográfico do mundo, faleceu há pouco, aos 83 anos de idade. Binford, que morava em Memphis, no Tennessee, proibia sistematicamente todos os filmes em que aparecia Ingrid Bergmann, e explicava: «Condene o procedimento pessoal dessa atriz...»

PETER TOWNSEND chegou a Londres inesperadamente, a fim de assistir à conferência anual de adidos aeronáuticos britânicos. Já há novos boatos a respeito de um possível casamento entre Townsend e a princesa Margaret. Isso porque Margaret partirá em setembro para a África Oriental Britânica, e pela mesma época ali se encontrará o coronel, em seu já tão propagado «raid» de jipe em torno do mundo. Mas esse assunto, positivamente, já está enchendo

MARIA LUIZA CAROPPO, jovem de curvas mais ou menos alucinantes, compareceu a um programa de TV, em Milão, para responder a perguntas sobre Literatura Grega. A jovem terminou por ser aliciada do programa, porque os pais de família achavam suas formas por demais provocantes...

UMA BOMBA atômica explodiu, segundo Eisenhower, a sudoeste da Sibéria. Donde se conclui que os pacíficos russos também de quando em quando se dão ao luxo de inaugurar uma nova armazinha...

FORAM POSTAS no Index duas obras da famosa escritora Simone de Beauvoir, espécie de Jean Paul Sartre de saias: «Les Mandarins», e «Le Deuxieme Sexe».

HENRY SALVADOR, famoso cançonetista francês, durante uma apresentação em uma estação de TV milanesa, fraturou uma perna. Agora, seis meses após o corrido, pediu uma indenização de 34 milhões de liras pelo ocorrido. Será que as pernas dele são mais valiosas que as de Marilyn?

FILIFE DE Edimburgo, durante uma prova de pólo realizada em Londres, caiu do cavalo, sem se machucar. O que chamou a atenção dos presentes foi o fato de a Rainha Elizabeth, que estava presente, não se importou nem um pouquinho com a queda do espôso. Ela aliás já se havia mostrado contrária a essas atividades esportivas do jovem príncipe consorte.

FALECEU AOS 62 anos de idade o ultra-famoso dr. Alfred Kinsey, que se notabilizou ao estudar, com detalhes que chocaram muitas vezes seus milhões de leitores pelo mundo afora, o comportamento sexual dos seres humanos, em dois Relatórios estampados em 1953.

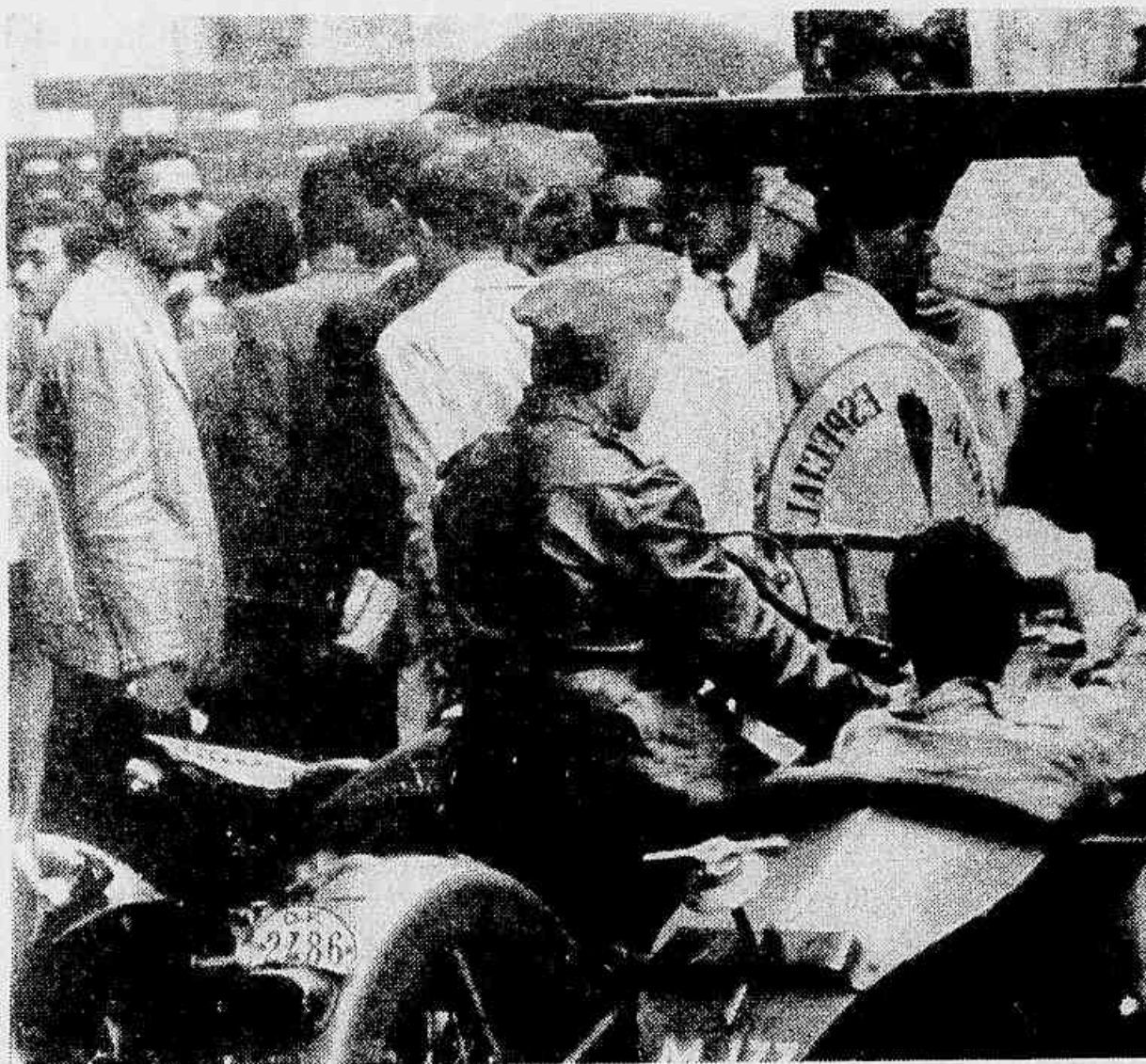
CHEGOU ao Rio o navio espanhol «Ciudad de Toledo», que traz a exposição-flutuante espanhola de 1956. A idéia de se efetuar uma viagem de amizade como a que ora enceta o «Ciudad de Toledo» partiu do ministro do Comércio de Espanha, Arburua. Uma comissão de representantes do comércio e da Indústria espanhóis se incumbiu dos detalhes, inclusive do trajeto do barco, que aliás foi totalmente construído na Espanha. Todos os produtos espanhóis, do vinho aos aparelhos de precisão, da porcelana aos mais pesados caminhões, estão representados nessa Exposição-flutuante. Sobretudo interessante o modelo do carro espanhol de luxo, o «Pegaso». O navio ficará cinco dias apenas no Rio, e depois visitará Santos, Bahia e Recife.

A esposa do Presidente da República, Dona Sarah Kubitschek retornou de sua viagem à Europa, até onde foi em companhia da filha, Márcia, a fim de submetê-la a um tratamento médico.

FRANÇOISE SAGAN, autora de «Bonjour Tristesse» e «Un Certain Sourire», está decidida, ao que parece, a dar um pulinho até ao Brasil.

CERTOS DEPUTADOS apresentaram um projeto, pelo qual se permite, aos membros do Legislativo, a importação de jipes, ao câmbio oficial, com isenção de direitos alfandegários e outros bichos. É ou não é caso para os tanques irem para as ruas?

OUTRA GRACINHA que se pretende fazer: a criação do Estado de Tapajós, desencravado do território do atual Pará. Só para dar emprego a mais um governador, naturalmente.



O FECHAMENTO da «Tribuna da Imprensa», no dia 24 de agosto, foi o acontecimento mais grave a ser focalizado nessas notas. Ele é um sintoma de que o país não vai bem, do ponto de vista constitucional. E nem do administrativo, de vez que até hoje não se sabe por ordem de quem aquele vespertino deixou de circular, justamente dois anos após a morte de Getúlio. A ordem não veio nem de Juscelino, nem de Nereu Ramos. Dizem que veio do chefe de Polícia. E é justamente esse poder que se outorgou a um chefe de Polícia, de tomar medidas de tão grande gravidade a seu bel prazer, que traduz o clima de intolerância e de policiamento que estamos vivendo.

NACIONAIS

JÂNIO QUADROS, governador de São Paulo, quase encontrava a morte, em um acidente de aviação, quando o avião em que viajava, não conseguindo aterrissar dentro dos limites do campo de pouso, foi obrigado a novamente levantar voo, tendo ainda roçado alguns pés de eucaliptos. O acidente ocorreu em Jaú.

PARA QUE nela habitem durante aproximadamente um ano, unidades da Marinha Brasileira ocuparão a ilha da Trindade, situada a cerca de 600 milhas da cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo.

TUTSI BERTRAND voltou dos Estados Unidos, onde passou mais de um mês. Parece que a loura

Tutsi foi contratada para fazer uma ponta num filme da Columbia, e deverá voltar breve para os «States».

QUASE que o Teatro da Ópera de Pequim, que de ópera não tem nada (donde não há a possibilidade de as senhoras de ministros nele tomarem parte...), não podia mais exibir-se entre nós, brasileiros, não propriamente por causa daquela inconveniência, mas porque os sabichões de nosso Governo descobriram que nas peças exibidas existem teses marxistas... Ora, tomem juízo!

JUSCELINO KUBITSCHKEK foi condecorado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, numa solenidade realizada na sede daquela agremiação esportiva. O motivo ainda não está bem esclarecido, mas parece estar ligado ao 58º aniversário do clube.

A CAPITAL do Brasil será definitivamente mudada no dia 21 de abril de 1960, segundo informa na Câmara Federal, o deputado (otimista) Emival Caiado. A primeiro de abril não ficava melhor?

RUI DE ALMEIDA, ex-deputado pelo Partido Trabalhista Brasileiro, faleceu a semana passada, após delicada intervenção cirúrgica. Rui de Almeida, que foi igualmente professor no Colégio Militar, falece aos 57 anos. No Exército, chegou ao posto de coronel; como deputado, ocupou, certa ocasião, o cargo de Primeiro Secretário da Câmara.

O MINISTRO da Saúde, Maurício de Medeiros, inaugurou em Guaratinguetá o Pavilhão Maurício de Medeiros. Devia deixar que outrem se encarregasse do fato. Afinal, modéstia não faz mal a ninguém.



NOS SALÕES da antiga «boite» Monte Carlo, na rua Marquês de São Vicente, estudantes da Escola Nacional de Belas Artes fizeram realizar o primeiro baile «Formas e Côres» realizado no Rio de Janeiro, e que, segundo sua intenção, deverá ser efetuado anualmente, pela mesma data. Aliás, o prefeito tenciona transformar essa festa dos artistas plásticos em

um dos tópicos do calendário turístico carioca. A Escola de Samba de Portela compareceu à festa, para abrilhantá-la com seu ritmo. As fantasias foram poucas, vendo-se mais trajes improvisados do que outra coisa, e tudo nas côres preta e branca, que foram as oficiais da noite.

N

A segunda semana Otávio podia receber visitas. A Seção de Compras e Vendas apresentou-se completa; nem Pigmalhão faltara, pequeno, desconfiado, cheio de complexos, ambicioso e sempre deslembado. A diretoria lêz-se representor pelo dr. Magalhães, com «pinça-nez» e gravata borboleta.

As piedosas manifestações chocaram-se ante a naturalidade do enfermo, mas Otávio notou a perplexidade nos olhos de Teresa.

— Não saberei explicar-lhe, senhor Magalhães. A morte é um único momento, em vão buscamos reconstituí-lo, mas é um instante pequeno demais para que se consiga memorizá-lo.

— Mas o senhor não morreu.

— Um acidente dessas proporções é quase morte, muita coisa vive em função das pernas. Suponhamos que eu fôsse um jogador de futebol; a perda de minhas pernas seria a última manchete a aparecer com meu nome.

— O senhor não é um jogador de futebol, nem sua vida é condicionada ao uso desses membros.

— Correto. A incompletação, porém, é uma nova forma de morte. A maioria das realizações exige um todo para criador. Eu sou uma fração, apenas isso.

— Meu caro senhor Otávio, as frações permitem todas as operações.

— Assim é no campo matemático, não no lógico. Jamais meio adicionado a meio será um; a subdivisão sempre existirá. A soma adicionada, não restabelece.

O gerente tinha outros compromissos, não poderia continuar aquela discussão inconsequente. Deixou-o breve com o olhar de Teresa.

Quantas respostas exigia Teresa naquele mutismo, quantas perguntas se fazia?

— Mas logo agora, Otávio, na época daquele nosso passeio.

Imprudência de Nilo. Há palavras vedadas a um aleijado: passeio, andar, dançar, sapato, sapato... Teriam suas pernas sido enterradas com aqueles sapatos que tanto desagradavam a Teresa? Seria isso que seus olhos procuravam? Seus sapatos.

Teresa tinha o direito de sentir-se feliz; ele já não calçaria mais aqueles sapatos, e já não podia ir. Já não podia ir... Era diferente agora a construção; antigamente brincava: — «Mãe, posso ir?» — «Pode.» — «Quantos passos?» Já não era assim. Em outros tempos sua vontade

do automóvel. Avançara um minuto para perder; e Madalena voltando para casa, indagando de sua ausência, pensando que a covardia ante a responsabilidade levantara-o a recuar, deixando-se envolver novamente pelo abraço do marido...

— Vocês precisam conhecer os outros: o poeta, o catequista, o deputado, o filósofo, o papai, o anjo. E aí está a Rosa branca, razão de minha permanência aqui.

Rosa aproximou-se do grupo, cumprimentou-os, acrescentando:

— Sinto muito, mas os senhores têm apenas cinco minutos. O senhor Otávio é capaz de torná-los mais doente do que ele; ele não foi apresentado ainda, é o pessimista.

O olhar de Teresa envolveu-o numa ternura quente, deixando que a tristeza descolorisse o verde claro de seus olhos. Ele já não tinha pernas para caminhar até ela.

A sineta da enfermaria soou, marcando o fim da entrevista. Era o instante em que se não podia assistir, de olhos enxutos, à cena que se desenvolvia na cama de Cícero. Os dois meninos eram abraçados como se o pai não os fôsse ver nunca mais, o beijo da esposa tinha a brevidade eterna dos que temem, e as lágrimas naufragavam os olhos ardentes que se perdiam dentro do corpo abandonado.

O grupo ordenou-se, e as mãos levaram-lhe o conformado conforto dos saos: Airton, Pigmalhão, Nilo, Léa, Carlos, Teresa. A Seção de Compras e Vendas completa, até Pigmalhão, raquítico, de voz fanhosa e expressão acanhada:

— Esperamos vê-lo de volta em breve, chefe. Outra palavra importuna para um aleijado — Chefe. A liderança exige supremacia, transbordamento adjetivo diante dos subordinados.

Teresa nada saberia dizer-lhe. As mãos perderam-se nas suas, e as palavras foram ciciadas, inaudíveis. Os olhos falaram alto: «Se estivesse comigo nada teria acontecido. Esta mulher só poderia dar isto. Bem feito... Coitado... Otávio... Otávio...» Depois o olhar adicionou palavras, subtraiu-as, deturpou-as, e tornou-se vazio e verde.

A enfermaria voltaria aos dias de tranquilidade, e não precisaria responder tantas perguntas. A porta, Teresa deteve-se, acrescentou um pouco de verde e pergunta ao quarto.

VI — D. INÉS

D. Inés era magra e longilínea. Usava roupas



O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

de estava dependente, agora era inútil tal vontade.

— Conte-nos como foi isso, «seu» Otávio. O senhor que era tão previdente, tão cuidadoso em todos os seus gestos...

— Simples como o maior mistério do mundo. Julguei que teria tempo para atravessar a rua, o automóvel foi mais rápido. Acordei sentindo forte compressão nas pernas, e elas já não eram.

Queria responder as perguntas de Teresa, não lhe esconderia a verdade. Sim, ia fugir com Madalena; a ansia de levá-la para longe, tirá-la de junto do marido, possuí-la sem sobressaltos, o incontido desejo provocado pelo rolo mareno fizeram-no esquecer-se da velocidade

claras e traria em todas as visitas um enorme embrulho para o filho. Walter esperava-a com uma alegria infantil, parecia uma criança a espera do filme «Tar-west».

Os passos miúdos consumiam rápido o espaço que a separava da cama do filho, enquanto saudava com voz cantante os presentes. Tinha sempre uma palavra carinhosa e alguma coisa no embrulho para os hóspedes daquele quarto.

— «Seu» Leopoldo, não esqueci de suas luvas para as noites. Aqui estão; a lá não é muito boa, mas também o senhor não as vai usar em nenhum baile do Municipal. Trouxe-lhe cigarros. Marcos, conquanto pense que você faria melhor se abandonasse o vício.

Logo voltava-se para o filho. As lágrimas não desluzavam porque as continha o dique da esperança. Enterrava os dedos na cabeleira recém-penteada, desmanchando-lhe o topete arranjado com paciência.

— Você está muito melhor hoje. Não vejo razão alguma para continuarem mantendo você aqui; amanhã mesmo falarei com o doutor. Você já pode ir para casa; virá aqui duas vezes por semana para os curativos; não vejo necessidade para outra operação, não o incomoda esse canudo. Seria melhor deixar assim que despertarem a doença. Não lhe falta nada, meu filho? Aqui estão os bolinhos que prometi. A enfermeira disse que você pode comê-los.



— Mamãe, como vai Irene? Faz um mês que não me visita, nem titia; será que já esqueceram da gente?!

— Nada disso. Está na época das provas parciais, e Irene tem estudado muito. Encontrava mais alguma coisa no embrulho:

— Seu Leopoldo, é este o livro que o senhor falava? Imitação de Cristo? Pois saiba que eu o tinha e não me lembrava. Comecei a lê-lo como o senhor aconselhou; quando estou preocupada, abro-o ao acaso e leio. Olhe só o que li hoje, deixei até marcado para mostrar-lhe.

Caminhou até a cama do velho, o único além de Otávio sem visita naquele dia, e leu em voz alta:

«Graças Vos dou porque me não escasseastes os males, antes me feristes severamente, enviando-me dores e angústias interiores e exteriores.»

Havia em d. Inês certa inquietude psíquica. O marido morrera cedo, deixando-lhe o filho com menos de seis anos. Conseguira educá-lo até o ginásio, com o emprêgo penoso numa loja de costura. O auxílio do rapaz foi necessário, abandonou o colégio passando para o escritório de uma fábrica de tecidos. Um dia Walter voltou para casa com dores fortes no abdômen, as tripas pareciam revolver-se dentro dele; de-

ram-lhe massagens, fizeram-no beber chás, até o momento em que se viram forçados a chamar a ambulância.

A intervenção cirúrgica não adiantara muito; o médico suspeitava de uma lesão cancerosa aliada à doença primitiva. Outorgaram-lhe um ânus complementar na barriga até a operação decisiva, adiada pelos médicos num respeito solene à ânsia de vida existente nos olhos de Walter. D. Inês adivinhava novas melhoras cada dia, prometia ao filho levá-lo para casa, tentando convencer os médicos da desnecessidade de manterem o filho no hospital.

O velho Leopoldo não estava hoje com a convicção dos iniciados. Leu o texto, tergiversou, ensaiou alguma paráfrase sobre a infinita bondade de Deus, tentou conceitos sobre piedade, e confortou a senhora com a bem-aventurança:

— «Bem-aventurados os que choram, porque esses serão consolados.» Bem-aventurados, d. Inês.

Junto à cama de Otávio a velha senhora sempre se detinha. Sentia pena daquele moço forte, bonito, que raras vezes recebia visitas. Condoía-se de sua situação, sem família que zelasse por seu estado e o auxiliasse naquela circunstância desastrosa.

Otávio agradecia a deferência, que lhe trazia a presença da mãe tão cedo conduzida, e quase esquecia a reserva em que se mantinha, na solteirice de contar-lhe os problemas que criara. Refletia, fechava-se, controlava a torrente de palavras que ameaçava derrubar-se e tratava do companheiro, aceitava os pontos de vista de d. Inês, dizia que, realmente, Walter estava muito melhor, aconselhava-a a conversar calmamente com os médicos.

D. Inês guardara para o fim a surpresa. Sim, «gente velha também pode fazer surpresas», e, quando Rosa entrou para anunciar o próximo término da visita, pediu-lhe:

— Minha filha, pode trazer-me aquele embrulho que deixei com você? Agora todos poderão divertir-se, desde que não façam muito barulho. Falei com o médico e ele me disse não haver inconveniente algum.

Abriu o embrulho que Rosa trouxera, deixando à mostra o pequeno rádio de uma faixa.

— A senhora é um anjo, mamãe.

Reunidas suas coisas, despediu-se d. Inês dos hóspedes, e, no passo miúdo habitual, atravessou a enfermaria sob os primeiros compassos do samba estilizado.

(Cont. no próximo número)

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

(Continuação do número anterior)

Desenho de RAMON

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay

N

A realidade, todas essas coisas abertas têm apenas uma finalidade: fazer crer ao mundo que o sistema soviético ainda engana, está ainda na infância. Procura-se o mais custo cumular a operação maior, dispersar a atenção do grande público — atenção perigosa, incômoda aos designios do Soviet Supremo.

O Universo, que apenas conhece um número bastante limitado de sabios russos, experimenta inclusive uma espécie de pânico para com aqueles pobres diábolos que nutrem planos tão vagos e fantásticos. São barbares ainda, crianças grandes, não sabem o que fazem.

UM BANQUETE A RIBBENTROP

O banquete dado em homenagem a Sua Excelência o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich terminou não tão muito. Stalin e Kapitz trocaram algumas palavras na sala de espera do Kremlin. O presidente da Comissão de Relações Exteriores do Soviet Supremo, André Iódanov, tomou parte naturalmente, em todas essas cerimônias, sem perder de vista, um só momento, as suas obrigações diplomáticas.

É verdade que o banquete foi, para ele, verdadeiro tortura. Gordo em demasia — pesando mais de cem quilos, e vaidoso como um jovem, to-davia — teve de contentar-se somente com tocar aqui e ali nas iguarias finíssimas.

Infortunadamente, tinha de comparecer. Pois era parte de suas obrigações estar presente a qualquer recepção, banquete ou homenagem em que estivessem Stalin, Molotov ou Kálinin. Seu rosto redondo e bulhento — insignia excelente para um laboratório lunar — está em todas as fotografias oficiais.

Quem, pois, estranharia que o presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros fosse chamado por Stalin, depois do banquete para trocar algumas palavras? Todos sabem que, enquanto Ribbentrop estiver em Moscou, também Iódanov ali estará.

Respondendo ao chamado de Stalin, Iódanov penetra no salão em que o senhor do Kremlin se encontra, e logo ouve de seus lábios:

— Kapitz também é de opinião que se deve fornecer a Kourichatov tudo o de que necessita para prosseguir em suas pesquisas. Vostrennenki há de financiar as quantias que forem necessárias. Pelo menos por enquanto, a situação está contornada. Mas é essencial que se faça o máximo de silêncio em torno a operação. Silêncio, e nada mais!

Iódanov não sabe com exatidão o que Stalin entende por silêncio máximo. O ditador pouco se importa com o que possam pensar o seu respeito, ou o respeito de suas palavras. Que lhe interessa que alguém o incriminem de indolência? O que deseja, e deseja muito, é para que não protejam ou contrariem. Suas respostas às objeções que Iódanov ainda arrisca são ríspidas e incisivas.

— Mas é preciso que pelo menos o estrangeiro saiba o que estamos fazendo e o de que somos capazes. Senão, quem acreditará em nós?

— Isso de acreditar ou não em nós, para mim é o de menos. O que importa é que o mundo pense que estamos a ponto de morrer de fome. Deixe que pensem todos o que bem desejarem. O que temos interesse é que todos tomem cuidado com seus respectivos setores de at-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Em silêncio, sorrateiramente, continuam as experiências levadas a efeito por Piotr Kapitz e por um imenso grupo de cientistas soviéticos. Ilya Enemburgo, o mesmo famoso romancista da atualidade, desenvolve uma enorme campanha de descrédito contra os nomes mais ilustres com que conta a ciência soviética, visando, com tal medida, desviar a atenção dos observadores ocidentais do que se vem efetuando, em matéria de física atômica, no território misterioso da União Soviética. Iódanov é o chefe da campanha. Ele é quem toma todas as medidas e precauções, ele é quem traça as coordenadas da operação magna. É um homem incrivelmente inteligente, frio e calculista.

REVISTA DA SEMANA — 12

vidades. O que o mundo pensa de nós, não sei. Mas dentro de pouco ter de saber quem somos.

A saída do banquete, Iódanov recebe novas instruções. É preciso intensificar o esforço armamentista, para prever a uma guerra que talvez esteja bem próxima.

Presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros, convocado para receber instruções concernentes à grande operação atômica, Iódanov também manifestar-se-á como chefe da propaganda soviética.

A 17 de setembro de 1939, a Rússia entra praticamente na guerra, sem ter contudo declarado guerra a ninguém. Iódanov, cumulado de trabalho, não se esquece porém, nem um minuto de sua operação atômica.

No pátio de casa dos primeiros dias de operações bélicas, ninguém nota o embarque de Kourichatov e de seu laboratório para Leningrado. O m-



KAPITZA TAMBÉM É DE OPINIÃO QUE SE DEVE FO

vimento aliás é efetuado de modo discreto, tão discreto que poder-se-ia até pensar num desaparecimento do sábio, provavelmente tombado em desgraça e recolhido a uma penitenciária estadual. Mais tarde, porém, saber-se-á que ele quis dissimular apenas sua mais importante descoberta, da espionagem estrangeira.

Até mesmo Ioffe se inquieta com o desaparecimento de Kourtchatov. Estamos a 28 de setembro de 1939. Na véspera chegara Ioffe a Moscou, vindo de Leningrado, para justificar seu renome de homem ao corrente de tudo. Inútilmente tenta telefonar para Kourtchatov. Não há resposta. E' claro que o homem desapareceu.

Cansado de tentar explicações para o fato, vai em procura de Kapitza.

— Piotr, sabes acaso onde anda Igor? Ele desap...

A última palavra não chega a ser concluída.

IDANOV, O HÁBIL

Kapitza, mergulhado até às orelhas em seu trabalho, mal escutou o desaparecimento de seu amigo, narrado por Ioffe, e já se precipita na direção de Stalin. Esse o recebe de muito bom humor:

— Mas esse André é mesmo um gaiato, um bom tipo!

E depois explica tudo: Kourtchatov está em Kamienny, ilha distante apenas oito quilômetros da casa de Ioffe, em Leningrado...

— Então, voltemos, camarada... — diz Ioffe, algo desconcertado, quando deixam o Kremlin.

— Idanov sabe o que faz, explica Kapitza.

Em propaganda, Idanov não se mostra menos hábil. O Pravda e a Rádio de Moscou continuam nos ataques aos cientistas russos, revelando burradas inexistentes. E' claro que, a respeito de átomos e de bombas atômicas, nem uma só palavra é dita.

Este método, porém, tem um inconveniente: de tão usado, terminará por fatigar a todos, e talvez venha a ser então descoberto por algum espertalhão. Não é necessário só demolir, mas também, de quando em quando, reconhecer algumas vitórias.

Em homenagem a seu protegido, o professor Vosnessenski, reitor honorário da Universidade de Leningrado, Idanov convoca uma conferência. Estamos em 1940, no verão. Os nomes que poderiam trair os planos governamentais já foram devidamente expurgados. O de Kapitza figura na lista de convidados. Mas, antes da abertura do plenário, ele ainda pode fazer uma grande viagem. A elite das ciências físicas e naturais russas está reunida em Leningrado. E o tema da discussão é «Problemas sobre os Estados Líquidos».

O professor Kapitza abre a reunião, pronunciando algumas breves palavras inocentes a respeito do hidrogênio e das descobertas a ele relativas, obtidas nos últimos anos. O método já está ficando ultrapassado, afirma ele, porém, ainda tem grande utilidade.

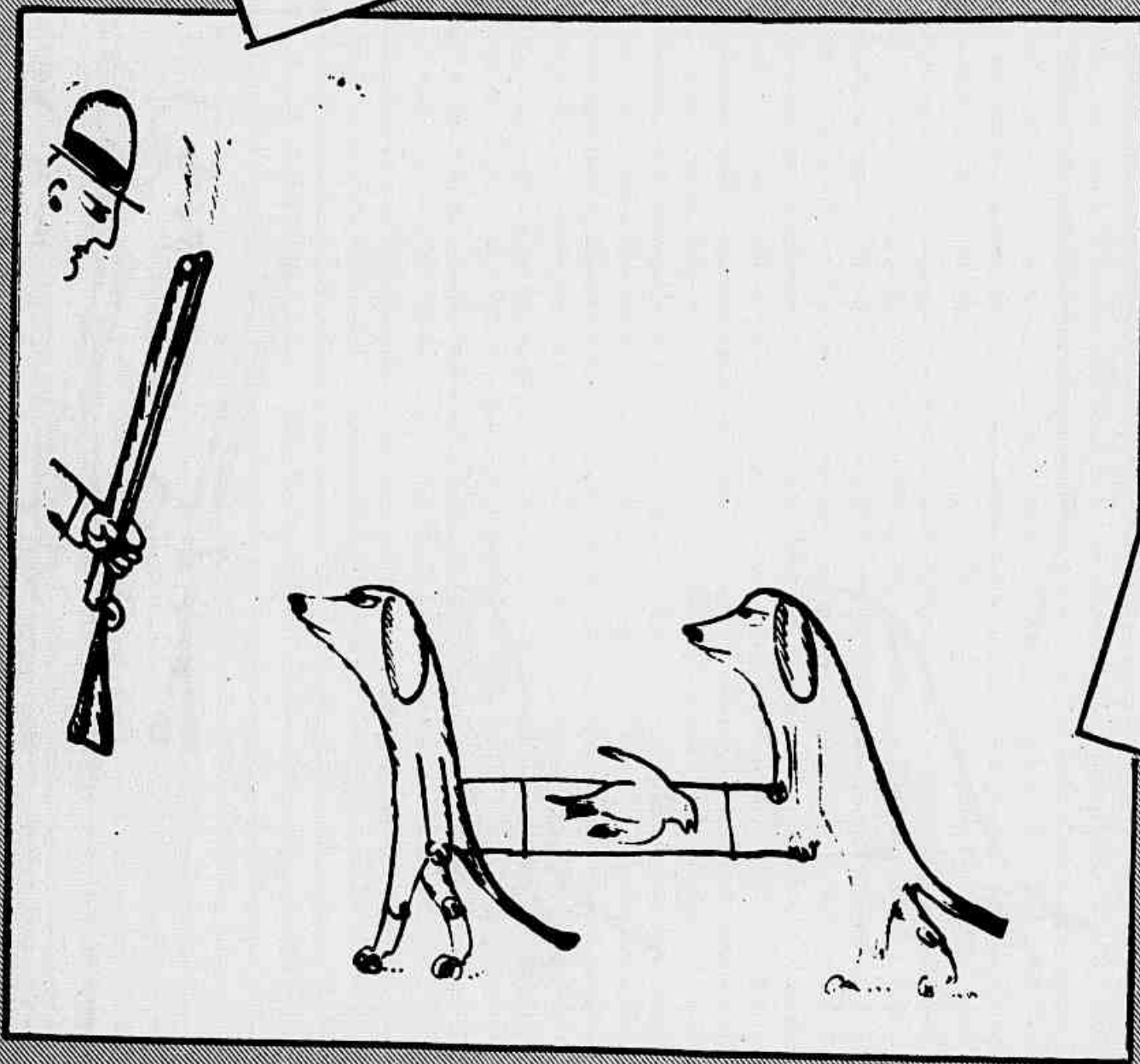
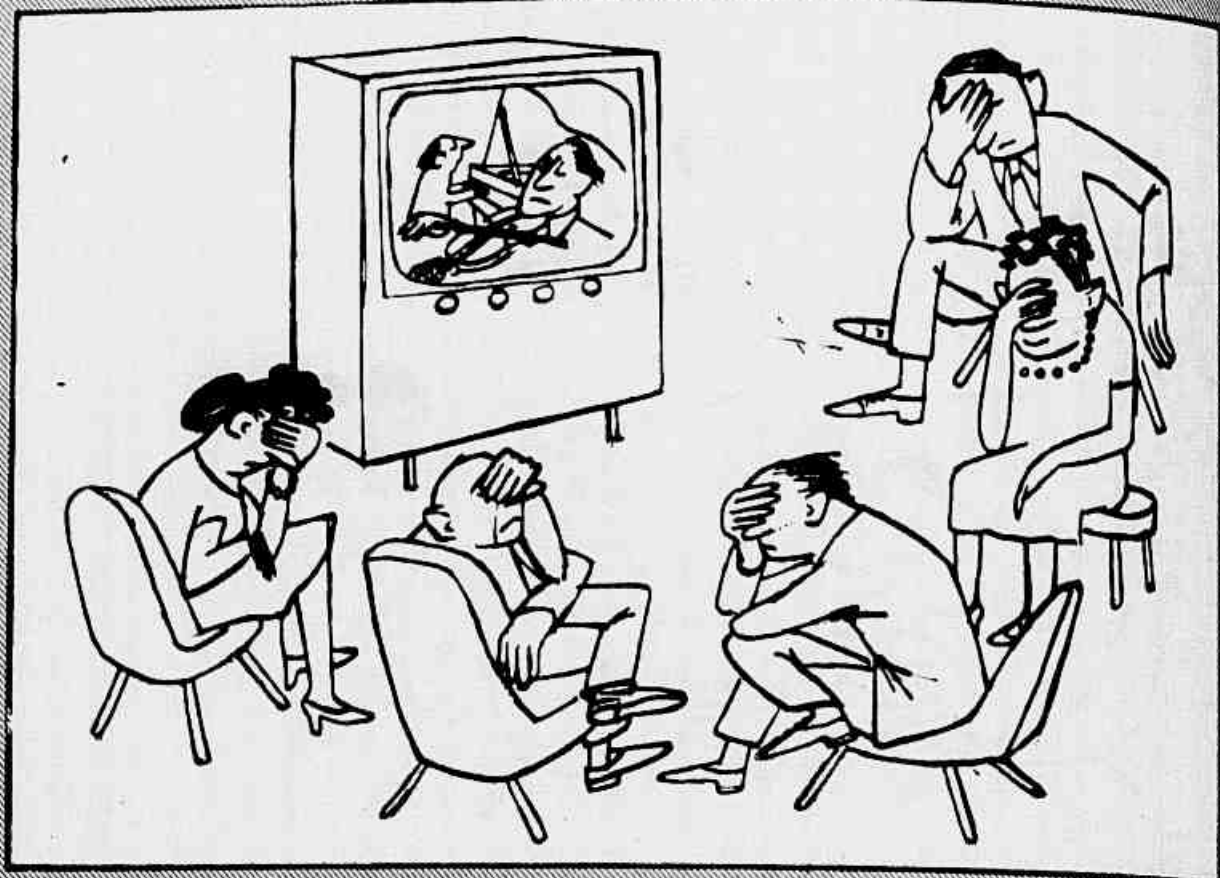
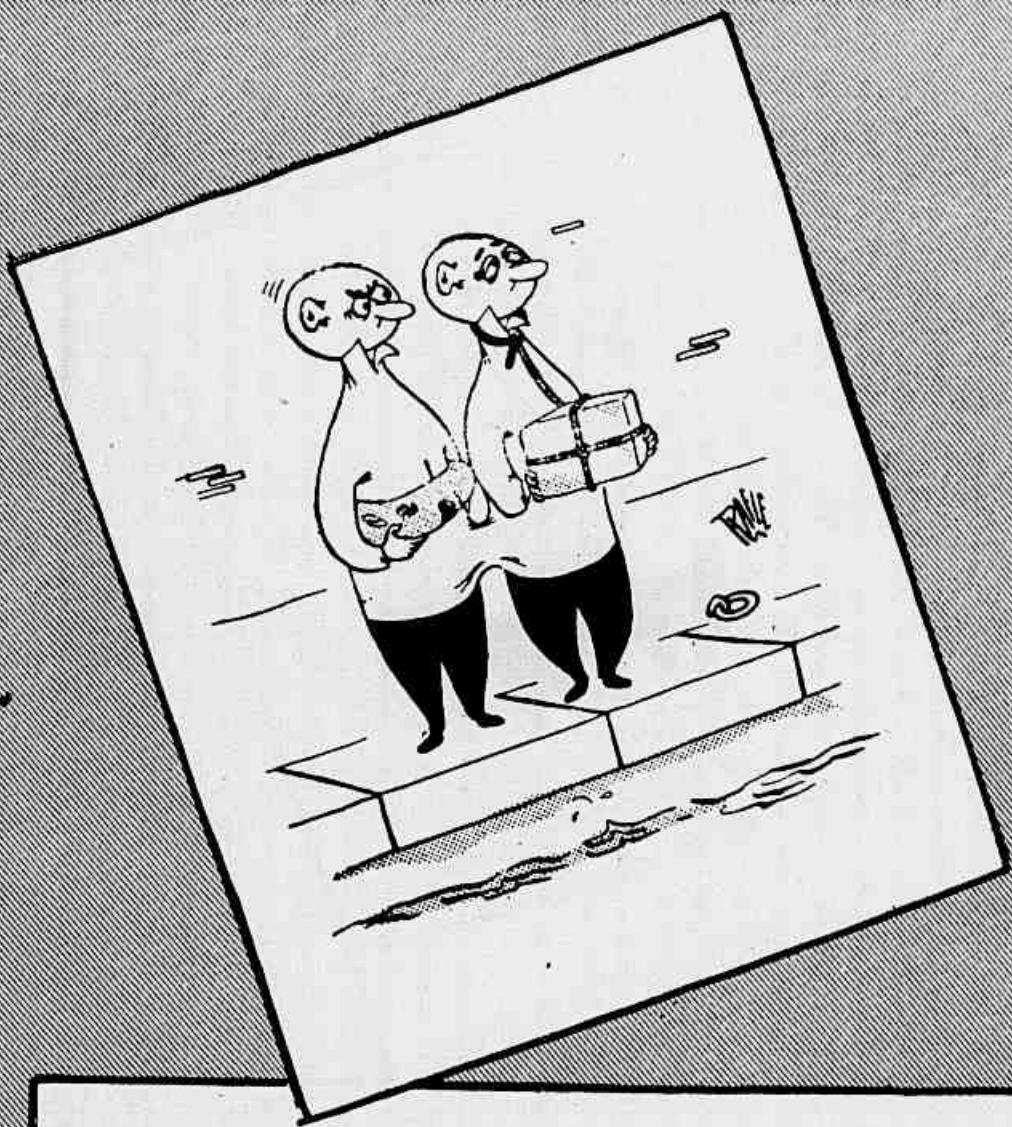
O mundo científico só muito mais tarde há de entender, em todo o seu alcance, o que foi aquele congresso de «brincadeiras». Por intermédio de Kapitza, terá conhecimento de fontes insuspeitas de energia, que se poderia atingir partindo de elementos mais leves, a começar do hidrogênio. Pela primeira vez na história da física, falou-se sobre o deuterium, e considerações profundas foram tecidas a respeito dessa noção até então inocente.

«Desejam ficar nos domínios estritos da realidade», afirma Kapitza, «e enquanto os estrangeiros consagram somas vultuosíssimas para a descoberta de explosivos, nós russos bem conhecemos nossas limitações. Só procuramos obter aquilo que está ao alcance de nossas mãos. Apenas andamos no encaço das possibilidades pacíficas do hidrogênio; e nossas pesquisas estão especialmente orientadas no sentido de ser alcançado o zero absoluto, um terreno inteiramente desconhecido até hoje...»

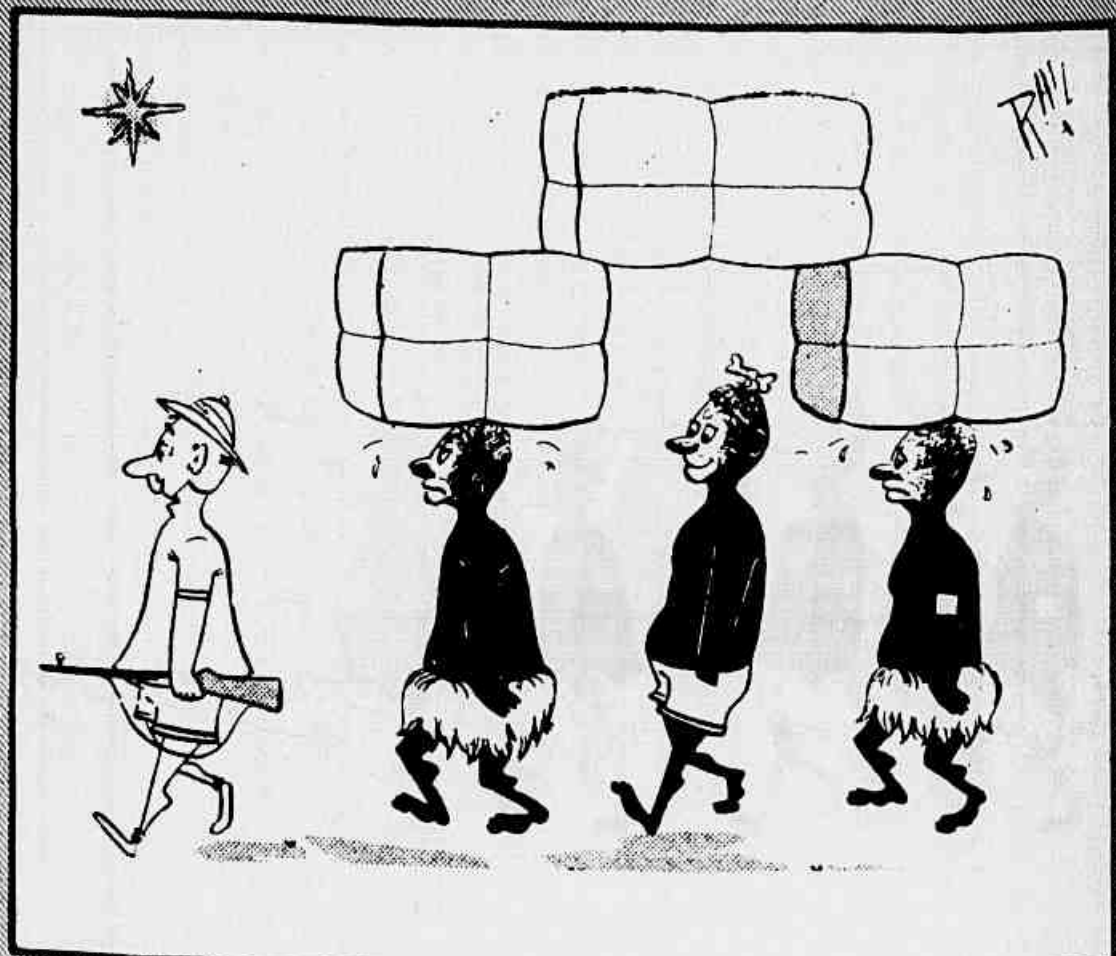
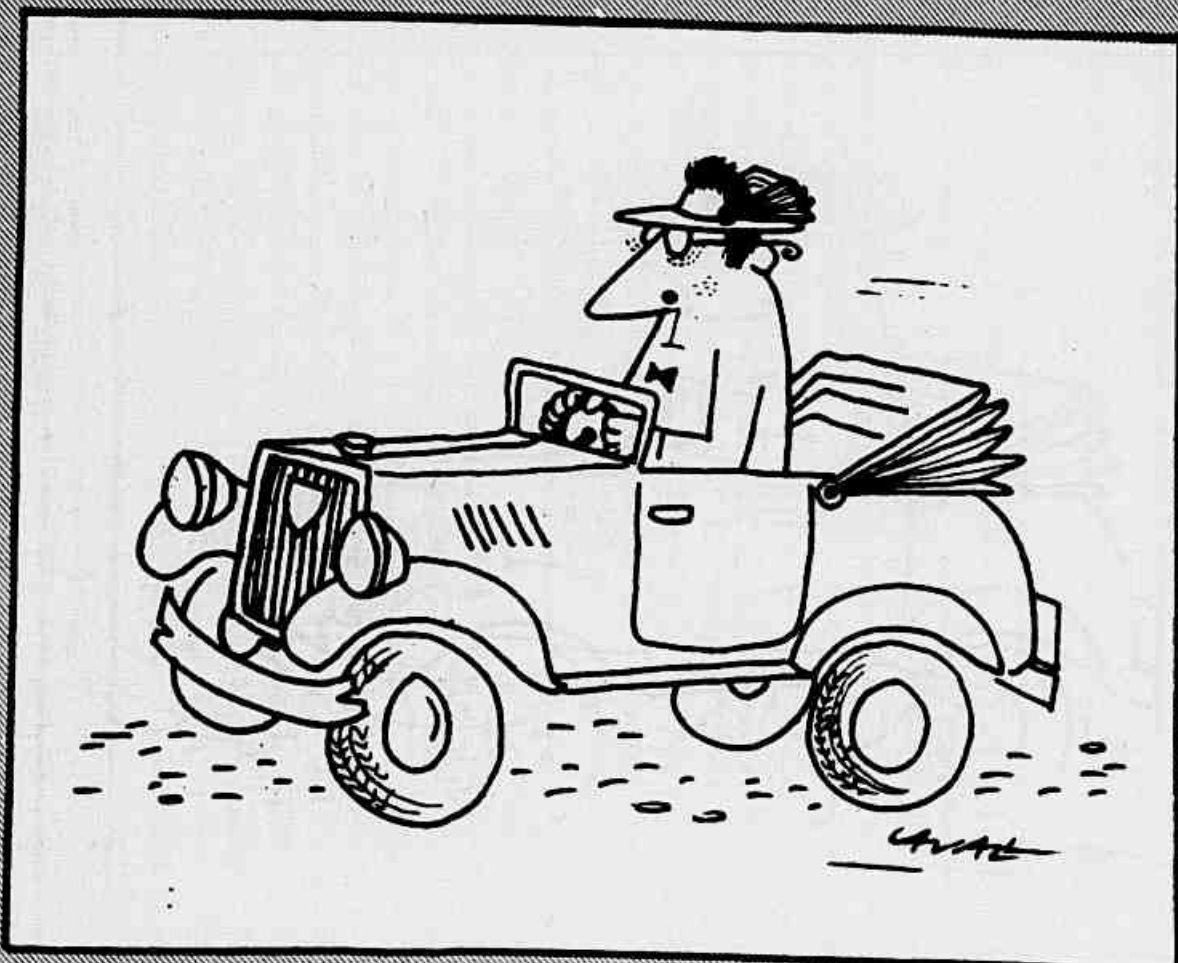
(Cont. no próximo número)



NECER A KOURTCHATOV TUDO O DE QUE NECESSITE PARA SUAS PESQUISAS. VOSNESSENSKI FINANCIARÁ...



O RISO DOS OUTROS



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses... verso de:
 - Malherbe?
 - Maldoror?
 - Malebranche?
- 2—O princípio do Mal, na religião persa, é:
 - Atma?
 - Ormuz?
 - Arimã?
- 3—Malipiero é famoso:
 - compositor?
 - médico?
 - general italiano?
- 4—Nasceu em Albi:
 - Goya?
 - Toulouse-Lautrec?
 - Fragonard?
- 5—Enzo Giordano é personagem de que ópera:
 - André Chénier?
 - Gioconda?
 - Trovatore?
- 6—O pintor Fillipo Lippi foi pai do pintor:
 - Fillippino?
 - Antonino?
 - Perugino?
- 7—O maior poeta épico holandês é:
 - Erasmo?
 - Vondel?
 - Groot?
- 8—E' o pai da Latinidade:
 - Aa?
 - Enéias?
 - César?
- 9—Um poeta francês foi dado como morto, durante a última guerra, e mereceu elegias de outro, brasileiro:
 - Rilke?
 - La Tour du Pin?
 - Valéry?
- 10—E qual o poeta brasileiro a celebrá-lo:
 - Drummond de Andrade?
 - Frederico Schmidt?
 - Murilo Mendes?
- 11—Harmonizou o «Motu Perpetuo» de Diniciu:
 - Paganini?
 - Heifetz?
 - Francescatti?
- 12—E' considerado o mais perfeito dos filmes surreais:
 - Rasha-mon?
 - Milagre em Milão?
 - Gabinete do Doutor Caligari?
- 13—O pintor Georges Roualt tem presentemente:
 - 57 anos?
 - 85?
 - já faleceu?
- 14—Escreveu o libreto para «The Beggar's Opera», de Gay:
 - John Donne?
 - Bertrand Russel?
 - Bertold Brecht?
- 15—Quem pronunciou o «Discurso de Gettysburg»:
 - Adamns?
 - Addison?
 - Lincoln?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco: de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTA: 1 — Malherbe; 2 — Arimã; 3 — compositor; 4 — Toulouse-Lautrec; 5 — Gioconda; 6 — Fillippino; 7 — Vondel; 8 — Enéias; 9 — La Tour du Pin; 10 — Schmidt; 11 — Heifetz; 12 — Gabinete do Doutor Caligari; 13 — 85 anos; 14 — Bertold Brecht; 15 — Lincoln.

Senhora:

Vença Galhardamente A Menopausa



Usando

Regulador Gesteira!

PARA SUA CÚTIS!

Stonyl

NAS FARMÁCIAS E PERFUMARIAS

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVAO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

DEL MONACO ESCLARECE:

NÃO HOUE AMOR

O FAMOSO CANTOR DO METROPOLITAN OPERA HOUSE E DO SCALA DE MILÃO DESFAZ AS INTRIGAS DE UM POSSÍVEL CASO SENTIMENTAL DE QUE TERIA SIDO VÍTIMA UMA JOVEM DE DEZENOVE ANOS ★ QUE É ODDA DEL MONACO, PIVÔ DO RUMOROSO EPISÓDIO ★ REMEMORANDO OS INÍCIOS (DIFÍCEIS) DE UMA CARREIRA HOJE TRIUNFAL ★ UMA «BUTTERFLY» EM PLENO BOMBARDEIO

Texto de W. GUARNIERI

Fotos de A. FERREIRA

A entrevista decorria normalmente, no amplo saguão de um dos principais hotéis da Cinelândia onde se hospeda Mario Del Monaco, considerado como o principal tenor dramático contemporâneo, substituto do grande e involvidável Beniamino Gigli. Mario integra o elenco da atual temporada lírica no Municipal, e dentro em breve seguirá para cumprir o seu contrato no Metropolitan Opera House, em Nova York.

Já o cantor se referia às dificuldades iniciais de sua carreira, e rememora passagens de sua infância de menino frustrado, em Pesaro, vilarejo da Itália, pela insistência do pai em encarecer, o mano Marcello, e não ele, Mario, para o Teatro de Ópera.

— Marcello, tu canterai il Chénier coi tacchetti rossi!

Com a frase do progenitor a azucrinar-lhe os ouvidos, Mario passou o ano de 1928 desafiando o espelho com a mímica teatral, e a paciência dos vizinhos com as vocalizações desordenadas que se impusera.

Até que, em meados do ano seguinte, aos 13 de idade, conseguiu sem que ninguém soubesse, fazer incluir-se num festival em Mondalfo, que inaugurava o Teatro Gigli, com a presença do grande tenor e de toda a família Monaco. Mario apareceu em cena para interpretar um pequeno papel em «Il Paraiso», de Massenet. A estrondosa ovação que recebeu, não chegou sequer a comover o «velho», que, naquela mesma noite, vermelho como um pimentão o advertiu com severidade:

— Mario, tu sarai pittore, che é meglio che diventare macchinista teatrale!

Na opinião conservadora do pai, não se admitia o meio termo na carreira teatral: ou se é um sucesso ou se acaba maquinista, levantando e suspendendo cortinas. Por isso, na manhã seguinte, estava o filho matriculado no Liceu de Pintura e Escultura, para um curso de 4 anos.

Mas a sua grande paixão era a música e não houve jeito de resistir-lhe ao impulso. Não cessavam os agudos no banheiro do velho casarão de Pesaro, e uma trégua final foi concertada, o que possibilitou a Mario o ingresso no Conservatório de Música «Rossini». Que «il vecchio» já estava manso, Mario pôde compreender na aflição com que o apressava. O exame de admissão ao Conservatório coincidia, na mesma tarde, com a prova final no Liceu:

— Mario, non c'è tempo da perdere! Sbrigati, caro, altrimenti dovrai aspettare un altro anno!

Um ano apenas de estudo e já outra possibilidade excepcional: um curso de aperfeiçoamento em Roma, no Teatro de Ópera. Dos 180 concorrentes, apenas 3 foram aproveitados: Taddei (barítono), Rina Filipini (soprano lírico) e Mario Del Monaco (tenor dramático).

Dramático igualmente foi aquele curso para o cantor, pois, caindo em mãos de certo maestro

renitente, que insistia em obrigá-lo a executar repertório de tenor-ligeiro (ao invés de músicas para as quais se afeiçoava singularmente a sua poderosa voz) Del Monaco foi obrigado a abandonar o curso em meio, e a retornar a Pesaro e ao velho Melocchi, seu primeiro mestre.

Mas Melocchi (companheiro do famoso Tullio Serafini) recusou-se a continuar a ensinar-lhe, pois já o advertira de que o caminho que o inconsciente maestro o fazia trilhar, poderia arruinar-lhe a carreira dentro em pouco tempo.

Aproximava-se a guerra, e tudo quanto Mario conseguiu do velho Melocchi foi um esquema dos exercícios de vocalização. Corria o ano de 1937 e, dali por diante, Del Monaco tornou-se um autodidata. Criou ele mesmo uma técnica pessoal, e para conseguir o sustento nos dias difíceis passou a cantar em festas, casamentos e... enterros também. Até que a convocação o atingiu.

xxx

Nesse ponto, a entrevista é interrompida pela chegada da esposa. Feitas as apresentações, ficamos sabendo que Rina Del Monaco é a mesma Rina Filipini, soprano ligeiro, admitida, com ele, no Conservatório, onde nasceu o namorado. O casamento demorou 5 anos, pois o sogro custou a convencer-se de que a «luminosa carreira» pudesse algum dia oferecer bases financeiras sólidas para uma união como era do seu desejo!

150 LIRAS (12 CRUZEIROS) POR 4 RÉCITAS — O INÍCIO

Mario Del Monaco recosta-se na poltrona e procura relembrar. Veste-se com apuro, à moda européia. Consulta a esposa por várias vezes e o tempo todo, ambos mantêm-se eufóricos, sorridentes.

— Meu primeiro «cachê» foi de 150 liras para cantar 3 vezes a «Bohemia» e 1 vez a «Traviata», num pequeno teatro de Roma.

Vira-se para d. Rina e pede que converta em cruzeiros as 150 liras:

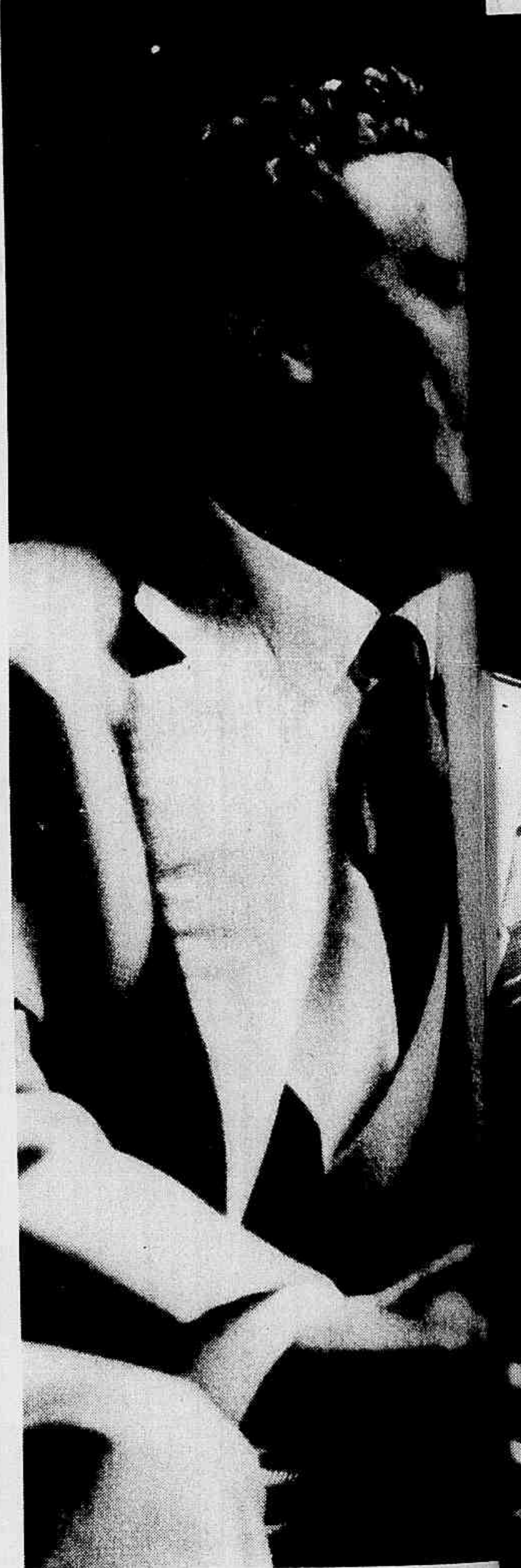
— Naquela época, em 1940? Talvez, uns 12 cruzeiros...

Riem ambos estrepitosamente.

— Alguns anos mais tarde — prossegue Mario — já conseguia cobrar 500 liras por espetáculo. A guerra estourou e eu, como «caporal-maggiore», vi-me dispensado do «front» por decisão superior, pois julgaram que eu prestaria melhores serviços à pátria como cantor, do que como metralhador...

VIOLENTA EMOÇÃO

A glorificação só chegaria por volta do ano de 1943, com a assinatura de um contrato no Scala, tendo como comparsa o célebre Mariano Stabile, o maior intérprete de «Falstaff» do mundo.



«20 milhões de liras exigiu a prima Odda para deixar de apresentar denúncia contra mim. A proposta desonesta de seus advogados foi pre-

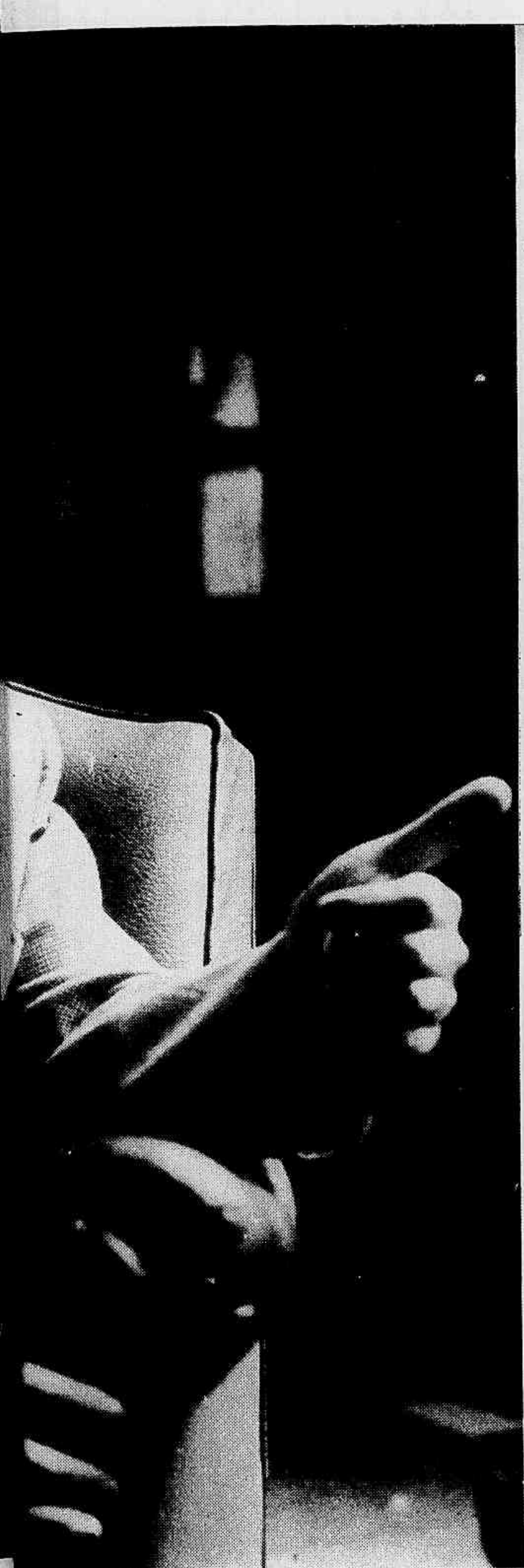
— Um ano depois, em plena guerra, cantava eu certa noite na cidade de Pádua, quando o alarme anti-aéreo soou. A «Butterfly» fugiu em pavorida de cena e o teatro, em minutos, esvaziou-se. Todo mundo ganhou a rua em busca de abrigo, e eu também a correr pela escuridão.

Mario faz uma pausa e engole em seco, num sorriso meio amarelo, antes de prosseguir:

— De repente, parei assombrado. O céu ficou iluminado como dia, ao acender de centenas de «very-lights» (foguetes de luzes intensas) lançados pelos bombardeiros, em pára-quedas que desciam lentamente por sobre a cidade. Fiquei estarelecido a me contemplar, vestido de branco, como alvo excelente para o inimigo.

Mario, agora, ri com nervosismo:

— Mas, coisa muito pior ainda estava por acontecer. A multidão, ao me avistar, correu ainda mais alucinada, incitando os defensores das baterias anti-aéreas contra mim. Num relance, compreendi o verdadeiro perigo a que me expusera involuntariamente, pus-me a cor-



viamente gravada por mim e o julgamento não passou da preliminar. Mas, a onda foi feita à custa do meu cartaz...», declarou Del Monaco.

tar, como um louco, em agudos desesperados, no meio da rua:

— Sono io! Mario Del Monaco! Il tenore! Sono Mario Del Monaco!... Sono io, Maaarioooo Del Mooooonaaacoooo!

— É que eu estava travestido de oficial da marinha norte-americana, como Pinkerton, na «Madame Butterfly»! Custou para que a multidão compreendesse e me deixasse entrar num dos abrigos... — arremata o cantor respirando aliviado.

A PERGUNTA QUE INCENDIOU O AMBIENTE

A palestra decorria, conforme acentuamos de início, num ritmo de euforia e compreensão. Mario e Rina sorridentes e solícitos:

— Quando voltará à Itália?

— Cantarei em fevereiro vindouro (depois do Metropolitan) o «Lohengrin» no Scala, a «Fanciulla del West», em Roma e o «Othello» na televisão italiana.

A nossa próxima pergunta incendiou o ambiente:

Odda Del Monaco, 19 anos, «vedette» do Trocadero de Nápoles. Recusada pelo cinema, tentou chantagiar o primo cantor. Os pais foram con-

— Mas... comenta-se que v. não poderá voltar à pátria, pois um processo o aguarda...

D. Rina levanta-se num ímpeto. Aproxima-se de uma pequena mesa de tampo de vidro e de mão espalmada faz vibrá-la perigosamente com as pancadas:

— E' mentira! E' tudo mentira!... Aquela chantagista já foi devidamente punida pelas leis de meu país! Bruta cretina!...

E de um fôlego, prossegue falando com exaltação:

— A mãe dela foi condenada por injúria e o pai igualmente obrigado a reparação por danos morais. E sabem quem ela é? Uma «donzela inocente» de teatro burlesco, atriz dos cabarés de Roma! Chantagista, clínica, isto sim! Temos tudo provado e comprovado e o julgamento não passou da preliminar. Nem chegou a haver processo contra Mario!

HISTÓRIA DE UMA «CHANTAGEM»

Como não conseguíssemos atinar com a história, voltamo-nos para Del Monaco. O cantor

denados, mas a imprensa italiana deixou de divulgar essa foto expressiva da «donzela ingênua» que pretendia se apresentar como vítima.

estava lívido, mordendo o lábio inferior. Pedimos excusas pela inoportunidade do assunto que abordávamos, mas, a essa altura, d. Rina e o próprio Mario insistiram para que o «caso» ficasse devidamente esclarecido em seus mínimos detalhes.

A voz do cantor veio num diapasão tão alto, que soava como falsete. Num ritmo acelerado, atropelando as palavras, tornando-se difícil entendê-lo. Sugerimos que se acalmasse, pois estávamos ali com a boa intenção de recolher o seu pensamento com fidelidade.

A exaltação foi controlada e a narrativa teve início:

— Vou contar-lhe tudo desde o princípio. Certa noite de dezembro do ano passado, ia eu de automóvel em direção a Pesaro, quando parei num restaurante à margem da estrada. Como sempre acontece, diversos grupos de «caçadores de autógrafos» se acercaram, e nessa noite eu os atendia, enquanto saboreava uma «bisteca». Fui surpreendido pela voz de uma jovem, que me interpelava com certa intimidade:



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS

(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

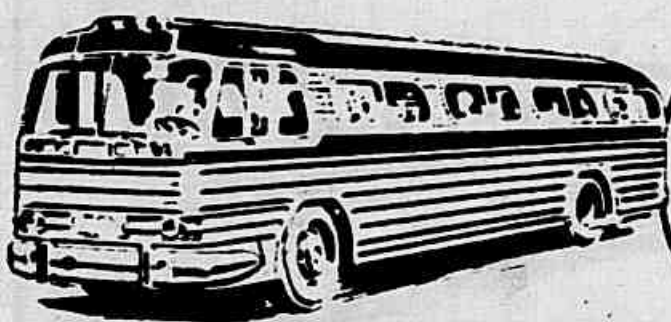
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida

AZ450 - EB - 1

DEL MONACO ESCLARECE:



Rina e Mario Del Monaco fizeram questão que o assunto ficasse devidamente esclarecido para o público brasileiro. «Nada há a esconder. Há apenas a verdade dos fatos» — acrescentaram ambos.

- Não me conhece, Mario? Sou sua sobrinha, Odda!...
- Sobrinha não deve ser, retruquei, pois não tenho sobrinhas!...
- Sou filha de Anibal...
- Ah! Então, deve ser minha prima...

A jovem Odda revelou-lhe o desejo de ingressar na carreira cinematográfica, e para isso necessitava da ajuda do cantor.

— Não voltaria a preocupar-me com ela não fossem os insistentes apelos de seus pais através de missivas periódicas. Em outra oportunidade, apresentei-a a vários diretores e produtores, mas os testes a que se submeteu não convenceram. Algum tempo depois, novamente voltou a jovem à minha presença, desta vez em companhia dos genitores para que eu intercedesse junto ao diretor De Sicca, (que nessa época buscava coadjuvantes para seu filme «L'Oro di Napoli»). Interpretei o silêncio do grande diretor, após os testes a que Odda se submetera, como sinal de que ela poderia desistir de seu intento.

20 MILHÕES DE LIRAS E UM GRAVADOR

D. Rina retoma o fio da palestra:

— Certa vez, estávamos em Paris, quando o nosso administrador nos convida a um regresso urgente, pois fatos graves estavam sucedendo ante os insistentes recados telefônicos de certo advogado para uma entrevista exclusiva com meu espôso.

Suspeitei de que algo irregular estava por suceder, acrescenta d. Rina, e providencialmente, dispus um gravador de fita por baixo da mesa onde ficou combinado teria lugar a entrevista.

— As palavras estão lá gravadas, com a proposta desonesta do próprio advogado em nome de sua cliente, a jovem Odda. «Para não haver escândalo, sugiro que ao invés de apresentar uma denúncia contra Mario Del Monaco, por rapto e sedução, façamos um acordo, entre as partes...

— Quanto? — foi a pergunta do dr. Restani, nosso advogado.

— 20 milhões de liras.

— Nem um tostão!

Com a recusa formal, a entrevista foi encerrada naquele preciso instante. No dia seguinte, ao procurador distrital foi a denúncia apresentada contra Mario Del Monaco.

AS VÉSPERAS DA PARTIDA

Como estavam de partida para a América do Sul, para a temporada que ora cumprem, enquanto por intermédio de seus advogados Mario denunciava também a chantagem, uma nova ação foi proposta para embargar a retirada de seu passaporte.

— Mas — prossegue d. Rina — nenhuma delas passou do julgamento preliminar. Mario foi absolvido e os culpados condenados pela justiça de meu país. Agora, só resta mesmo que o episódio fique definitivamente esclarecido, para que não pare sequer suspeita com relação ao inominável procedimento de certos advogados que conseguem induzir jovens doidivas a conquistar fortuna de forma tão condenável.

Esclarecido devidamente o assunto, torna a euforia ao casal. D. Rina e Mario, voltam a sorrir como dantes, e as despedidas se fazem no mesmo ambiente cordial.

— A «grande artista» pode ser contemplada a qualquer momento. Basta o senhor entrar no Conchiglia, de Gênova, ou no Trocadero de Nápoli... — finaliza irônicamente d. Rina Del Monaco, enquanto Mario a secunda com movimentos de reprovação.

HUMORESQUE

Fernando LOBO



CARMÉLIA ALVES, voando alto para a Europa.

MOVIMENTO

As noites andam desse jeito que todo mundo sabe. Uma mesa de 9 pessoas no «Sacha's» ganhou a «continha» de 21 mil cruzeiros (Checar com o sr. Luís Jatobá). Mas há dinheiro para mais que isso. Enquanto a explosão noturna não se verifica ficamos sabendo que Mr. Eco voltou a ganhar armas outra vez e fez sua trincheirinha particular no «Mundo Ilustrado», uma publicação realmente que tem coragem. Assim o nosso «Eco», vai dizer o que sabe — já está dizendo — e grandes ursos noturnos ouvindo o que não gostam de ouvir. Mas deixando essas e outras bem de lado a cantora francesa Ivette Giraud aportou em terras paulistas como também o já conhecido Georges Ulmer, figura altamente simpática. Inaugura a «boite» «Fiesta» com «black-tie» e tudo. Até aí tudo bem. Vamos ver se vão deixar que os rapazes trabalhem. O Barão Von Stucker continua nos Estados Unidos e o Barão Schiller na Socipral. Mara Abrantes há muito que largou o «Cangaceiro» e em campo entrou Helena de Lima que esteve com a bola em São Paulo. E quanto à arara, uma arara na mão vale mais e muito mais que uma arara torrada.

CARMÉLIA DE VÔO ALTO

Está voando para a Europa a figura simpática de Carmélia Alves. O Copacabana — nos tempos de Caribé da Rocha — legou à música brasileira um punhado de intérpretes que o tempo transformou em astros e estrélas. Foi ali que ouvimos pela primeira vez aquele cantor paulista e que nos dias presentes é esse notável Nelson Gonçalves. Também naquele palco nasceram Carmélia, Dóris Monteiro, Carlos Augusto, Nora Ney, Carminha Mascarenhas. Carmélia vai fazer a Europa, levada inicialmente como representante da música brasileira no congresso que se realiza na Alemanha. De lá tomará seu rumo, com Jimmy Lester, e um conjunto de autênticos ritmistas brasileiros. Fará Portugal, Espanha, Itália e depois a França. Não paga dez essa «poule»...

ROTEIRINHO

Elisete não podia mais voltar para o «36». Ordem médica. ★ Naquele «clube» deve estar acontecendo Carminha Mascarenhas. ★ Silêncio profundo sobre a estréia do novo «show» do «Night-And-Day». Há quem diga que o título será «Quo Vadis Momo?» D. Helder precisa saber disso. ★ Os grã-finos vão fazer outro festival de «jazz» no Copa. ★ Uma certa «boite» anuncia a vinda de Rudy Rudyas — cantora. Quem é? ★ Paulete Silva não é mais do palco. Casou. ★ Ester Tarcitano é só teatro.

◆ O Copacabana Palace sempre foi conhecido como uma casa austera, sisuda mesmo e de princípios rígidos, para manter bem firme o seu prestígio no mundo. Nunca foi de prestar muita atenção aos grandes espetáculos, seguindo mais o dever de dar qualquer atração, para os olhos dos que por ali passam vindos de outras terras, ou mesmo dos insistentes habitantes noturnos desta cidade. Com a apresentação de «Humoresque», porém, ela quebrou a sua norma de conduta, infringiu suas próprias leis e deixou que acontecesse, como nas demais casas noturnas acontecia, sempre um «show» com boas pernas, lindos rostos, e malícia em boa dose. Na altura do rabiscar destas linhas, talvez o espetáculo já não mais esteja em cena e já tenhamos sido agasalhados no «Meia-Noite» que deve ter Georges Ulmer ou a veterana Ivete Giraud. Isso quer dizer em bom tom que o Copa não pretende seguir a linha dos espetáculos do gênero deste atual e sim voltar às suas apresentações isoladas, nem sempre muito felizes. O que houve foi, sem dúvida, uma espécie de compra de «salvados de incêndio», que interessou aquela casa, por ser semana de «sweepstake», e ao mercador, que tinha material encalhado, sem oferta, nem procura. O «show», para quem foi frequentador do «Casablanca» e outras casas regidas pela mesma batuta do conhecido empresário — é uma fusão de vários quadros já apresentados, com ligeiras mudanças coreográficas, outras musicais e finalmente a parte de guarda-roupa, que Gisela, com seu bom gosto, salva mais da metade de toda e qualquer apresentação. O início é o mesmo baile de máscaras de «Satã Dirige o Espetáculo» e o que se segue, até o final é uma mistura daquele «show» e outros que estiveram no palco da Praia Vermelha, antes e depois. Paris muito presente. Uma certa escassez de elenco no palco grandioso. Quadros como «Bota, Laço e Espora», tirando o encanto e a harmonia do «Conjunto Farroupilha». Altos e baixos. Alto no «Chez Maxim's», na «Marionetes dos Morros Cariocas», no «Mambo» e baixo no resto deles e no final, sempre igual, sempre de mãos para o ar ao som do chamado samba «heróico» que tanto e tanto Vicente Paiva produziu para os teatros da Praça Tiradentes. «Humoresque» pode ser visto, mas não chegará a ser lembrado como produções outras — «Esta vida é um Carnaval», por exemplo — do mesmo empresário. Por isso há um pequenino engodo no programa solto nas mesas: «O Copacabana Palace apresenta no «golden-room» a «nova produção de Carlos Machado». Nova?



PAULETE SILVA ao som da marcha nupcial.



ESTER Tarcitano, apertando o cinto sem fumar.

FINAL MELANCÓLICO DA REUNIÃO DE LONDRES

DAS VINTE E DUAS NAÇÕES REUNIDAS NA CAPITAL DA INGLATERRA PARA ESTUDAR O PROBLEMA DE SUEZ, DEZOITO ACEITARAM A PROPOSTA FOSTER DULLES ★ O QUE É O PROJETO DO DELEGADO NORTE-AMERICANO ★ IRÁ AO EGITO O PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA, A FIM DE COMUNICAR A NASSER OS SEUS RESULTADOS ★ NOVA CONFERÊNCIA, POSSIVELMENTE EM ROMA

Texto de HAROLD GRENN

TERMINOU a Conferência de Londres, após uma semana de debates entre os representantes das vinte e duas nações a ela presentes, e o resultado não chegou a convencer nem mesmo a seus idealizadores, que certamente esperavam, da reunião de tantos diplomatas, a solução para a importantíssima questão criada com a nacionalização do Canal de Suez, e não apenas um conclave sem grande significado, igual a tantos outros que nada resolvem.

Com efeito, qual foi a conclusão a que chegaram, depois de tantos discursos, os embaixadores das potências presentes à reunião londrina? Que se deve, para o mais breve prazo de tempo possível, convocar uma conferência, em Roma, possivelmente... O que significa que terminou por um adiamento a conferência que, segundo muitos, viria de uma vez por todas terminar com as desavenças entre Egito, de um lado, e Inglaterra e França, do outro.

Na última reunião, efetuada a 23 de agosto, Selwyn Lloyd, primeiro Ministro da Grã-Bretanha, resolveu que os resultados da conferência de Londres deveriam ser comunicados ao Presidente Gamal Nasser por intermédio de um enviado extraordinário, que seria o próprio presidente da Conferência. Mac Donald, chefe da delegação neo-zelandeza, levantou-se, porém, e informou por seu turno que já fora autorizado por dezessete países a convidar Austrália, Etiópia, Irã, Suécia e Estados Unidos para formarem uma delegação, que se desinsumiria da tarefa de afirmar a Nasser os resultados da conferência. Menzies, primeiro ministro australiano, seria o chefe da delegação.

Shepilov levantou-se então de seu lugar, e protestou violentamente contra o que denominou de «ultimatum dos 18 ao Egito». Segundo o de-

legado russo, era tão absurda a proposta a ser apresentada aos egípcios, que esses teriam de repeli-la forçosamente, o que motivaria o pretexto para que ingleses, franceses e americanos intervissem, pela força, na questão. Propunha, ao invés de uma delegação, um comunicado por escrito a Nasser das ocorrências de Londres. Seu ponto de vista ocasionou debates e oposições, inclusive de representante indiano, que até então se colocara sistematicamente ao lado da União Soviética. Ao fim, contudo, prevaleceu mesmo a proposta soviética, e uma ata das reuniões foi redigida, tendo-se antes o cuidado de solicitar de vários delegados os termos de sua redação. Pineau foi o principal responsável por ela, que assim reza: «Os representantes de vinte e dois países membros da Conferência de Suez encarregam seu presidente de comunicar ao Governo Egípcio a ata integral de suas deliberações.

Entre os vários planos discutidos no conclave, o de Foster Dulles, com a emenda apresentada pela delegação paquistanica, foi o mais importante, tendo sido aprovado, integralmente, por nada menos de dezoito dos vinte e dois países reunidos em Londres. Tal projeto determina a criação de um sistema de garantias para todas as potências no sentido de lhes ser permitido o uso livre do canal de Suez, segundo o tratado de 1888. O Canal, outrossim, deixará de pertencer a qualquer nação. A soberania egípcia será respeitada, porém não só ao Governo Egípcio, como à Companhia Universal do Canal de Suez deverão ser pagos dividendos; criar-se-á uma taxa de pedagem, tão baixa quanto possível, para se atingir a tal fim. Propôs mais Dulles que se fizesse um Tratado entre o Egito e todas as potências interessadas na preservação de Suez, a fim de se criar uma nova entidade, o Conselho do Canal de Suez, su-



QUATRO. DOS vinte e dois delegados presentes à conferência londrina: Halvard Lange, da Noruega, Martin Aratajo, da Espanha, Maharrem Nuri



DMITRI SHEPILOV, primeiro ministro da União Soviética e **Christian Pineau**, primeiro ministro da França, foram vultos proeminentes da Conferência de Londres, há pouco encerrada. Shepilov classificou o plano Foster Dulles de verdadeiro ultimatum ao Egito. Pineau redigiu a comunicação dos resultados da reunião, a ser apresentada a Nasser em breve.

bordinado à O.N.U., capaz de dirimir pendências entre os vários países. A Emenda do Paquistão acrescentava a oportunidade de se criar um Estatuto do Conselho Internacional, que o Tratado a ser concertado estabeleceria em seus mínimos detalhes.

A União Soviética, por seu primeiro ministro Shepilov, declarou-se contrária à resolução Dulles, por achar que a mesma é somente um jogo de palavras que visa restaurar, em Suez, o velho privilégio em

que Nasser acaba de ministrar o golpe de misericórdia. E vai ainda mais longe, a nação russa: Nikita Kruchev, secretário-geral do Partido Comunista Russo, afirmou, em caráter semi-oficial, que, em caso de uma guerra entre Egito e Inglaterra, sendo o Egito atacado em seus próprios territórios por causa do canal de Suez, «os egípcios não estarão sós»...

E' o caso de se perguntar: para que mesmo foi realizada a Conferência de Londres que acaba de encerrar-se sem qualquer resultado. (Fotos INS)



Birgi, da Turquia, e **T.B. Bubasinghe**, do Ceilão. **Foster Dulles**, com seu projeto considerado «ridículo» pelos russos, foi o nome de mais projeção.

Literatura e arte

Texto de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



*Querem rima ? Ai a têm:
Perdi meu bem.*

*Querem tormento ? Criarei:
Deixou-me só dor e lágrimas.*

*Querem dor ? Pois a invento:
Era uma tarde de sangue
E eu sangrava.*

*Basta ? Querem alegria ?
Aprenderei, aprenderei.*

YONE DE SA MOTTA

Desenho de MARIA TEREZA

O FATO LITERÁRIO

PRATO DO DIA: CONTOS...

Já se foi o tempo em que o Brasil era uma terra de poetas: ele agora parece que se transformou no paraíso terrestre dos contistas. De tempos para cá, imenso é o número dos estreantes que escolheram esse gênero difícil e até hoje indefinido, que participa da natureza da novela, da crônica e da poesia, como meio de expressão artística. Basta, para se chegar à tal conclusão, examinar os lançamentos dos últimos anos, a ver como, entre eles, avultam os livros de contos, enquanto os de poesia e os romances escasseiam mais e mais. Não cabe, num simples artigo, examinar as inúmeras causas possíveis de tal predileção pelo conto, em detrimento aos demais gêneros literários. Não possuindo a precariedade da crônica, que está unida do cotidiano (e como são poucas aquelas que ultrapassam esse breve espaço de vida!), o conto não é, como seu irmão mais velho, de face sisuda e ar senhorial — o romance, uma concepção de vida, um depoimento prestado com a razão

e a sensibilidade sobre homens e coisas: retrata apenas um instante fugaz da existência, por vezes uma situação psicológica de íntima razão, e tantas vezes não retrata nada...

Ainda há poucos dias, Tristão de Athayde tecia, a respeito do conto moderno brasileiro, interessantes considerações, pelo «Diário de Notícias». E mostrava como, a partir de «Sagarana», de Guimarães Rosa de 1946, o conto e a novela se tinham assenhoreado do movimento literário, no Brasil. O recorde pertence ao ano passado, que viu o lançamento de nada menos de dezoito livros de contos, o que dá a média de um volume, cada vinte dias. Resumindo, podemos afirmar que o prato do dia literário, ao menos no Brasil, é o conto. E nossos contistas, todas as tendências e habitando os mais diversos Estados do país, quantitativa e qualitativamente, uma força poderosíssima no seleto atual literatura brasileira.

NOTAS & INFORMAÇÕES

PODEMOS ADIANTAR que dentro de algumas semanas o Instituto Nacional do Livro estará apresentando o livro de Ernst Robert Curtius sobre «Latim Medieval e Literatura Europeia», sua obra-prima. A iniciativa de trazer para o português essa maravilhosa obra fundamental para o estudo da Literatura Comparada, deve-se a Augusto Meyer, ao tempo em que era diretor daquele Instituto. Curtius, que faleceu há alguns meses, de há muito que estava bastante doente, tanto que não pôde atender ao pedido de Meyer, no sentido de escrever, para a edição brasileira de seu livro, um prefácio especial — tal como fizera para com a edição mexicana. O fato de os brasileiros poderem brevemente ler em sua própria língua trabalho tão monumental, apenas vem atestar que nossas bases culturais ampliam-se mais e mais.

ERNST HEMINGWAY aceitou um convite para visitar o Brasil, em setembro. O famoso escritor deverá realizar caçadas em Goiás e no Mato Grosso. É claro que sempre sobrá um tempinho para recepções e entrevistas à imprensa. Os meios literários preparam várias manifestações ao autor de «O Velho e o Mar».

FAUSTO CUNHA e Waltensir Dutra, vencedores do Prêmio Juscelino Kubitschek, destinado a exaltar o melhor trabalho sobre a Literatura Mineira, até hoje não receberam os trinta mil cruzeiros de sua dotação. O «Jornal de Letras», que patrocinou o concurso, está na obrigação de resolver essa questão.

CORNELIUS KRUSE, um dos mais ilustres pensadores norte-americanos da atualidade, esteve no Rio, onde pronunciou duas palavras. O professor Kruse, que faz parte do Corpo Docente de Wesleyan University, visitou o Brasil pela primeira vez. Sua conferência sobre Santayana foi bastante concorrida.

TAMBÉM DON Cayetano Luca de Tena, ex-diretor do Teatro Español de Madrid, pronunciou, no Centro Cultural Recreativo Español, uma palestra sobre «El Maravilloso Mundo de la Escena».

OS AMIGOS DA PETITE GALERIE

PELA SUA excepcional localização, ao lado do cinema Rian, em Copacabana, e pelas suas dimensões exíguas, que lhe conferem certo ar de intimidade tão útil ao conagração de artistas e amadores de Arte, a «Petite Galerie» é uma das mais simpáticas com que conta a cidade. Ali vêm sendo efetuadas importantes mostras de artistas contemporâneos, com os melhores resultados. Os frequentadores da galeria são já grande número, tanto que se organizaram em sociedade, os «Amigos da Petite Galerie». Todos os dias cinco, eles se reúnem, trocam idéias sobre arte e sobre artistas, tudo em ambiente de inteligência e cordialidade.

Agora, vem de ser eleita uma diretoria (provisória) que imprima à sociedade uma orientação mais apta a preencher as finalidades que possui, estatutariamente. Serão levados a efeito, por exemplo, palestras e debates, exposições de filmes de arte, e buscar-se-á, por todos os meios possíveis, dar um cunho mais cultural a todas as atividades ali desenvolvidas. Essa diretoria provisória está assim organizada: Presidente, Tony Baria; vice-presidente, Fernando Menezes de Moura; secretário, Joaquina de Carvalho; primeiro tesoureiro, Maria Cecília Manuel-Gismond; segundo, Paulo Coelho; diretor cultural, Franco Terranova, diretor de relações públicas, Pedro Manuel-Gismond. Todos os meses, é levado a efeito, entre os sócios da «Petite Galerie», um sorteio de um quadro ou de uma escultura. E a atual diretoria está propensa a atrair, para os quadros sociais, nomes expressivos de nossas Artes Visuais e da Literatura. Maiores informações poderão ser dadas na própria «Petite Galerie», em Copacabana.

SÔBRE O MUSEU DE AMSTERDAM

AGORA, QUE vem de ser realizado o Congresso de Museus de Ouro Preto, o brasileiro parece estar se interessando um pouco mais pela organização dessas casas de cultura, até bem pouco tempo, entre nós, apenas «templo de musas», e só por elas mesmas visitadas... Porque um museu, afinal de contas, deve ser um organismo dotado de vida, dinâmico, participante, moderno, atualizado. Agora mesmo acaba de aparecer, na revista «L'Oeil», no número especial que está nas livrarias, um interessante artigo de Michel Seuphor sobre «Un Musée Militant», no caso, o Stedelijk Museum, de Amsterdam. Esse museu é um prodígio de organização, graças aos conhecimentos e ao amor de J.H.B. Sandberg, que não faz muito esteve no Brasil. Salas espaçosas e bem ventiladas, dotadas de iluminação excepcional, disposição didática sem ser enfadonha das várias peças conservadas, publicações e reproduções ao alcance de qualquer bolsa, em qualquer ocasião, laboratórios ultra-modernos de restauração e conservação, permitem que esse Museu seja o que hoje em dia é: um dos melhores e mais conhecidos do mundo. Sandberg vai até aos detalhes: do lado de fora do prédio, dando para alta janela, foi colocada uma escada, que se destina (pasmem, leitores!) a atrair a atenção dos curiosos, que, subindo por ela, podem de seu cimo descortinar o interior do Museu!...

EXPOSIÇÃO REMBRANDT EM PARIS

ESTÁ NO Gabinete das Estampas, em Paris, a maior coleção de desenhos e gravuras de Rembrandt van Rijn, cujo 350º aniversário de nascimento esse ano transcorreu. O núcleo da importante coleção foi o imenso grupo de gravuras rembrandtianas do abade de Marolles, que as adquiriu quando o velho artista holandês ainda vivia, desprezado e ignorado. Agora, oitenta e três das melhores peças foram selecionadas, e estão sendo apresentadas na Biblioteca Nacional de Paris.



MATISSE NO M.A.M. DE PARIS

HENRI MATISSE, o grande criador do «Fauvismo», há dois anos desaparecido, mereceu as honras de uma grande exposição retrospectiva, no Museu de Arte Moderna de Paris. Nada menos de cem telas foram expostas.

LIVROS EM DESFILE

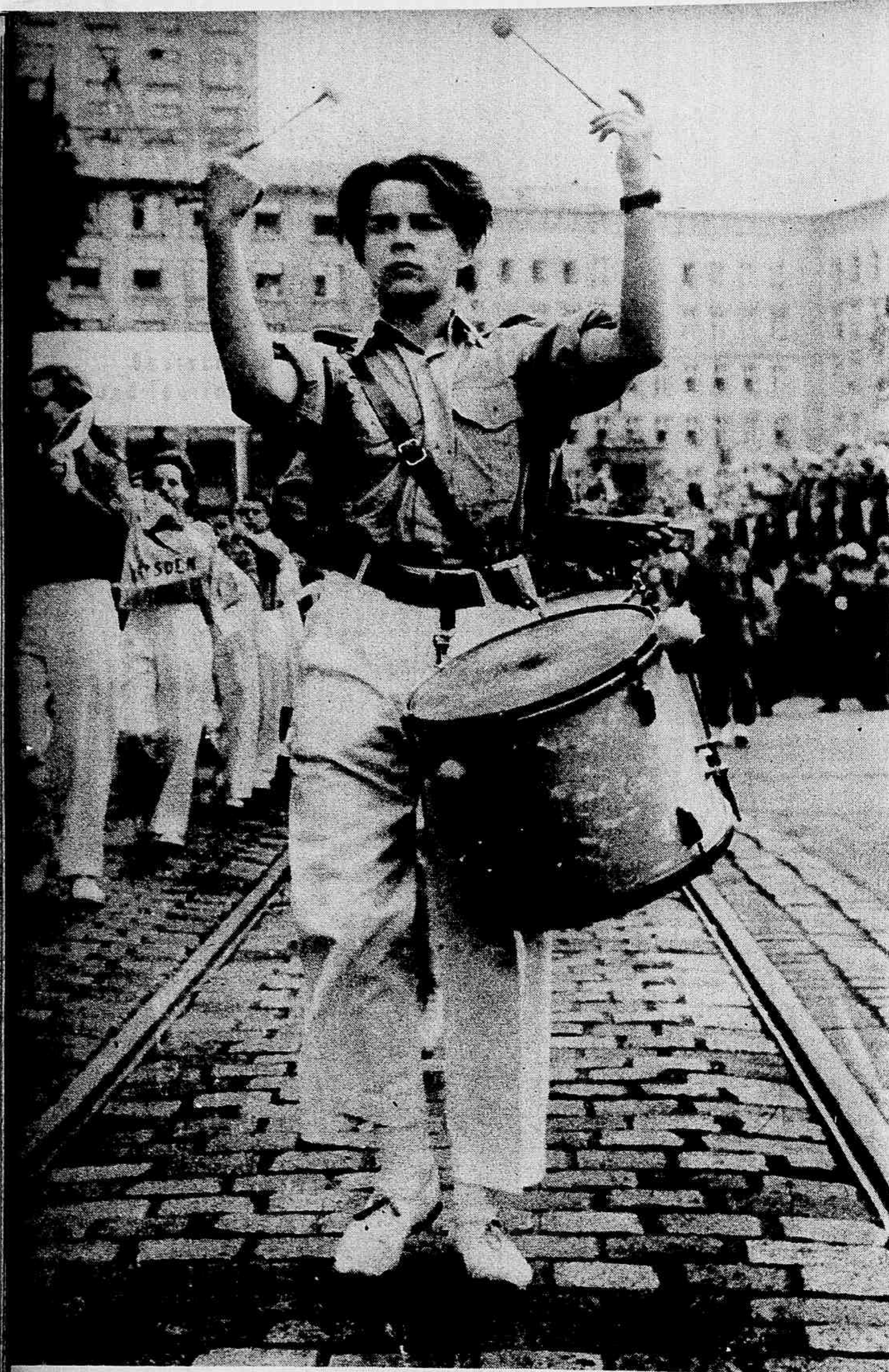


◆ JOEL SILVEIRA vem de editar a novela «Desaparecimento da Aurora», história pungente e cheia de poesia do menino Jorge, ser franzino e doente entre pessoas robustas e normais. Josefa e Emengarda despertam-lhe a sexualidade, latente, e um dia, durante um sonho em que lhe aparece nua a figura primitiva de Josefa, Jorge, sem compreender exatamente o que acontece, sente que de então por diante já não é mais a criança assustada e enfermeira de antes. A aurora desaparecera, a infância acabara. Como epígrafe, Joel Silveira, que é hoje em dia o grande jornalista que todos conhecemos e admiramos, utiliza o verso de Petrarca: «O inconstanzia dell'u mane cose!», que traduz a atmosfera de todo o livro: o efêmero dos diversos estados da vida humana, a fragilidade dos homens, a quem os anos modificam a seu bel prazer, certa melancolia pela perda da infância e da inocência (Revista Branca, Rio de Janeiro, 1956 — 154 páginas. Ilustração de Darel, capa de Orval).

◆ DE VERSORS, pseudônimo literário do pintor Jean Bruller, é esse divertido «Nos Confins do Homem», que a «Difusão Européia do Livro» acaba de editar, em boa tradução de Alcântara Silveira (D.E.L., São Paulo, 1956, 254 p.).

◆ A COLEÇÃO «Saber Atual», também editada pela Difusão Européia do Livro, de São Paulo, destina-se a disseminar, por meio de manuais simples e bem elaborados, os mais diferentes aspectos e ramos do conhecimento humano, e até ao momento já editou cerca de quarenta volumes, que se chamam: «O Brasil», «A sexualidade», «O romance francês a partir de 1900», «O Surrealismo», etc., etc. É um gênero de coleção bastante conhecido em toda a Europa, mormente em França (quem não conhece a série «Que sais-je?»), mas que, até agora, não havia sido tentado entre nós. Acabam de chegar às nossas mãos três volumes da coleção «Saber Atual», todos escritos por mestres em suas especialidades: «A Psicanálise», de Daniel Lagache, «Probabilidade e Certeza», de Émile Borel, e «As Origens da Vida», de Jules Carles. As traduções estão a cargo de Nelson Leon, Cita Ghinzberg e Hermilo Borba Filho respectivamente. Cada volume, em elegante apresentação, tem cerca de 140 páginas. (D.E.L., São Paulo, 1956).

◆ O PROCESSO de revalorização de Henrique Coelho Neto vem sendo tentado, de tempos para cá, por homens como Otávio de Faria, por exemplo. Agora, o filho do romancista maranhense, Paulo Coelho Neto, publica inteligente «Bibliografia de Coelho Neto», precedida de um prefácio de tom nitidamente polêmico, onde ataca, por vezes violentamente, o a seu ver principal responsável pela campanha de descrédito movida, desde há vários anos, contra seu ilustre pai: Álvaro Lins, o organizador (com Aurélio Buarque de Holanda) do «Roteiro Literário do Brasil e de Portugal». Achamos valiosa a parte do pequenino volume em que Paulo Coelho Neto cita as principais fontes para o estudo crítico-bibliográfico do autor de «Conquista». (Editor Borsoi, Rio de Janeiro, 1956 — 35 p.)

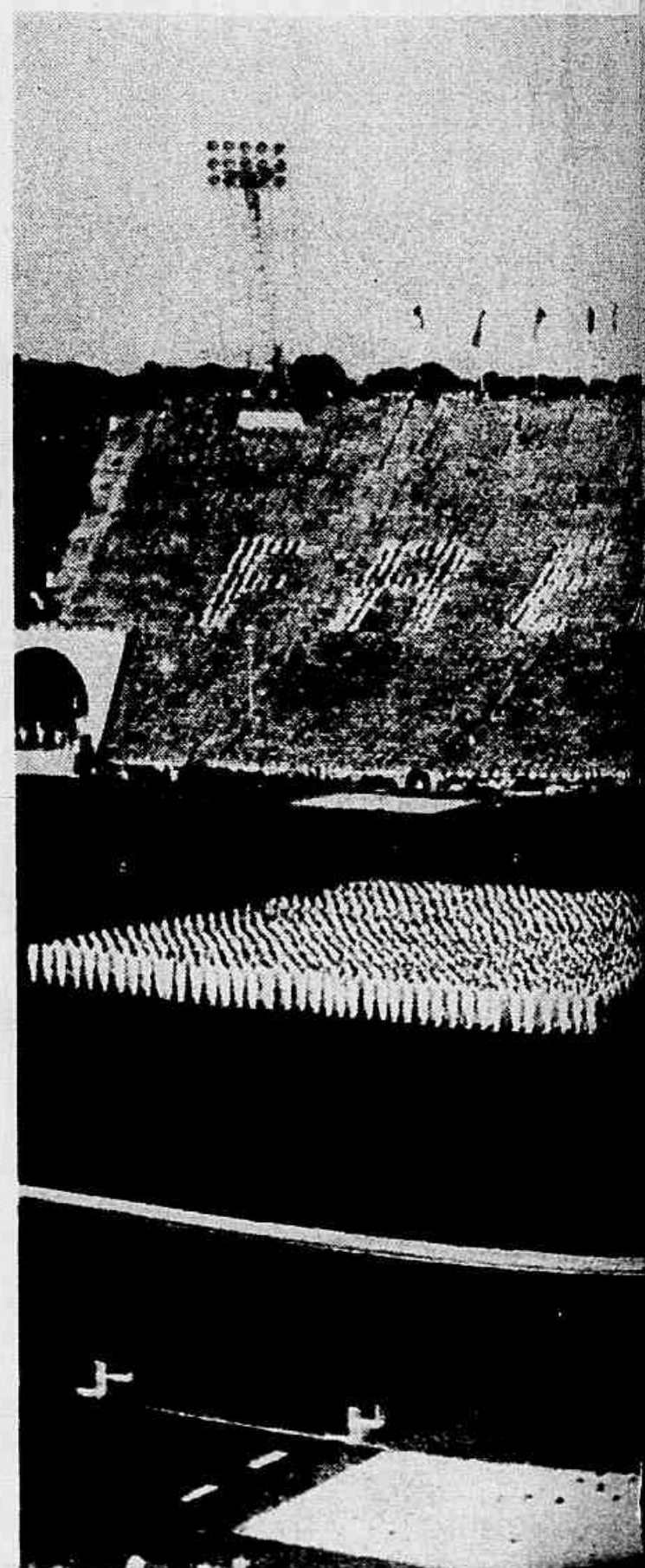


FESTIVAL INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

REVISTA DA SEMANA — 24

REALIZOU-SE

EM LEIPZIG, cidade alemã outrora famosa pela sua manufatura de brinquedos, e hoje em poder dos soviéticos, acaba de ser encerrado mais um Festival da Juventude Comunista, com a participação de mais de vinte e cinco milhares de moças e rapazes, provenientes de tôdas as partes do mundo. O ponto alto do Festival, que constou, como sempre, de espetáculos musicais, esportivos e cívicos, foi a inauguração do grandioso Estádio Municipal de Leipzig, que passou a ser o maior e mais moderno da Alemanha, com uma capacidade para 100.000 pessoas. Devido à situação de apreensão criada pela nacionalização do canal de Suez pelo governo egípcio, a representação egípcia ao encontro comunista da juventude em Leipzig não foi tão numerosa como nos anos anteriores. Contudo, ela se constituiu no seu principal atrativo, e grandes manifestações de apoio à decisão de Gamal Abdel Nasser foram efetuadas durante



EM LEIPZIG O

o transcorrer de toda a semana em que foi realizado o Festival. O chefe dos Comitês da Juventude Comunista Alemã, Walter Ulbricht, foi o organizador de mais esse Festival, que, diga-se de passagem, não foi tão brilhante, nem obteve a retumbância mundial dos anteriores. No dia do desfile inaugural, efetuado no grande Estádio, milhares de jovens, espalhados pelas arquibancadas, formavam, com as bandeiras dos vários países representados, a palavra FREUNDSCHAFT — AMIZADE. No centro do gramado, atletas conduzindo flâmulas e grandes bandeiras marchavam, ao som de uma banda marcial. As várias etapas do enorme desfile vieram demonstrar que a organização do Festival foi realmente impecável. Basta dizer que nem um só retrato de Stalin apareceu à luz do dia, e nem mesmo o nome do ex-deus do comunismo chegou a ser pronunciado em instante algum da grande festa... (Fotos I. N. S.)



NESSAS FOTOS aparecem detalhes do desfile inaugural de mais um festival da juventude comunista. Como sempre houve grande número de bandeiras empunhadas, desfiles alegóricos e espetáculos cívicos, Walter Ulbricht acertou os relógios da grande festa de conagração alemã.

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a

RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

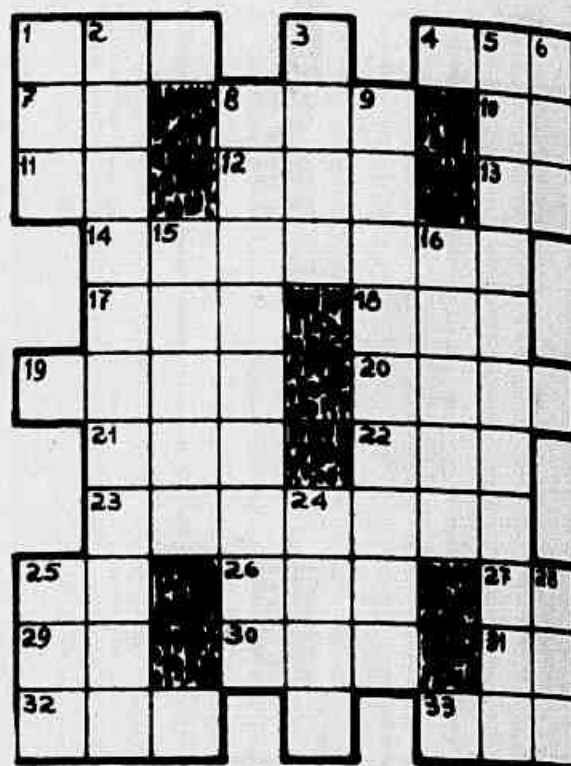
Record

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 135

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Turno — 4. Antiga moeda divisionária da Dinamarca — 7. Prefixo que traz a idéia de introdução — 8. Erva-mate — 10. Sufixo: semelhante a — 11. Semelhante — 12. Filho do gigante Hreidmar — 13. Decília — 14. Acabara de fiar a estripa, que cingia a roca — 17. Pico dos Pirineus — 18. Numerosos — 19. Indiferença — 20. Árvore da Índia Portuguesa — 21. Personificação poética da «miséria de viver» (Mit. escandinava) — 22. Língua negro-africana, falada na província de Banto — 23. Ser desagradável — 25. Idem — 26. Possessão portuguesa na Índia — 27. Seguiu — 29. Cidade de Nova Caledônia, na ilha de Maré — 30. Vila da Prússia, na Silésia — 31. Interjeição de espanto — 32. Nave — 33. Cidade da Holanda.

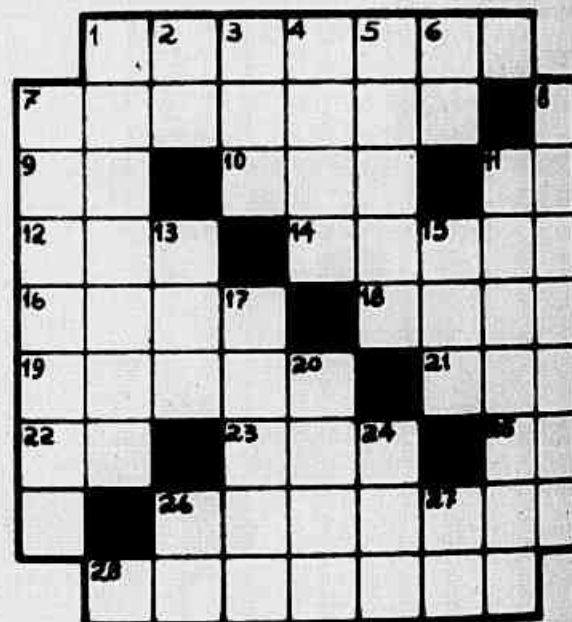


Ataner - Rio

VERTICAIS: — 1. Modo de transporte — 2. Congelados — 3. Dei — 5. De má qualidade (pl.) — 6. Arbusto da família das Salicáceas — 8. Aquêle que se nutre de excrementos — 9. Arara vermelha (pl.) — 15. Sela de passeio — 16. Resgatava — 24. Pavio de cêra — 25. Desejo de vingança — 28. Suspiros.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Peregrino — 7. Grão que se semeia — 9. Sigla automobilística do Amazonas — 10. O mesmo que outa — 11. Prefixo designativo de negação — 12. Lírio — 14. O que há de melhor na sociedade — 16. Irritar — 18. Rezar — 19. Ter valor — 21. Malcheiro — 22. Brisa — 23. Contudo porém — 25. Prefixo que traz a idéia de aproximação — 26. O que caça aos ratos — 28. Porção de casas.



QUE É UM PRESBITERIANO?

Por JOHN SUTHERLAND BONNELL

Ministro da Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida em Nova York

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

A OS PRESBITERIANOS, é permitido o divórcio somente ao cônjuge inocente em caso de adultério, cônjuge que aliás poderá casar novamente. Porém, nenhum ministro presbiteriano será capaz de casar uma pessoa divorciada, em tais condições, antes de que decorram doze meses do divórcio. É melhor porém prevenir do que remediar, diz o velho ditado. E por isso são atualmente levadas a efeito em todas as igrejas presbiterianas palestras pronunciadas por destacadas personalidades religiosas, no sentido de explicar os problemas do matrimônio, e o meio de resolvê-los da maneira mais harmônica e racional.

A Igreja Presbiteriana não estabelece para seus seguidores normas morais que devem ser observadas estritamente. Porém, não há nada nos ensinamentos eclesiais que possa proibir o emprego inteligente, auto-preservador e racional da limitação de filhos. O mandamento de Deus a nossos primeiros pais, «Crescei e multiplicai-vos», data de um tempo em que o mundo ainda estava praticamente despovoado. Aham os presbiterianos que esse preceito não deve ser levado muito ao pé da letra, nos dias que correm, dias difíceis, muitas vezes decorridos em meio à fome e à miséria.

No que se refere à confissão, os presbiterianos a utilizam, mas não da mesma maneira como a empregam outros cristãos. Confessam-se diretamente a Deus — e não a qualquer espécie de intermediário —, pois acreditam como os protestantes em geral que todos os homens são verdadeiros sacerdotes. A experiência obtida em muitos anos e após muitos e acurados estudos levou os presbiterianos a observar que a confissão é mais sincera e produz melhores resultados quando feita diretamente a Deus, do que quando prestada a um pastor. Porque a confissão deve ser ato voluntário e não compulsório, e porque é Deus, e não um pastor, quem deve receber a confissão.

Os presbiterianos acham que a salvação não se ganha através das boas obras, mas apenas por intermédio de Deus. As boas obras são já o fruto da salvação, a evidência de que o ser está ganhando em graça e em conhecimento de Cristo. A salvação apenas é encontrada através de uma total entrega da alma a Deus. Deus nos perdoa aos pecados e nos aceita — não por qualquer mérito que acaso tenhamos, mas por causa de nossa fé e de nossa perfeita obediência a Cristo e a sua morte redentora.

De qualquer modo, não há qualquer intervenção de um sacerdote no que se refere à salvação das almas; essa é uma relação direta e pessoal entre Deus e a alma. Deus representado por Jesus Cristo. Não está acaso escrito no Novo Testamento: «Pois há um Deus, e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo?»

Os presbiterianos sabem que somente Deus pode determinar a salvação de um homem. A salvação está acima de nossas pobres forças humanas. A interpretação da Confissão de Westminster levou alguns teólogos a pensarem que a predestinação priva o homem de qualquer liberdade de escolha — todo ser já nasce irremissivelmente salvo ou condenado. Porém, a Declaração adotada pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em 1903 estatui: «Os homens são totalmente responsáveis

no que diz respeito ao tratamento que derem à oferta da graça por Deus, e nenhum deles pode negar-se a recebê-la. Nenhum homem é condenado senão pela culpa de seus pecados».

Com poucas exceções, não interpretam os fiéis presbiterianos a frase do Credo dos Apóstolos «ressurreição da carne» como se referindo a uma futura ressurreição do corpo físico dos mortos. Escreve São Paulo: «Carne e sangue não são os herdeiros do reino de Deus; a corrupção não gera a incorruptibilidade». «Ressurreição da carne» é para nós, isto sim, uma referência ao corpo espiritual, meio de expressão muito apropriado de se aplicar a um mundo também espiritual.

O fundador do Presbiterianismo foi João Calvino, que rompeu com a Igreja Católica quando tinha vinte e quatro anos de idade. Aliás, há muitas opiniões diversas a tal respeito. O que porém não se pode mais colocar em dúvida é que Calvino fez mais do que qualquer outro homem para que os princípios sobre os quais está construído o moderno Presbiterianismo fôssem estabelecidos. O termo fundador é de qualquer modo talvez um pouco desaconselhável.

Calvino implorou aos Cristãos que voltassem à forma de governo eclesialístico prevalecendo na primeira centúria após o nascimento de Cristo. John Knox, durante seu exílio da Inglaterra, viveu em Geneve, onde travou conhecimento com as teses de Calvino. Knox foi a maior força a agir no sentido de que a Escócia adotasse o Presbiterianismo, que até hoje é o credo dominante na região.

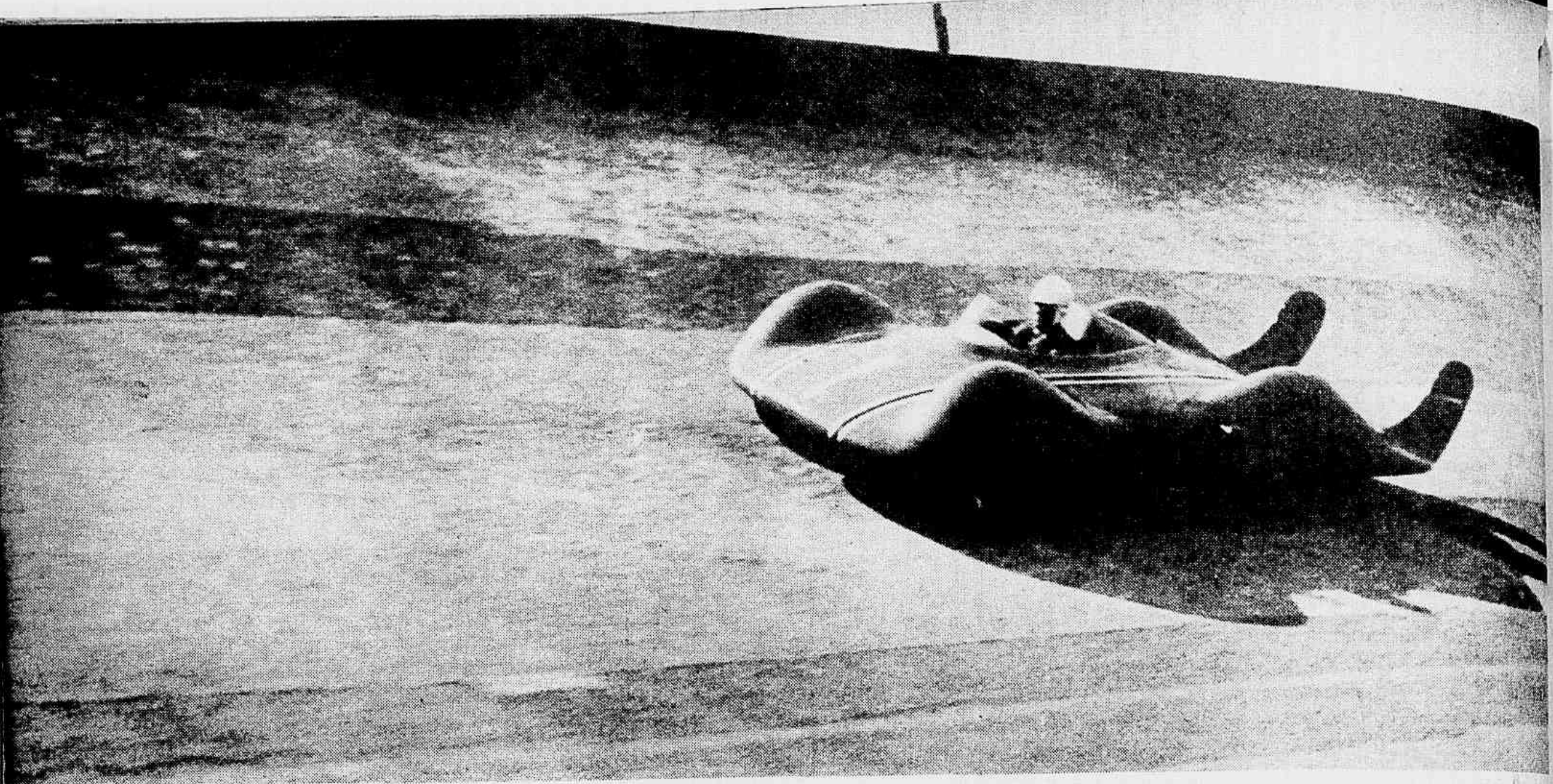
O sistema presbiteriano de governo eclesialístico é uma democracia representativa. O povo governa sua igreja através de delegados eleitos. O leigo desempenha nesse governo papel preponderante. O voto de um ministro vale o mesmo que o voto de um leigo. E em cada corte pode ser o leigo eleito para o mais alto cargo, que é o de membro do poder moderador.

Tão grande foi a participação dos presbiterianos na Guerra da Independência Americana, que essa revolução vem descrita em vários livros como «A rebelião Presbiteriana». Um verbete da Enciclopédia Britânica afirma: «Os presbiterianos exerceram grande influência na construção da Constituição dos Estados Unidos, e o governo da igreja foi assimilado não em parte desprezível pelo governo civil do país inteiro».

Sumamente orgulhosos se sentem todos os presbiterianos pelo fato de que o reverendo John Witherspoon foi o único clérigo a assinar a Declaração da Independência. E pelo menos treze outros assinantes do histórico documento pertenciam à religião dos Presbiterianos.

Tendo sido grandemente perseguidos no Velho Mundo, os Presbiterianos preocupam-se incrivelmente com a opressão quer política quer religiosa no Novo. As palavras de John Knox a Mary, rainha da Escócia, soberana católica, foram citadas freqüentemente durante a revolução americana: «Se os príncipes se excedem em suas funções, senhora, devem ser desobedecidos e mesmo depostos».

a seguir: «QUE É UM MORMON?»



NOVA MÁQUINA de corrida, ultra-moderna, é essa Renault, que busca imitar, em suas linhas gerais, o vulto aerodinâmico de uma águia, em pleno vôo. Sua potência é de 270 cavalos-vapor. E' o primeiro carro de corrida a jato fabricado na França.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

RALF VALLONE aqui aparece quando, numa praia da Itália, onde passa atualmente suas férias, banhava-se com a mulher e os filhos. Vallone tem filmado na Alemanha e na França, e fará em breve, num teatro de Paris, o papel de Júpiter, numa peça de Giraudoux.

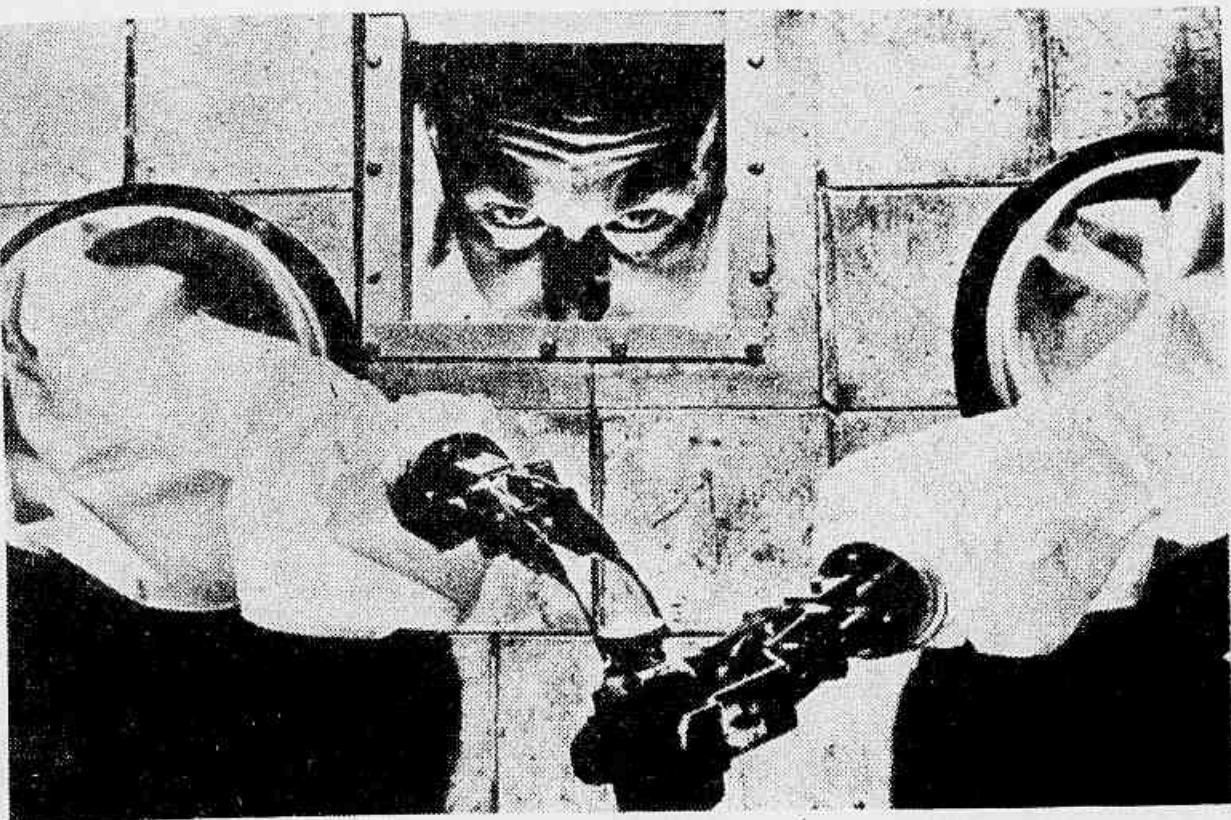


FRANÇOISE SAGAN discute com o produtor cinematográfico Otto Preminger os detalhes do futuro filme a ser extraído do romance «Bonjour Tristesse».



MICHEL SIMON conversa com o guarda Fernand Billa, cuja ação humanitária na prisão de Pont L'Eve-que inspirou o último filme do artista, «A Alegre Prisão».





ESSE NEGÓCIO de tratar com minerais radioativos é mesmo perigoso, e por isso esse cientista usa de tôdas as cautelas para manipular alguns miligramas de rádio.



PICASSO E Gary Cooper conheceram-se há pouco, em Vallauris, e ficaram grandes amigos. Na foto, usam óculos fantásticos, desenhados por Foujita.



DIANA DORS, a Marilyn inglesa, chegou aos Estados Unidos e foi logo «abafando». Como fotografia é sobretudo questão de ângulo, êsses dois fotógrafos, que aí vemos em plena atividade, devem ter feito algumas chapas maravilhosas.

NO INSTITUTO Central de Geodinâmica de Viena, êsse engenheiro, professor Gruber, experimenta um aparelho ultra-sensível que idealizou, e que se destinará, quando aprovado, a medir e controlar a radioatividade existente nas camadas de ar.

PIRACICABA NASCEU DO OURO

EDUARDO TOURINHO

EM 15 de novembro de 1693, numa sesmaria obtida por Manuel Peixoto da Mota em «uma e outra banda do rio, ficando-lhe o salto no meio», nasceu Piracicaba: — «lugar onde chega o peixe» na língua geral dos brasis.

Mas em 1726 Felipe Cardoso obtém outra sesmaria com «léguas de largo de testada, meia para baixo e meia para cima, ficando o pórtio no meio». Parece tratar-se da mesma gleba anteriormente doada, na qual o sesmeiro não empreendera nenhuma colonização.

A carta régia de 1709 fez de S. Paulo uma Capitania independente da do Rio de Janeiro. Conteriu-lhe vastíssimo território: — Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina dos nossos dias. O governador nomeado — Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho — estabeleceu-se em Ouro Preto.

A vertigem do ouro alastrava-se... Em 1718 e a incursões de Antônio Pires de Campos, Aleixo Garcia e os irmãos Leme, as minas de Cuicabá foram descobertas.

Foi esse ouro à flor da terra e livre da ganga que, dois anos depois, determinou o deslocamento — o «rush» — de que fala Orville Derby — milhares de pessoas para a região: o sul do Brasil. Subindo o Anhandau, atravessando a Vacaria, descendo o Mateteu e entrando pelo Paraguai, múltiplos ambiciosos mineradores pereceram de fome ou foram tragados pelas cachoeiras. Outros morreram às mãos dos Caiapós, Paiaguás e Guaicurus. Houve expedições que foram completamente dizimadas.

Em 1721, o governador Rodrigo César de Menezes lançou um **bando** para que um caminho se rasgasse pela selva na direção das minas de Cuicabá. Isso, «para ficar mais fácil a todos o irem e virem com cavalos e cargas» mais comodamente do que pelos rios. Entre 1723-25, o caminho estava aberto entre S. Paulo e o Paraná. E quando começa verdadeiramente o povoamento de Piracicaba. Depois 1733 a 1737 — os sertanistas paulistas batem impiedosamente as tribos índias dos Caiapós e Paiaguás. De Piracicaba, uma **Bandeira** partiu: a de Manuel Corrêa Arzão.

x x x

O governador D. Luís Antônio de Souza Botelho — o morgado de Mateus — levanta o forte de Iguatemi, a «chave que fecha o Cuicabá e o Mato Grosso» destruída pelos espanhóis em 1777. Funda as Vilas de S. José dos Campos, Atibaia, Faxina, Mogi-Mirim, Guatuba — no Paraná — e Lajes, em Santa Catarina. Para que Piracicaba se tornasse povoação nomeia, em 1766, Antônio Corrêa Barbosa.

Em agosto do ano seguinte é a povoação formada «com administrados vadios, dispersos e vagabundos»: os índios e aventureiros que erravam pelos sertões. Muitos «malvistas» e «gente afamalhada» fixam-se em Piracicaba. Mas

Corrêa Barbosa — que a todos devia tratar «sem vexação» — desmanda-se...

Pelo ano de 1774 o povoado é elevado à freguesia e tem como seu primeiro vigário o padre João Manuel da Silva. Um ano depois contava quarenta e cinco **fogos**, o equivalente a duzentos e trinta e um moradores.

A 31 de julho de 1784 a povoação é deslocada para a margem esquerda do rio, mas ltu continua a ter sobre ela jurisdição. A lavoura alarga-se. É de dessa lavoura, da caça e da pesca que vivem os habitantes.

x x x

Nos meados do século passado, Piracicaba tinha intensas plantações de café. A fazenda «Milhã» — na antiga estrada que leva a Itu — ostentava a mais importante «Casa Grande» do município.

Em 1817, contava Piracicaba duzentas e sessenta e quatro fazendas e trinta e cinco Engenheiros com oitocentos e noventa e três escravos. Em 1836, o número desses Engenheiros ascendeu a setenta e oito. As terras que formam o atual município eram quase completamente ocupadas por grandes propriedades agrícolas: Monjolinha, Morro Azul, Limoeiro, Monte Alegre, Taquaral, Pau Queimado... Desde o começo de oitocentos, numerosos caminhos ligavam Piracicaba a outros centros paulistas.

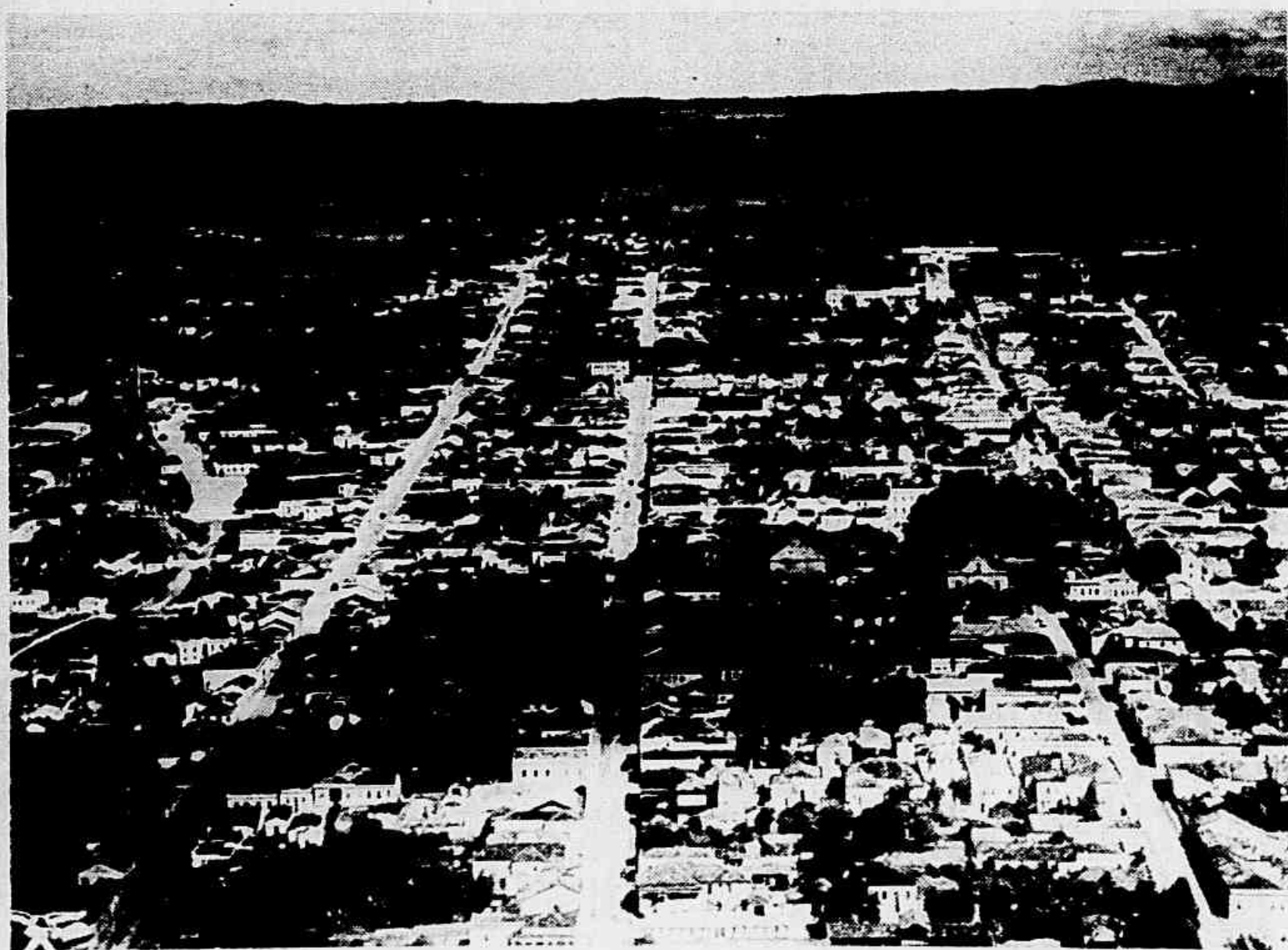
A 29 de outubro de 1821, transforma-se Piracicaba em Vila Nova da Constituição. Na praça central ergueu-se o pelourinho como símbolo de «jurisdição, respeito e alçada à justiça». E logo teve Câmara e seus primeiros vereadores: — Xisto de Quadros Aranha, Garcia Rodrigues Bueno e Miguel Antônio Gonçalves. E o primeiro procurador foi Pedro Leme de Oliveira.

Nessa Câmara e entre manifestações de júbilo popular foi Pedro I, a 12 de outubro de 1822, aclamado imperador do Brasil.

x x x

Em 1836, o orçamento de Piracicaba consignava trezentos e trinta mil réis de receita. A vila abrangia doze quarteirões e o município contava 10.291 almas. Estimava-se a produção de açúcar em 115.609 arrobas e a de aguardente em 1.078 canoas. As lavouras de café, arroz, feijão, milho, algodão e fumo prosperavam. Nos pastos, o gado abundava. Formara-se a Guarda Nacional com quatrocentos e vinte e nove praças de infantaria e setenta e seis de cavalaria. E, nela, figuravam carpinteiros, ferreiros, pintores, ourives, sapateiros e alfaiates.

Em 1856, finalmente, torna-se cidade. Foi em 1877 que Prudente de Moraes — então vereador — fez com que, através da Câmara, a Assembleia Provincial restitua à cidade sua antiga denominação: — Piracicaba, «peixe que chega» ou, mais propriamente, «lugar onde chega o peixe» na língua tupi.



VISÃO AÉREA de parte da cidade paulista de Piracicaba. O lugarejo que Antônio Corrêa Barbosa governava em 1766 é atualmente uma cidade moderna e cheia de progresso.



Com um tambor africano, e tendo ao lado a estatueta de um Deus pagão, Sally Forrest diverte-se em sua casa.

SALLY, PIN-UP INTELLECTUAL

DEIXOU POR ALGUM TEMPO O CINEMA PARA ESTUDAR ASTRONOMIA E MATEMÁTICA ★ ONDE O MATERIAL E O INTELLECTUAL SE DÃO OS BRAÇOS



De frente, de costas ou de perfil

NÃO foi só a estuante Marilyn Monroe quem, desejando progredir o máximo possível em sua carreira, abandonou as filmagens e os estúdios hollywoodianos, e mergulhou no estudo, às voltas com livros e com coisas mais sérias: também Sally Forrest,



lly é essa beleza que se pode ver.

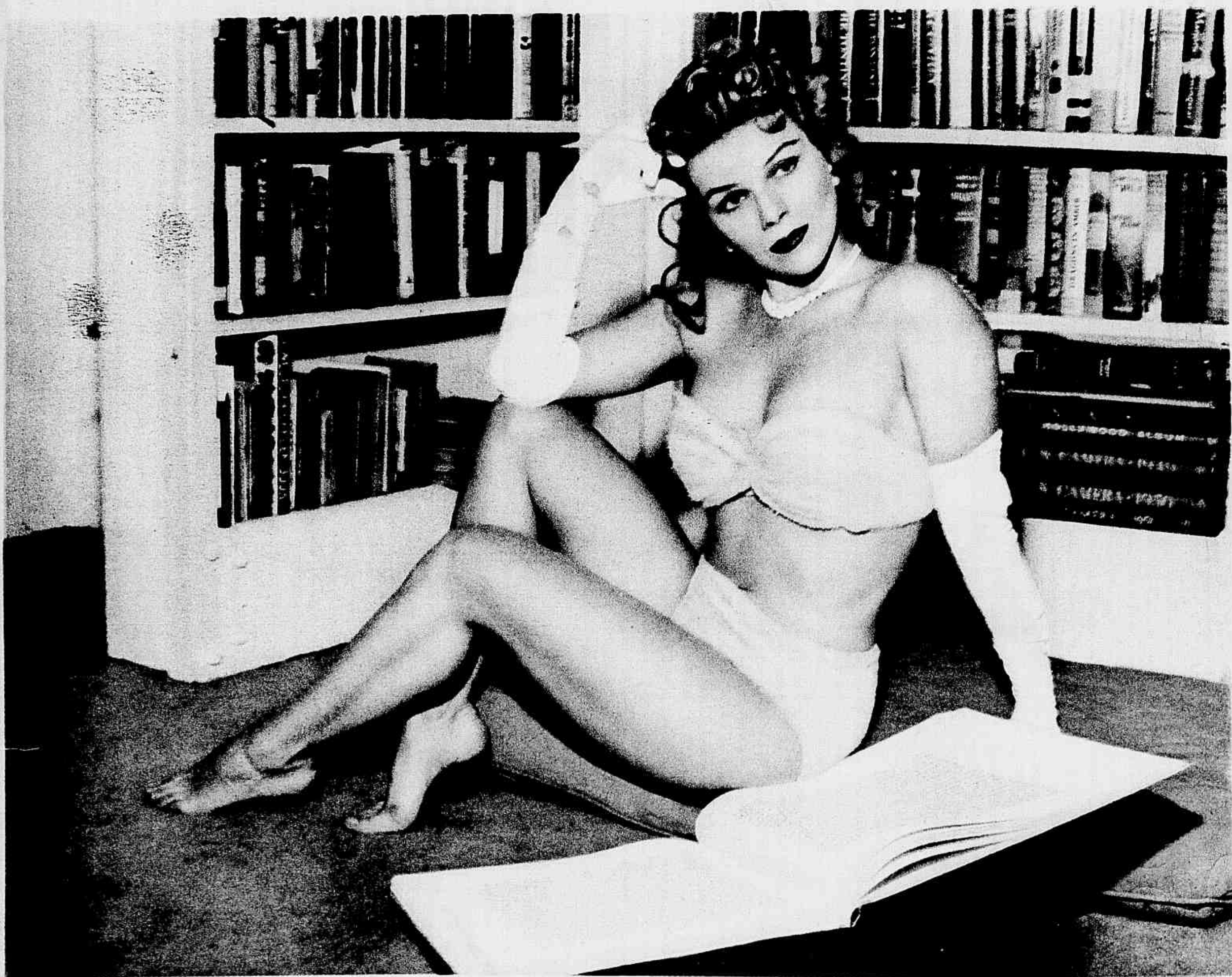
jovem atriz norte-americana que não faz muito filmou «The Seven Year Itch» — história sem compromissos de uma garôta cheia de «sex-appeal» —, acaba de fazê-lo, após passar três anos em Hollywood, às voltas com argumentos mais ou menos frívolos, que se obstinavam em





SALLY, PIN-UP INTELLECTUAL

própria Sally, «pin-up» intelectual, que gosta de tirar fotografias como essas que apresentamos, em trajes praianos sumariíssimos, diante de estantes cheias de livros, ou então lendo os clássicos da língua inglesa, de «bikini» e de luvas... «Isso» (afirma a menina) «causa uma verdadeira fusão entre meu lado intelectual e meu lado físico, capaz de transformar a cabeça de qualquer homem». E' claro: se metade dos homens prefere na mulher a beleza e a graciosidade, e se outra metade nela busca a inteligência e a cultura, Sally Forrest, em quem essas qualidades tôdas se reuniram, agradará a gregos e troianos... Para início de conversa, e para os que duvidam dos atributos mentais de Sally, diremos que ela, presentemente, ocupa-se em aprender astronomia, possuindo verdadeira biblioteca sôbre o assunto; estuda igualmente música, e tem professores de francês, italiano e alemão; está escrevendo, com o



Sally gosta de brincar com sua Preguiça amestrada, porém passa a maior parte de seu dia na biblioteca, às voltas com livros.

realçar unicamente, e compreensivelmente, suas qualidades físicas, em detrimento das intelectuais. E' óbvio — ninguém poderá, de boa mente, culpá-los por isso — que a um diretor de Hollywood interessará bem mais o corpo gracioso e cheio de vida de Sally, que tôdas as suas qualidades mentais, que são inúmeras. Mas não é assim que pensa a

liccionista Van Vogt, uma novela sôbre discos voadores e coisas semelhantes; e, ainda por cima, é formada em matemática e entendida em física. Se isso tudo não basta, francamente, é porque o leitor é por demais exigente. Para nós, confessamos que Sally realmente enche as medidas, quer do ponto de vista físico quer do intelectual. (Fotos I.N.S.)

COM PEDRO BLOCH

DEMÓSTENES VARELA

- Ping — Qual foi a sua maior emoção como teatrólogo?
- Pong — A maior emoção de qualquer teatrólogo é sempre a noite de estréia de qualquer de suas peças.
- Ping — Qual de suas peças você prefere?
- Pong — A última. Sempre a última. O fenômeno também é geral.
- Ping — E qual é a última?
- Pong — «O Sorriso de Pedra» que Berta Singermann vai estreiar no Chile, levar para Buenos Aires e, logo depois, para o Municipal do Rio e São Paulo.
- Ping — É peça de um só personagem?
- Pong — É e não é. Creio ter encontrado uma solução diferente. Temos o aproveitamento e a união de uma série de elementos que darão, digamos assim, uma «quarta dimensão» ao espetáculo. Você verá como.
- Ping — Mas espere aí! Quantas peças você terá em Buenos Aires no ano que vem?
- Pong — «As mãos de Euridice» seguirá em seu terceiro ano de cartaz, na interpretação de Enrique Guitart, o maior ator espanhol do momento. E por falar nas «Mãos», Rodolfo Mayer, seu criador em português, acaba de gravar a peça completa, inaugurando a coleção «Teatro» da mesma companhia que grava os poetas.
- Ping — Por falar em poetas: qual é a coisa que mais o comove?
- Pong — Ver um garoto que não teve infância. Perceber nos olhos de um menino uma maturidade precoce e nos olhos de um adulto uma infantilidade constante.
- Ping — Que pensa você do nosso teatro?
- Pong — Só posso pensar o maior bem deste mundo. Vamos caminhando. Os processos das diversas escolas de Teatro, o T.B.C., a Companhia Maria Della Costa, a Companhia Tônia-Celi-Autran, os «Artistas Unidos», Sérgio Cardoso, etc., têm-lhe conferido muita categoria, têm elevado o nível dos espetáculos. «O Tablado» muito tem feito, também.
- Ping — E as companhias mais populares?
- Pong — Têm uma grande, uma imensa missão: — a de preparar público, a de realizar a transição, a de chamar gente para o teatro. Há ar para todos. Para todos os gêneros, para todas as formas de teatro. Mesmo a «chanchada» tem sua dignidade. Prefiro uma «chanchada» que faça rir, a um espetáculo de pseudo-poesia e pseudo-dignidade artística com luzes e grandes cenários, grandes intérpretes e grande direção, que veicule a desagregação e a angústia.
- Ping — Você prefere o êxito de público ou o êxito puramente artístico?
- Pong — Não existe êxito artístico sem êxito de público. George Nathan, crítico norte-americano, já disse que «se deve salvar o teatro mesmo à custa de todos os teatros do mundo». Lee Shubert, o falecido empresário, dizia que a «bilheteria não mente nunca».
- Ping — E qual dos dois tinham razão?
- Pong — Eu não vejo que eles pensassem de modo muito diferente. De um lado não sei se Nathan queria salvar o teatro do mundo ou a sua concepção pessoal do que DEVERIA ser o teatro. E quando Shubert fala em bilheteria não quereria ele dizer que, atrás de cada bilhete, existe um ser humano que sente, que vibra, que sofre, que ri e que chora? Não estaria querendo salvar um teatro igualmente digno? Não haverá poesia também numa gargalhada «digestiva»? É um ponto a discutir, especialmente dentro da psicologia moderna.
- Ping — Mas você não respondeu quantas peças suas vão estreiar em Buenos Aires.
- Pong — Ah, sim! «As mãos de Euridice» voltará em 57, em terceiro ano. Ainda tenho contratos para a estréia de Berta Singermann com «O Sorriso de Pedra» e João Villaret em «Esta noite choveu prata!»
- Ping — João Villaret em Buenos Aires?
- Pong — Perfeitamente. O empresário De Maria viu-o em Lisboa, agora, e ficou entusiasmado com sua interpretação... em espanhol. Resolveu contratá-lo para uma excursão, em 57, por toda a América Latina, representando a minha peça em castelhano.



♦ «Dona Xepa», de Pedro Bloch, é a peça brasileira que maior número de representações seguidas alcançou entre nós. Duas temporadas, com centenas e centenas de representações, uma terceira temporada que vem de findar e, neste momento, sua estréia no Teatro Cultural Artístico de São Paulo, caminhando assim para suas 1.000 récita no Brasil. É a propósito desse milheiro de representações que se aproxima que entrevistamos o autor de «As mãos de Euridice» para conhecer seus pontos de vista e suas novidades.

- Ping — E no Brasil?
- Pong — No Brasil o intérprete será sempre o nosso grande Procópio.
- Ping — Que pensa você de nossos autores?
- Pong — Há muito bons, bons, regulares e maus. Como em toda parte.
- Ping — Que pensa você de Alda Garrido?
- Pong — Uma atriz fabulosa, extraordinária, em seu gênero.
- Ping — Qual é o gênero?
- Pong — O gênero chama-se... Alda Garrido.
- Ping — Você não acha o gênero excessivamente popular?
- Pong — Depende do que você chame de popular. Se você chama de popular aquilo que atinge diretamente as massas que frequentam o teatro, ela é eminentemente popular. Se você chama de popular o gênero que ela cultiva, no sentido de que é uma forma de teatro menos elevado, não concordo. Ela só pretende fazer rir, divertir, fazer esquecer, durante duas horas. Consegue dar sempre duas horas felizes a um público que procura justamente isso no teatro. E essa felicidade de duas horas, multiplicada pelo número de espectadores me parece das coisas mais belas e mais dignas do mundo!

RESUMA DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ Tom Rath, um ex-soldado, e Betsy, sua esposa, moram desde o término da guerra em uma casa, em South Bay, próximo da mansão onde a avó de Tom, uma senhora de mais de oitenta anos, ainda cisma em viver. Tom troca seu antigo emprego por outro, mais rendoso, que lhe oferece um milionário, Hopkins, que se propõe fazer um Instituto de Prevenção Contra Doenças Mentais na América do Norte. Nesse ínterim, a avó morre, deixando-lhe a casa e mais algum dinheiro. Betsy pretende mudar-se para a mansão, vendendo a pequenina casa em que habitam, e que responsabiliza por certas rusgas que ultimamente vêm surgindo cada vez com mais frequência entre ela e o marido.

TOM envolveu-a em seus braços. Reconheceu que, em parte, ela estava com a razão. Pois tentariam morar no solar que fôra da avó. Talvez fôsse loucura, mas pelo menos valia a pena tentar. No dia seguinte, quando Tom Rath caminhava para o seu trabalho na Fundação Schanenhauer, viu um homem usando uma velha jaqueta. E, subitamente, seu pensamento recuou até ao ano de 1943, quando lhe parecia que a guerra jamais iria terminar. Tom matara um soldado alemão que usava uma peça de vestimenta muito parecida aquela, somente porque precisava dela. Sim, tinha vergonha de recordar aquela passagem de sua vida. Porém, o Estado Maior determinara que não fizessem prisioneiros.

Fôra de noite, e Tom, com oitocentos pára-quedistas, tinha saltado sobre uma ponte alemã, por detrás das linhas avançadas tedescas. Devido à força do vento violento, eles tinham saltado no momento errado, e no local errado, e por isso mais de um quarto de sua companhia foi aniquilado antes mesmo de tocar no chão pelas rajadas de metralhadora. Custara a Tom e a seu amigo Hank Mahoney pelo menos uma semana, até encontrarem de volta o caminho de seu acampamento, fugindo às patrulhas alemãs. Foram ambos considerados heróis, e um rapazinho italiano, Cesar Gardella, desejou comprar a jaqueta.

Mas... Tom Rath lembrou-se de repente: não podia haver qualquer dúvida. Cesar Gardella era o homem do elevador! Sim, sem qualquer

dúvida, era Cesar, apenas mais gordo e naturalmente mais velho. Além do que, usava também bigode. E logo se lembrou de outros incidentes.

Já sentado em sua mesa, no décimo andar do edifício da United Broadcasting, Tom lembrou agora o mau humor de que tinham sido assaltados ele, Hank e Cesar, quando, após tantos anos de lutas na Península Itálica, tinham sido todos mandados para o Pacífico, de vez que sua presença na Itália não era mais considerada necessária. Tom pensara, naquele dia de 1944 em que recebera a comunicação de sua próxima partida: «De uma guerra escapei, porém de duas, creio ser difícil...»

E' verdade que antes de partirem tinham recebido uma semana de licença em Roma. A primeira providência que tomou, ao chegar à capital italiana, foi remeter para a esposa quase todo o dinheiro de que dispunha, a fim de que ela pudesse adquirir a casa com a qual sempre havia sonhado. Aliás, em Roma não ficou sem dinheiro, porque seu fraternal companheiro Hank Mahoney ganhara seiscentos dólares no jogo, e lhe cedeu metade desta quantia.

Foi num pequenino bar que Tom encontrou Maria, uma linda jovem de apenas dezoito anos, muito modestamente vestida, e com o rosto mais triste de que ele se recorda ter visto em toda a sua vida. Pouco depois de algumas palavras, soube que os alemães haviam dizimado os pais e demais parentes da jovem mesmo diante de seus olhos... Tomaram juntos alguns drinques, jantaram, e depois Maria levou até sua modesta casa — um casebre de exíguas dimensões. «Não pensarei em Betsy».



Durante o almoço em que travou conhecimento com...

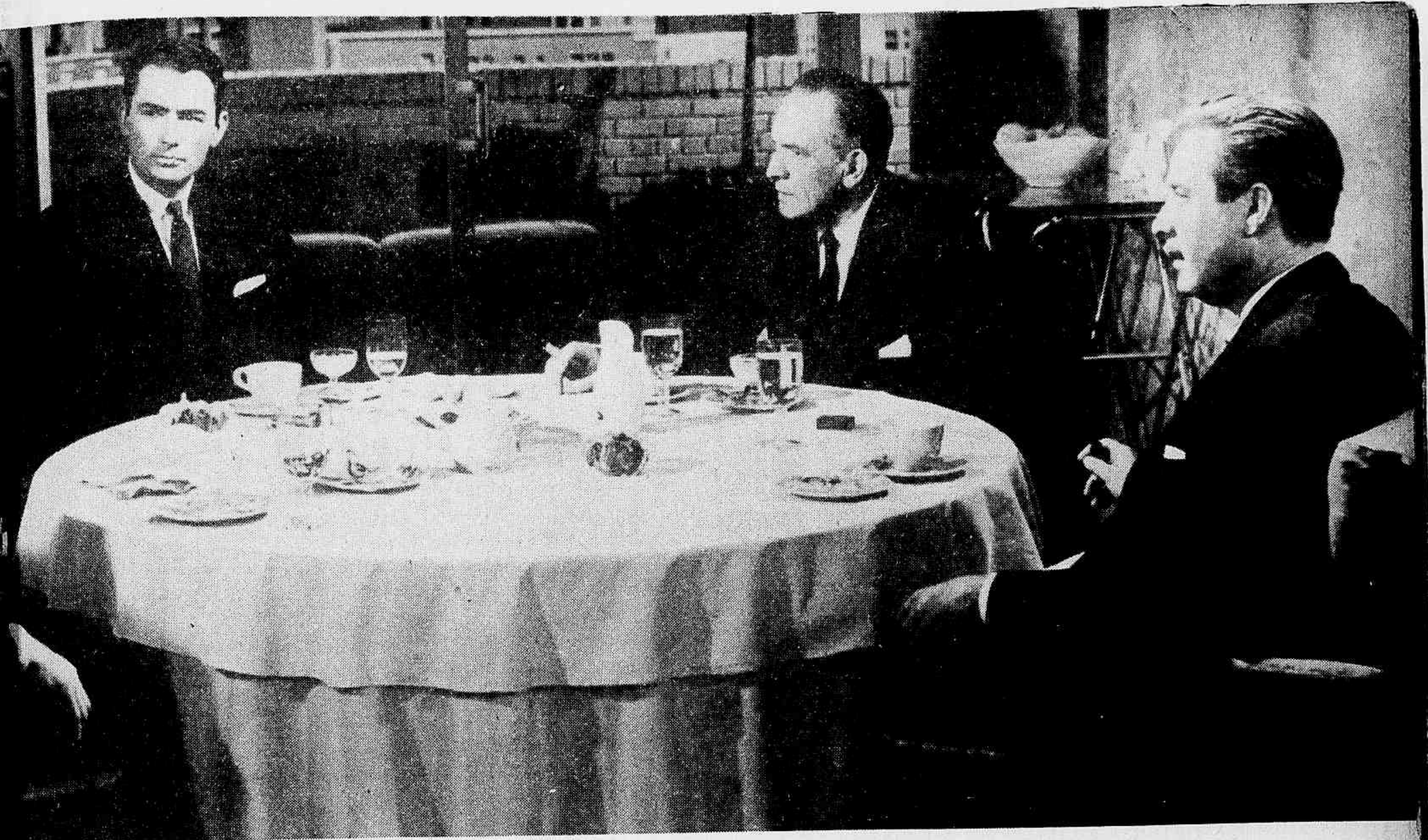
CINE-ROMANCE



Tom conheceu Maria durante a guerra, em Itália. Passaram juntos alguns meses até que partiu para o Pacífico.



Tom Rath escuta intrigado as instruções do chefe. Tudo de...



com seu novo e enigmático patrão, Tom nem uma só vez ouviu qualquer referência a respeito da natureza de suas novas funções.

O HOMEM DO TERNO CINZENTO



disse Tom de si para si: «ela está tão longe, e provavelmente nunca mais hei de ver Maria em minha vida.»

Beijou Maria, já meio esquecido do que era um beijo. E achou-a mais bela do que nunca, quando no dia seguinte despertaram.

Viveram juntos durante quarenta e nove dias, pois a licença de uma semana foi convertida em um período de pausa de mês e meio. Mês e meio durante o qual Maria e Tom construíram um pequeno mundo, todo seu, cheio de confidências e de prazeres. Tinham amigos, soldados norte-americanos que viviam com moças italianas, e um desses amigos era César Gardella, que namorava uma pequena chamada Gina, prima de Maria. Gardella falava a todo mundo que, assim que a guerra acabasse, ele voltaria para Roma e casar-se-ia com Gina.

Quando chegou o dia de partirem para o Pacífico, Maria confessou a Tom que estava grávida, pelo que pensava. E, no aeroplano, a caminho do Pacífico cheio de ilhas infestadas de soldados terríveis, de pequeno porte e de baionetas caladas, Tom não deixou de pensar que era um conforto saber que para trás deixava

um filho, que iria continuar o seu nome. Não houve recriminações, pois Maria bem sabia que Tom era casado, nos Estados Unidos. E foi com surpresa que ela recebeu de Tom, já na fila para o avião, uma pequenina fortuna — quinhentos dólares — e mais alguns viveres que serviriam para mantê-la durante algum tempo.

Voara até Nova Guiné, e depois, em transportes aéreos, saltara na ilha de Karkow. Em todas as ilhotas, por mais pequeninas que fossem, havia japoneses dispostos a combater até à morte. E por isso, a luta foi árdua para Tom. E o pior é que a selva era terrível, favorecendo mais aos nipônicos, acostumados a ela, do que aos americanos que jamais haviam visto nada de semelhante.

Juntamente com Gardella, Tom se incumbira da destruição de uma bateria japonesa de morteiros. Já tinham destruído, com o fogo das bazookas, o reduto inimigo, e preparavam-se para revistar os dois oficiais mortos no combate, quando do meio de uma moita surgiu de repente um soldado nipônico emboscado.

(Cont. na página 58)

(THE MAN IN THE GRAY FLANNEL SUIT)

CAPÍTULO II

ELENCO:

Tom Rath	GREGORY PECK
Betsy	JENNIFER JONES
Hopkins	FREDRIC MARCH
Maria	MARISA PAVAN
Juiz Bernstein	LEE J. COBB
Mrs. Hopkins	ANN HARDING
César Gardella	KEENAN WYNN
Hawthorne	GENE LOCKHART
Susan Hopkins	GIGI PERREAU
Janie	PORTLAND MASON
Walker	ARTHUR O'CONNELL

Mrs. Manter CONNIE GILCHRIST

Produtor	DARRYL F. ZANUCK
Diretor	NUNNALLY JOHNSON
Roteiro	NUNNALLY JOHNSON
Novela Original	SLOAN WILSON
Música	BERNARD HERRMANN
Fotografia	CHARLES G. CLARKE
Trajes	CHARLES LE MAIRE
Consultor de Côres	LEONARD DOSS
Produção e distribuição	20TH CENTURY-FOX

lhe ministra um dos auxiliares de seu novo ser obedecido à risca.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

LIVROS QUE NÃO DEVEM FALTAR EM SEU LAR



PEQUENO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA — H. de Lima e G. Barroso, encadernado. 200.00

A NOSSA VIDA SEXUAL — Dr. Fritz Kahn, guia e conselheiro para todos, com resposta para todas as questões. 100.00

COMER MELHOR (Os segredos da cozinha) p/ Dna. Stella mais de mil receitas. Ótima sugestão para presente. 130.00

Pedidos pelo reembolso postal sem acréscimo de despesas.

LIVROS — ROMANCES — MUSICAS — MÉTODOS etc.

Distribuidora para todo Brasil do famoso método de piano e harmônica de A. Schmoll.

PRATO, Distribuidora Lit. Mus. Ltda. - Caixa Postal 1037
Rua Sud Menucci, 234 — SÃO PAULO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

CARMEN

♦ Muito cheia de incidentes foi a oitava récita da assinatura gala da presente temporada, quando subiu à cena a obra-prima de George Bizet. De início, aplausos excessivos à Abertura, executada pela orquestra sob a regência do maestro Franco Ghione. Ao sentar-se a atmosfera inquietante que reinava nas galerias e nos balões tinha-se a impressão de que o ambiente frenético e apreensivo do melodrama emigrava pouco a pouco para o espírito dos espectadores fascinados ante um cenário de abismo e sangue, mas ao mesmo tempo, desconfiados de certo elemento intruso que, como veremos, teve o prêmio que mereceu.

De acordo com todas as previsões, Giulietta Simionato monopolizou as atenções no primeiro ato. Representou com vivacidade, e a potência altamente comunicativa de sua voz atacou o público, arrancando aplausos que mereceu como a maior figura do elenco. Toda a «baneira» foi pontilhada de emotividade e vivência, além de estelar numa espontaneidade cênica dificilmente atingível. E a «Seguidilla» sacudiu, por algumas emissões vocais de rara felicidade. Del Monaco que tentou fazer virtuosismo, não convenceu em sua reconstrução de Dom José. Abusou de suas possibilidades vocais. Falteu-lhe o controle. Quanto à senhora Lia Salgado, pelo menos no primeiro ato, o público teve nervos para suportá-la.

No segundo ato, o nível geral do conjunto elevou-se um pouco. O barítono Guelfi provocou uma onda de entusiasmo, pelo visto devido mais à popularidade da «Canção do Treador», do que propriamente pela sua exteriorização vocal, o que nada teve de satisfatório. Simionato, realfirmou-se neste passo, com maior brilho e profundidade de expressão. Belíssimas gradações e segurança na movimentação. No fim, firme que na primeira etapa reapareceu Mário Del Monaco, cuja interpretação da «Ária da Flor» foi alvo de prolongadas manifestações por parte da platéia.

Não obstante a forte tensão que se fazia sentir, principalmente decorrer dos entreatos, a récita prosseguiu normal até a metade do terceiro ato. Na realidade, desde o início da ópera estava faltando a intervenção de um personagem, cuja atuação específica e enérgica ante um outro personagem profundamente afetado por uma dor incurável, viria determinar o equilíbrio dos valores. O primeiro dos personagens foi a platéia — complacente, porém cônica da sua pacidade de julgamento. O outro, a sra. Lia Salgado, esposa de Del Monaco, excelência o ministro da Educação, que não passa de um equívoco vocal. Não é verdade que a cantora em questão tenha sido «jogada às feras» como se pretendeu insinuar, num esforço defensivo, fora do âmbito da arte; nem tão pouco foi vítima da «prevenção dos que nas espreitavam a oportunidade de fazer sentir sua possível maior influência». A realidade é bem outra; nada de paixões políticas a exteriorizarem através de vaias; nada de má vontade para com o artista ligada aos altos círculos governamentais. O que houve foi mais uma das lamentáveis atuações do soprano Lia Salgado, com diferença que desta vez o público resolveu não tolerar mais a imposição, que tantas vezes já lhe ferira os ouvidos.

Serenados os ânimos, o último ato decorreu em excelentes condições. Del Monaco manteve a linha anterior, sem grande relevo, enquanto Simionato completou em soberbo estilo a construção de «Carmen» italiana.

Bons os cenários de Santa Rosa, com suas cores exasperadas e linhas autênticas. E novamente digna de elogios a regência do maestro Franco Ghione.

NOTICIÁRIO

Encerrou-se a Temporada Lírica Internacional com a apresentação, em nona e última récita, da ópera «Norma» de Bellini. Os principais papéis estiveram a cargo de Antonietta Stella, Helmi Nicolai, Mario Del Monaco e Plinio Glebassi.

CELESTINO SILVEIRA



◆ CELESTINO SILVEIRA vem de iniciar nova etapa em sua vida profissional. Deixou a imprensa, em que se notabilizara durante tantos anos, para ingressar no campo da televisão. Está ocupando importante função junto à direção de uma das TV do Rio de Janeiro. A Celestino Silveira nossos votos de felicidades.

CURIOSIDADES SOBRE DIZZY GILLESPIE

SPECTATOR

◆ Dizzy Gillespie, o extraordinário trompetista que vem de se exibir com grande sucesso através da TV, não só do Rio como em S. Paulo e Belo Horizonte, tem feito sentir a sua influência em todos os importantes grupos jazísticos do mundo. O que teve origem como «bop» — com sua harmonia toda particular e suas nuances rítmicas — evoluiu em significativo meio de expressão musical. A música de Gillespie representa — tal como a de Dixieland representou há 30 anos — a maior tendência já verificada no movimento jazístico norte-americano.

A famosa pera, a boina e os não menos famosos óculos, gravatas e o trompete sem igual de Gillespie, fazem parte do seu «show» particular. «Dizzy» começa brincando, fazendo caretas e se contorcendo para o público, e cai imediatamente na simpatia das platéias que admiram sua alegria contagiante. Todo esse aparato espetacular, contudo, não diminui a impressionante musicalidade de Gillespie. Sua virtuosidade no trompete e seus arranjos são apreciados não só pela crítica, como também pelo público. Este ano, Gillespie e sua nova e grande orquestra de 18 elementos excursionaram pelo Oriente Próximo e Médio Oriente. Seus músicos apresentaram o «jazz» a povos que jamais o haviam escutado anteriormente. Representantes dos Estados Unidos e dos governos estrangeiros teceram grandes elogios a Gillespie, pelo auxílio que com o seu bom humor e a universalidade de sua música prestou, criando amigos para os Estados Unidos no exterior.

AUDIÊNCIA DE 120 MILHÕES DE PESSOAS

A convenção política recentemente realizada nos Estados Unidos levou a TV a organizar grandes preparativos para que 120 milhões de espectadores tivessem conhecimento de tudo o que se passava, simultaneamente, nas cidades de S. Francisco e Chicago. Noventa e seis câmaras foram colocadas em Chicago e S. Francisco para levar o grande espetáculo aos espectadores. Perito de 73 mil milhas de cabos coaxiais ligaram 400 estações em 270 cidades americanas. No Hotel Conrad Hilton, de Chicago, dois andares inteiros foram transformados em estúdios de TV. As câmaras eram transportadas de um andar para outro, acompanhando todas as atividades dos delegados enviados à convenção. O mesmo aconteceu no Hotel S. Francisco, na cidade do mesmo nome. A cobertura realizada pela TV durante a convenção teve o custo de 17 milhões de dólares, e alcançou pleno sucesso.

O PRIMEIRO RECEPTOR BRITÂNICO DE TELEVISÃO A CÔRES

Na Exposição Anual da Sociedade de Televisão, em Londres, foi pela primeira vez apresentado ao público um receptor de fabricação britânica, a cores. Trata-se de um modelo que usa o sistema de projeções múltiplas, por meio de três tubos de raios catódicos, um vermelho, um verde e outro azul. O sistema é compatível, isto é, pode também receber transmissões em preto e branco.

VICIOS DE LINGUAGEM

E' dos maiores o esforço dispendido pelos rapazes e moças que se dedicam à publicidade na TV, de vez que lhes cabe a tarefa de decorar os textos de propaganda e transmiti-los aos telespectadores com o máximo de naturalidade, através de uma conversa das mais comuns e agradáveis.

E' claro que um bom vocabulário é fator essencial para o sucesso dos propagandistas. Infelizmente, nem sempre, é suficiente, e a propaganda torna-se contraproducente, já que os telespectadores acabam irritados, cansados de ouvir durante a apresentação de um «comercial», inúmeras vezes a garôta-propaganda referir-se às qualidades do produto que apregoa, classificando-as sempre de «maravilhosas».

Entre os encarregados de entrevistas, é muito comum a utilização do «gostaríamos», ao iniciarem qualquer pergunta ao entrevistado. Por que não dirigir as questões diretamente, sem nenhuma introdução?

Senões como esses devem ser encarados com o maior rigor, a fim de que sejam corrigidos com toda a brevidade, pois fazem com que as apresentações sejam grandemente prejudicadas.

«MUSEU DE CERA»

Os espectadores do Canal 13 têm semanalmente oportunidade de entrar em contacto com elementos que tiveram destaque em vários setores: teatral, rádio, música, artes, etc., através do «Museu de Cera».

Iara Sales conduz com muita discrição e cordialidade o programa, colocando os seus entrevistados completamente à vontade, e permitindo que contem aos espectadores fatos e curiosidades sobre suas carreiras.



A orquestra do maestro Zésinho continua abrilhantando os programas e «shows» da TV-Tupi.

CONCURSOS

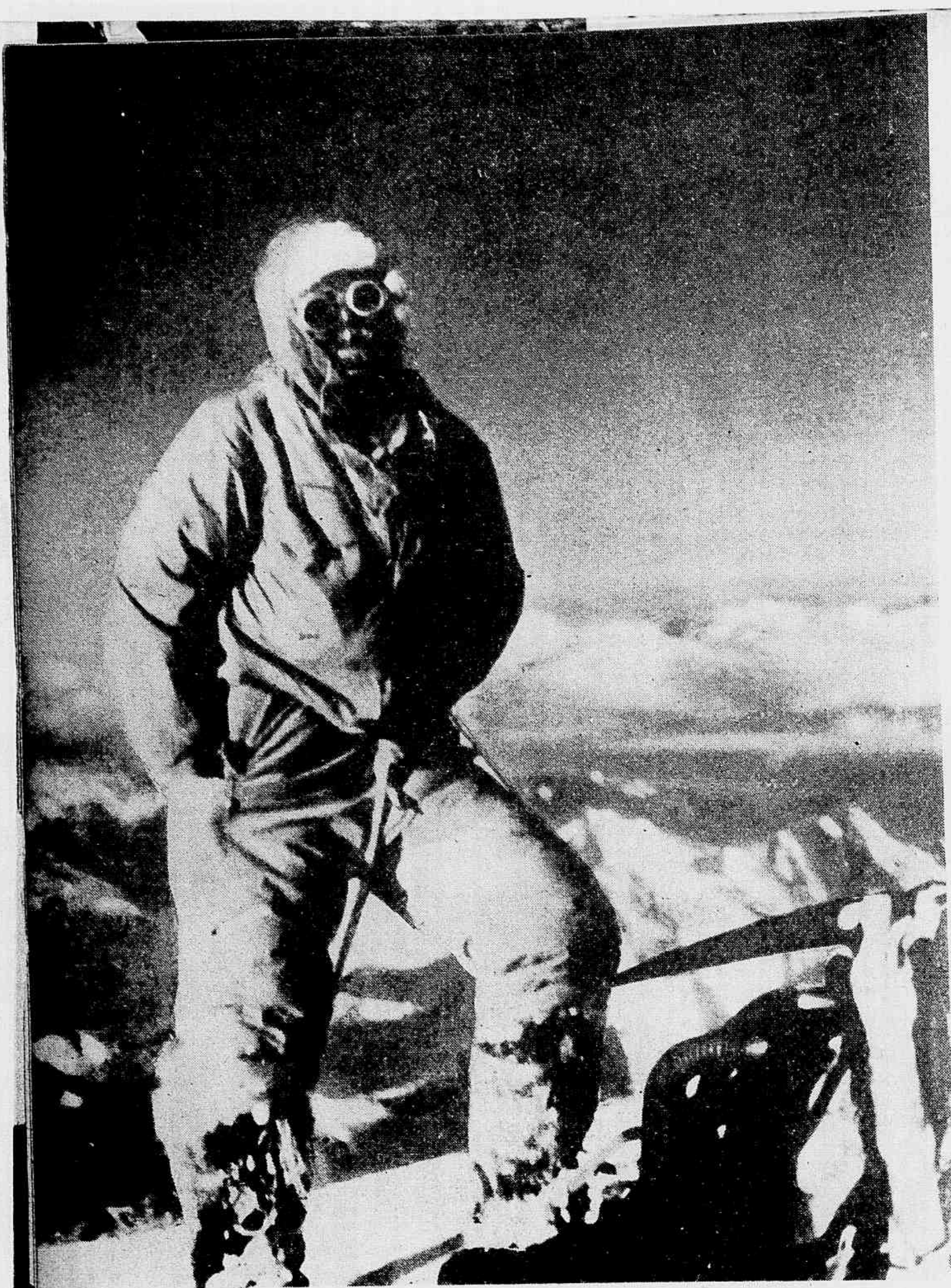
Como acontece entre nós, também nos Estados Unidos os programas que oferecem prêmios de grande valor são os de maior sucesso na TV. Entre o público norte-americano, a «Pergunta dos 64 mil dólares» é a atração preferida; esse é um programa que desperta o mesmo interesse do nosso «O céu é o limite».

O sucesso dessas atrações deve ser destacado, não só pela oportunidade que elas oferecem para a conquista de vultosos prêmios, como também por favorecerem a difusão de conhecimentos úteis e interessantes entre aqueles que acompanham os programas. Esse, aliás, é um dos bons serviços que a TV pode prestar ao público em geral, além de levar aos lares sadio entretenimento.

TV E PROPAGANDA

Um quinzenário paulista, em recente reportagem sobre a influência da TV na vida brasileira, levou aos leitores as conclusões que aqui transcrevemos:

«Sob o ponto de vista da propaganda vê-se na TV esta coisa surpreendente: artigos baratos, vendidos em lojas populares, conseguem tremendo sucesso quando anunciados pela TV — o veículo mais caro inventado pelo gênio humano. Basta fazer um cálculo: 60 segundos custam, em média, 4 mil cruzeiros. Anunciando-se um artigo de 80 cruzeiros (e às vezes até mais barato), seria necessário vender pelo menos 50 unidades para pagar o preço de um simples «comercial» na TV. Apesar do absurdo, o anunciante não só vende 50 unidades, como 500 ou mesmo 5.000, no dia seguinte ao do anúncio».



MOMENTO CULMINANTE da escalada: Lino Lacedelli, no tope do fantástico K-2, posa para seu companheiro de escalada, Compagnoni. Em baixo, um componente da expedição marcando com uma flâmula o caminho a ser seguido pelos companheiros.



NEM SEMPRE as condições climáticas permitiam avanços consideráveis: por véses, alguns poucos metros eram vencidos por dia. Mas



O ALPINISMO sempre conheceu cultores de mérito na Península Itálica. Como na França, e em vários países da Europa, desde cedo começam os rapazes italianos a tomar gosto pelo arrojado esporte que já tantas vezes jovens e valiosos tem atirado ao fundo dos abismos. As cadeias de montanhas itálicas prestam-se admiravelmente ao grandioso esporte das «lagartixas», e nelas é que muitos dos mais célebres escaladores obtiveram o treinamento indispensável a conquistas mais trabalhosas e arriscadas. O duque de Abruzzi, Luigi Amedeo di Savoia, todos sabem ter sido um dos mais famosos alpinistas de todos os tempos. Dispunha de ótimo equipamento e de uma companhia numerosíssima de guias escolhidos a dedo, ele dispôs, no já longínquo ano de 1909, a conquistar o cimo do fabuloso pico designado pelos geógrafos e cientistas do mundo inteiro como «K-2», pontão que se ergue, altivo, no âmbito da cadeia dos Himalaias, a uma altura de 8.848 metros.

18 ITALIANOS CONQUISTAM O HIMALAIA



pico foi conquistado, e eis o segundo de seus vencedores, Compagnoni, a observar a vista oferecida de uma altura de 8.666 metros.

metros. Não foi aliás o primeiro a tentar a incrível proeza, pois sete anos antes, em 1902, um grupo de seis homens, três famosos desportistas britânicos, Growley, Knoles e Wesseley, dois australianos, Pfannl e Eckenstein, e o médico suíço Guillardmod, havia tentado, sem êxito, a aventura empolgante. Mais sorte teve porém o já citado duque de Abruzzi, cuja expedição chegou a alcançar a altura de 6.666 metros, tendo em seguida desistido, devido às condições climáticas insuperáveis. Os membros da comitiva, alguns em estado grave, tiveram de voltar para as faldas do Himalaia, de onde pouco tempo depois partiam, de regresso à pátria.

Segunda investida deveria suportar porém o pico K-2 dos italianos, em 1929. E de novo seria um duque o comandante da expedição — o duque de Spoleto, que também não chegou a atingir o cume, ficando um pouco aquém do lugar atingido pelo duque de Abruzzi.

Como todas as atividades humanas, o alpinis-



mo também conheceu, através dos anos, progressos indiscutíveis, aperfeiçoando-se seus instrumentos e métodos de uma maneira quase incrível, em apenas trinta anos. Assim foi que em 1938, a expedição norte-americana conduzida pelo cientista Houston pôde atingir, sem grandes dificuldades, o local que constituía para Luigi Amedeo e para o duque de Spoleto uma façanha homérica. E mais ainda: numa suprema prova de coragem e de arrojo, Houston e seus companheiros atingiram a uma altura de cerca de 7.928 metros, proeza tanto mais admirável quanto se sabe que o K-2 é um paredão íngreme e liso, dificultando sobremaneira a utilização de ganchos, e, sob certos aspectos, de bem mais difícil acesso que o próprio Everest. De 1938 até 1953, mais duas grandes expedições americanas enfrentaram as gargantas angustas e as neves imaculadas do Himalaia: a de Fritz Wiessner, que chegou a uma altura de 8.385 metros, só não alcançando o pico, acima deles apenas 226 metros, e a segunda do professor Houston, que foi desbaratada por uma tremenda avalanche, tendo-o abandonar a disputa.

Estava escrito, porém, que aos italianos caberia a glória de conquistar a montanha até então invulnerável; e em trinta e um de julho de 1954, dezoito membros da expedição do professor A. Desio, após indescritíveis peripécias durante as quais perdeu a vida o cientista Lario Puchoz, chegaram até às proximidades do ponto culminante. Dois deles, os alpinistas Compagnoni e Lacedelli, foram os únicos a chegar à fabulosa altura do cume, ali plantando a bandeira italiana, e descortinando um panorama de indescritível beleza.

Toda a escalada penosa e trágica do K-2, inclusive a morte trágica de Lario Puchoz, as observações de cientistas e geógrafos a respeito das condições climáticas e topográficas da montanha e da região, tudo foi felizmente filmado e documentado. Agora, em Roma, em memória apresentada na Academia de Ciências de Roma, os conquistadores do pico deram ciência de suas descobertas e averiguações, pela primeira vez exibiram o filme de vinte e cinco mil pés, e os quinze mil pés de gravação testemunhando, quase que palmo a palmo, a difícil conquista daquele que é considerado o segundo pico do mundo, em altitude, e mais difícil de ser atingido. (Foto KEYSTONE)

AO LONGE se delineia o dorso do até então inatingível segundo pico do mundo: o K-2, de 8.611 metros de altura. Expedições anteriores tinham sido obrigadas a desistir, devido a insuperáveis dificuldades. A conquista consumiu várias vidas.



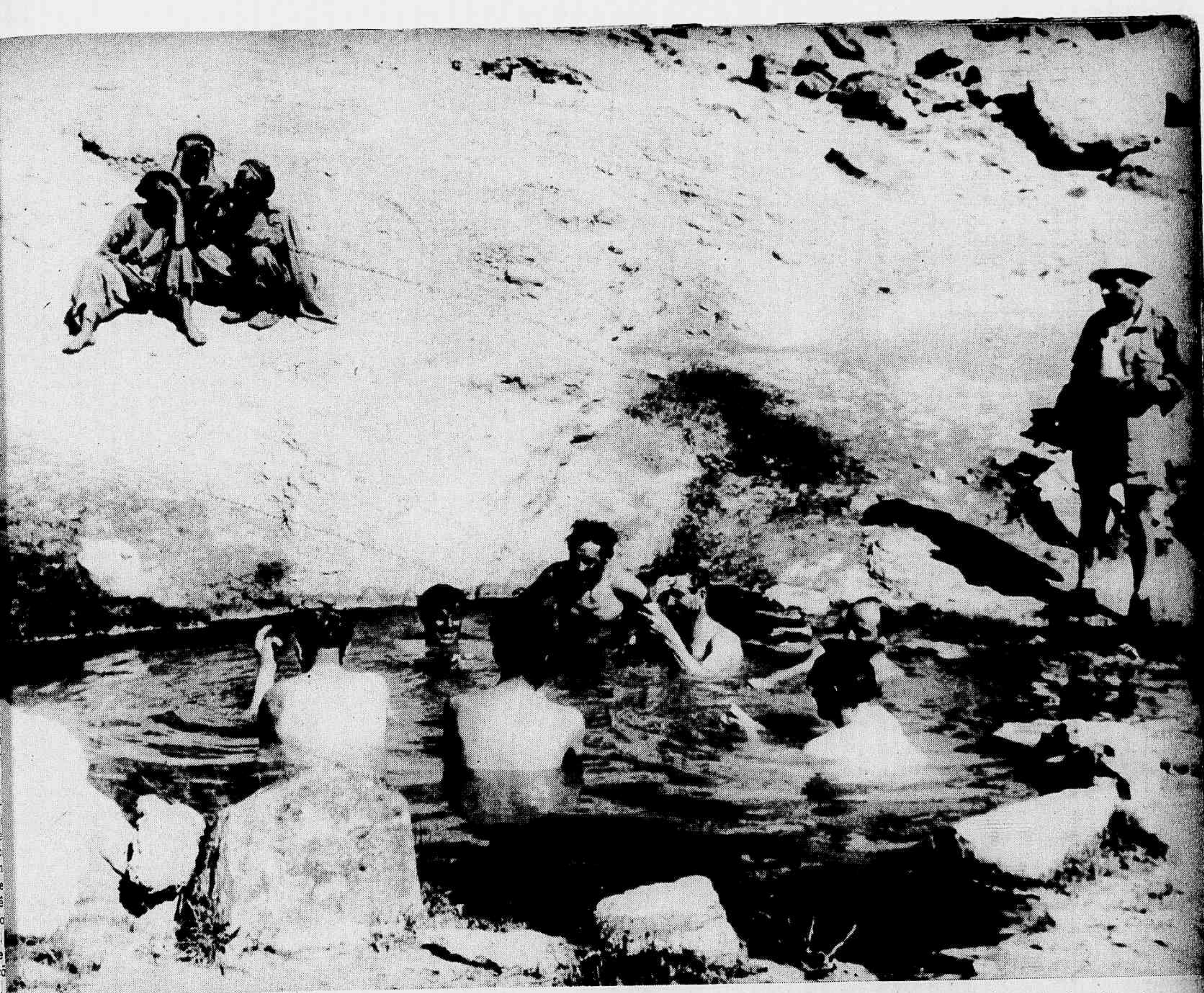
COMPAGNONI, CONQUISTADOR, com Lacedelli, do K-2, sorri satisfeito. Seu rosto está queimado pela irradiação do sol na neve.



O PROFESSOR Desio, chefe da expedição que venceu, pela primeira vez, o K-2, ao lado da bandeira italiana, após a vitória.



PARA ESSE homem, simples carregador indiano, a ascensão foi bem mais difícil. Seu organismo, porém, acostumou-se às grandes altitudes.



ATÉ ALTITUDES bem consideráveis, era possível aos membros da expedição tomarem banhos em pequeninos lagos ocasionados pelo derretimento da neve, que desce, em catadupas de água, pelas encostas imensas. De seis mil metros em diante, porém, os líquidos se congelam, e a própria água para beber se cristaliza.



PARA RESOLVER o problema do suprimento de víveres, foi improvisado um sistema de comunicações, por meio de pequeninos trenós como êsse.



DOIS ALPINISTAS da vanguarda da expedição do prof. Desio, utilizando máscaras de oxigênio, contemplam, até perder de vista, o gelado Himalaia.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Cabelo branco? Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE VIOLETAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 8 E 14 DE SETEMBRO DE 1955
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Marte, retrógrado, vem de uma conjunção com a Lua no signo da Virgem e não lhe oferecerá, por isso grandes possibilidades durante a semana. Aproveite os dias 9, 10, 11 e 14. Apesar de fracas, serão as melhores.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — A semana será iniciada sob os melhores influxos planetários. O leitor terá paz de espírito, harmonia no lar e chance nas especulações. Encontrará facilidades na realização dos seus objetivos, sejam quais forem.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor se sentirá animado, durante a semana em pauta, de um verdadeiro espírito do contra. Fará oposição a tudo, com ou sem razão. Assim tão mal predisposto não poderá aspirar grandes coisas.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Toda e qualquer indiscrição será altamente prejudicial ao leitor, no curso da semana. O silêncio nunca lhe será tão necessário, a respeito dos seus projetos e dos negócios em perspectiva.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A semana será de dificuldades na solução dos casos pendentes e dos negócios em andamento. O melhor será a manifestação de um certo desinteresse e esperar que as coisas se façam por si mesmas.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O volume dos seus negócios será aumentado e, portanto, grandes facilidades e ótimas oportunidades lhe vão ser oferecidas. Dos sete dias da semana, apenas o primeiro e o penúltimo lhe serão algo desfavoráveis.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor ocupará uma posição privilegiada quanto à vida sentimental. A vida profissional, do mesmo modo, correrá favoravelmente. Recomendamos, apenas, o devido cuidado com a saúde, evitando excesso de todo gênero.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não se aventure, não corra o risco, durante a semana, de uma viagem aérea ou de uma competição esportiva. Haverá perigo de acidente fatal, notadamente nos dias 8, 12 e 13.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não espere pelo favor público ou pela simpatia de grupos. No sentido coletivo o leitor nada conseguirá durante a semana. Sua atuação deve ser feita sobre os indivíduos, isoladamente. Assim poderá conseguir alguma coisa.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Ventos fortes soprarão num sentido favorável em alto grau, aos seus interesses. Não tema qualquer ameaça. Elas não se positivarão. As circunstâncias militarão ao lado do leitor, ajudando-o na solução dos casos.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A semana será muito boa para os aquarianos favorecendo as experimentações científicas ou psíquicas. Os sonhos serão premonitórios e muito seguras as intuições. Siga a própria orientação. Não tome conselhos.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os melhores dias da semana entrante, no caso do leitor, serão 9, 10, 11, 12 e 14. Os dias 8 e 13 serão nefastos, especialmente para negócios, mudanças, viagens, liquidações e lançamento de novos empreendimentos. Abstenha-se.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 8	—	Juarez	—	Alzira.
" 9	—	Arlindo	—	Selma.
" 10	—	Aureliano	—	Margarida.
" 11	—	Aquiles	—	Jacy.
" 12	—	Eduardo	—	Noêmia.
" 13	—	Ladislau	—	Laércia.
" 14	—	Corintho	—	Clotilde.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Setembro, 8	15° 47' 47"	(Signo da Virgem)
" 9	16° 46' 6"	" " "
" 10	17° 44' 27"	" " "
" 11	18° 42' 49"	" " "
" 12	19° 41' 13"	" " "
" 13	20° 39' 38"	" " "
" 14	21° 38' 5"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

NOVO TEMPLO SURGE EM SÃO PAULO



◆ A Igreja Evangélica Brasileira, estabelecida na Terra em 11 de setembro de 1879, por determinação de Deus e por intermédio do Dr. Miguel Vieira Ferreira, brasileiro ilustre, republicano histórico, abolicionista convicto e propugnador ardente dos mais alevantados ideais, consagrou ao Senhor, no dia 26 de agosto próximo passado, o Templo onde, em São Paulo, é adorado o Excelso em espírito e verdade, pelos que, reconhecendo o amor de Deus manifestado sempre em bem de sua criatura humana, querem de sua graça aproveitar-se. O Templo, que está situado à rua Behring, 93, no Braz, sedia as Congregações dessa Igreja nesse Estado, onde o serviço divino iniciou-se em 26 de agosto de 1913.

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



Domingo, 9 de setembro de 1906

BATALHA DE FLORES

A encantadora festa que no Campo da Aclamação offerece annualmente á população carioca, o Sr. Prefeito do Distrito Federal, foi ainda este anno uma verdadeira apothese á Flora do Brasil. Indescriptivel em seu conjunto era o quadro magnifico, soberbo e deslumbrante que formavam centenas de carros enfeitados, automoveis com todo o capricho, afim de tomarem parte no triple concurso, de belleza de arte e de gosto. Milhares de flores multicores, viam-se espalhadas pelo chão, poucos momentos depois de começada a batalha, exhalando perfumes deliciosos que em finissimos effluvios penetravam nos sentidos, inspirando sensações agradaveis. A musica alegre vibrava na alma dos que tiveram a ventura de assistir á delicada festa, ora deixando ouvir os acordes sublimes do Hymno Nacional, em presença de sr. Presidente da Republica, ora executando as inspiradas composições musicas, muitas vezes applaudidas. O Jardim, cuidadosamente ornamentado, offerecia ao visitante um aspecto agradável. Aqui e alli nos enormes topos dos mastros tremulavam flammulas de côres, diversos festões de cor verde, flôres, dando ao bello parque a nota alegre das festas elegantes.

COURRIER DE LA SEMAINE

Lundi, 27 — Les journaux d'Europe nous apprenent la nouvelle de la candidature de Maurice Donnay à l'Académie Française. On se rappelle la manière enthousiaste dont fut reçu par la société fluminense de Rio, le celebre dramaturge, lors de son voyage parmi nous. Rentré en France, Donnay y écrivit que «le Brésil était le pays des docteurs». Le Brésilien connaît merveilleusement le Française, nous avons senti l'ironie de cette remarque (les docteurs sont en si grand nombre parmi nous!) — toute autre plaisanterie nous eussent moins blessé, mais enfin, nous nous sommes tant plus aux pièces de Donnay, que ce n'est pas un «mot» de plus, même a nos dépens, qui nous refroidis à son égard.

Dimanche — Bataille de Fleurs. — C'est: Dé-

filé de quelques voitures fleuries, devais — je écrire, car en effect la bataille fut si peu animée qu'on ne la vit pas. A cela deux raisons: le manque de fleurs, cette penurie, venant du nombre restreint de l'horticulteur et de la débauche florale faite em d'honneurs des membres du Congress Pan Americain. Ensuite la cherté de tout ce qui constitue les element consecutifs d'une veritable bataille de fleurs. Alors qu'en Europe et en Amérique du Nort il faut pour participer très honorablement a pareille fête, un maximum de sept à huit livres, l'on vous demandait couramment il y a deux jours a Rio 150.000 rei pour une infécte guimbarde tirée par deux mulles etiques. Ajoutez a cela autant pour les fleurs, vous arrivez a un total de 300.000 réis! C'est vraiment exagéré.



♦ CAPA — De autoria de Bambino — Alegoria tendo por motivo o Sete de Setembro, e o Hino da Independência Brasileira.

DOR DO CYPRESTE

Que poema de amor, á noite nos murmura
Um cypreste, ao luar, batido pelo vento!
Derradeiro e leal amigo em desalento
Que até morrer também nos guarda a [sepultura!]

Alli, onde acabou a maxima tortura
Onde o fausto acabou ao tragico relento,
Vê-se o amigo, elle só, no seu recolhimento,
O sepulchro vellar durante a noite escura.

E da vida do Alem prescruta mais que nós
No silencio normal da noute, sua voz
Segreda muita vez daquella que alli mora...

E prestae attenção: nas noutes hybernaes
Que nos fazem lembrar dramas passionaes,
— Como geme sutil e compungido chora!

TEIXEIRA E SILVA

2 de novembro de 1905.

O EXTERIOR

A chronica do exterior ainda n'esta semana registra a nota dolorosa da terrivel hecatombe do Chile, e os ecos angustiosos das victimas que os novos tremores de terra causaram, fazendo ruir mais algumas casas das poucas que ainda se conservavam de pé. Os effeitos do medonho phenomeno, que tão rudemente se deixou sentir no grande povo transandino, têm-se repetido, embora com menor intensidade, produzindo novos estragos. Na profunda desgraça que enluta a nação chilena, servir-lhe-á de consolo a unanimidade das manifestações universais de sympathia que os povos cultos da terra lhe testemunharam n'esta lutuosa emergência; o mundo inteiro commoveu-se ao ter conhecimento do cataclysmo e em um impeto humanitario procurou levar ás nobres victimas uma palavra de consolo e um obulo para mitigar a misera situação em que ficaram os habitantes de Valparaiso. O Brasil, cuja amizade á nação chilena é tradicional, podendo-se dizer que a affeição pelo Chile faz parte de seu proprio patriotismo, fez o que devia fazer e o que todos os brasileiros queriam que se fizesse, demonstrar aos irmãos de alem-Andes, a grande parte que tomava em sua dor, e oferecer-lhe quanto pudesse em favor das victimas.



♦ A REVISTA da Semana iniciou, em 1906, a publicação de um suplemento infantil, o «Suplemento de João Paulino», orientado por esse grande ilustrador que foi Raul Pederneras. Eis a folha de rosto do número de 9 de setembro.

O ESCÂNDALO DO SÉCULO

De ADRIAN BELL

Fotos TWENTIETH CENTURY F



EVELYN NESBIT, tal como era, à época de seu grande êxito na Broadway, e há poucos meses. Conserva ainda, aos setenta e um anos de idade, um pouco da beleza de outrora. «Stanford White» (diz ela) «foi o único homem que amei».

Um dos mais estranhos crimes já perpetrados em Nova Iorque tendo por protagonistas uma jovem de extraordinária beleza e um homem doentia-mente roído pelo ciúme e um famoso e ultra-milionário arquiteto é agora levado à cena cinematográfica enquanto a única sobrevivente do escândalo, a bela Evelyn Nesbit, aos 71 anos jaz num hospital.

HÁ alguns dias era levada para um hospital de Los Angeles uma anciã, de mais de 70 anos, de aspecto cansado e olhar mortiço. Na madrugada alta a ambulância atravessou toda a cidade. A sirene soa mais triste e, logo depois, o silêncio volta ainda mais pesado.

Quem é? Uma carteira de identidade declara ser Evelyn Nesbit Thaw.

Quem foi?

Vamos rememorar todo o seu drama pungente, toda a sua história intensa, vivida entre os inocentes 14 anos e os florescentes 21 anos, quando conheceu a tragédia, o ostracismo e a indiferença.

Na sua mais áurea fase foi conhecida como a «menina do balanço de veludo vermelho», tal como se exibia na Broadway, sentada num balanço que reproduzia uma gravura de Watteau, um imenso balanço que se impulsionava sobre a platéia deslumbrada com a sua galante beleza. Noite após noite Evelyn deslumbrava toda Nova York. Foi essa mesma Nova

York que estremeceu de pavor quando Harry Thaw em presença de sua bela mulher matou Stanford White no «roof» do Madison Square, diante de uma elegante assistência horrorizada, alegando logo depois de seu gesto furioso, que estava defendendo a honra de sua esposa.

No dia seguinte a imprensa americana dividia as opiniões e dava as mais desencontradas versões para a tragédia que envolvia Evelyn Nesbit. Era um crime passionai? Era um crime de aspecto sexual? O julgamento deste caso, o «Caso Thaw», pertence mais à história social de uma época que aos anais da criminologia. A impercível emoção que emana do julgamento faz-nos crer naquilo que chamam de «loucura americana», aquela ânsia desenfreada de viver que se apoderou de toda uma geração, que parecia unicamente interessada em divertir-se entre a loucura e a opulência, o amor e a morte. Tão grande foi o abalo moral que o crime despertou que mui-

tas jovens daquela época abandonaram os lares para defenderem ou atacarem Evelyn Nesbit. Houve reuniões femininas e fundaram-se «Ligas» pró ou contra Evelyn. Nos sermões dominicais os padres advertiam, primeiramente de maneira velada, depois mais claramente e finalmente já julgando.

— Eu tinha tudo que uma mulher podia desejar, — declarou certa vez Evelyn —, fortuna, jóias, uma rara coleção de trajes, prestígio, beleza e êxito artístico. O mundo viu tudo isso ruir fragorosamente, tão fragorosamente que não pôde ver aquilo que guardei como segredo durante cinquenta anos: eu, sôzinha, fazendo esforços inauditos para salvar meu marido da cadeira elétrica, tratando de salvar o homem que não havia amado nunca e que havia matado o único homem que eu havia amado!

Esse foi o grande segredo que ela manteve oculto por meio século!

Aquela pobre velha da ambulância havia jogado dois homens ao crime. Evelyn era uma jovem des-

conhecida e desejosa de conquistar o sucesso. Sua infância havia sido triste e desoladora. Havia conhecido a fome e o frio. Com apenas 14 anos se despiu para posar para um pintor, sem que sua mãe visse, a fim de alimentar seus caprichos. Foi um outro pintor, Charles Dana Gibson, que deslumbrou com a sua pele, com seus olhos, com o seu encanto particular e, principalmente, com a sua juventude. Ela disse algo, ele declarou que apenas queria pintar o perfil. Foi este perfil que depois circulava por toda a cidade. Foi este perfil que a levou para o grupo das «Floradora Girls», e sua beleza deslumbrou ao príncipe Ziegfeld, apaixonou milhares de homens e fêz cócegas no coração do famoso John Barrymore, que em plena juventude empolgava Nova York vivendo no palco a figura de «Hamlet», e na vida real vivia como D. Juan.

Evelyn Nesbit estava com destino marcado e seu pecado foi

e ser amada por um homem casado, brilhante e famoso. Seu erro foi casar-se com quem não podia compreender aquilo que ela não escondera nunca: o grande amor que ficara no passado. Evelyn sabia que seu amor por Stanford White era um amor impossível. Stanford jamais iria abandonar o lar, a esposa de mais de vinte anos, seus filhos e toda uma situação social para unir-se com uma jovem que nada mais tinha que sua beleza e uma carreira artística pontilhada de escândalos. Evelyn sabia disso e quando Harry K. Thaw ofereceu-lhe matrimônio ela confessou-lhe sua paixão pelo «outro», seus amores, seus encontros secretos e como ela havia sido seduzida por ele «num dormitório todo de espelhos e com uma abóboda simulando um céu coalhado de estrelinhas reluzentes...» Apesar de tudo Harry quis casar-se com ela e declarou-lhe que tudo aquilo jamais seria lembrado...

Evelyn, como toda mulher julgou encontrar no matrimônio a segurança e a tranquilidade. Desejou constituir um lar e ter filhos. Nos primeiros tempos tudo marchou bem. Aos poucos, entretanto, Harry Thaw foi mudando seu caráter e deixando transparecer seus descontrolados ciúmes. Despertava-a durante o sono para saber como Stanford havia lhe beijado, como «o outro» havia lhe acariciado e como passava ela as noites nos braços do antigo amante... Mulher alguma suportaria essa situação. Evelyn, habitualmente alegre, não conseguia esconder uma vaga tristeza em seu sorriso. Seu coração parecia adivinhar algo.

«Aquilo» que ela não sabia o que era aconteceu brutalmente e de uma hora para outra. Enquanto no palco as coristas cantavam uma canção em voga, no «roof» do Madison Square, em presença da alta sociedade, Harry, louco de ciúmes e cego de fúria, apontava um revólver de ouro e matava a sangue frio Stanford White.

A rapidez com que sucederam as coisas na vida de Evelyn, — todo o seu incrível e amargo drama iniciado aos 14 anos e que culminou naquele crime, quando ela apenas contava 21 anos, fez de sua existência um rosário de contrastes.

Toda a nação questionava em torno de um só ponto: acusaria a esposa o marido? Defenderia ela a memória do amante barbaramente assassinado? Seria subornada pelos milhões da sogra? Ou aceitaria a acusação de co-participante no crime?

— Eu não queria declarar nada no tribunal. Não queria revelar o meu passado e um medo atroz me assaltava quando me lembrava de que seria interrogada pelos juizes. A família de meu marido não me largava dia e noite, sempre ao meu lado e insistindo que só eu poderia livrar meu marido da cadeia

JOAN COLLINS, a linda estrela inglesa, foi encarregada de viver, na tela, a figura de Evelyn, e toda a sua tragédia. A própria Evelyn Nesbit propiciou-lhe vários detalhes daquele que foi considerado «O Escândalo do Século».



O ESCÂNDALO DO SÉCULO



EVELYN NESBIT (isto é, Joan Collins, no filme) apresenta-se nos trajes de uma personagem do célebre Watteau.



O «PENTEADO INTERROGAÇÃO» de Evelyn, tão imitado pelas elegantes da época, foi fielmente reconstituído pelos técnicos cinematográficos. À esquerda, desenho da época: à direita, Joan.

elétrica, sob a alegação de que ele era um demente!

No dia em que fui depor houve um verdadeiro pandemônio no Tribunal. Um jornalista presente depois escreveria que ela mais parecia um pássaro cansado que um ser humano. Trazia no íntimo a convicção firme de salvar o homem que desgraçara a vida de seu amado e a sua própria, não mentindo, mas dizendo a verdade, pura e simplesmente a verdade, e que os juízes soubessem ver em Harry K. Thaw um louco desvairado.

Foi o que fez. Isto lhe custou, apesar de tudo, apesar da nobreza de seu gesto, a ruína e o ostracismo. Sobre sua vida tombou um silêncio mortal.

Cinquenta anos depois, Evelyn Nesbit fez um relato de suas memórias e contou ao mundo aquilo que as crônicas duma época clamaram o «Escândalo do Século» sob este título a 20th. Century Fox realizou um filme sob a direção Richard Fleischer, sendo Evelyn vivida por Joan Collins, bela estrela do cinema inglês, secundada por Ray Milland, (Stanford White) e Farley Granger (Harry K. Thaw).

Evelyn Nesbit, com seus 72 anos vive, talvez, o último ato de sua atribulada existência. Caminha signada para um outro julgamento e como naquele seu julgamento há cinquenta anos atrás, está só só comparecerá diante do Supremo Juiz, o único que a poderá julgar Deus.



RAY MILLAND interpreta o papel de Harry, o marido de Evelyn.



FARLEY GRANGER, metido nas roupagens de Stanford, o amante.

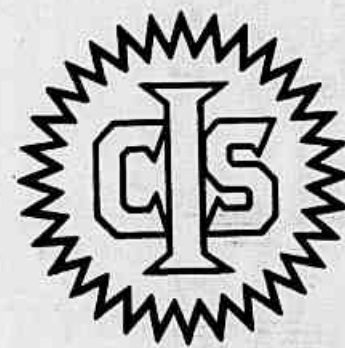
OS TÉCNICOS PLANEJAM E EXECUTAM



STUDIO ETZ

O imprevisto do incêndio pode interromper os melhores programas de venda, produção ou serviços

**O SEGURO DE LUCROS CESSANTES CONTRIBUI
PARA A REPARAÇÃO DOS DANOS SOFRIDOS.**



Seguro de Vida ★ Vida
em Grupo ★ Incêndio ★
Lucros Cessantes ★
Transportes ★ Acidentes
Pessoais ★ Roubo ★
Responsabilidade Civil
★ Automóveis ★ Vidros
★ Acidentes do Trabalho

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS
FUNDADA EM 1920

CAPITAL E RESERVAS SUPERIORES A CR\$ 150.000.000,00

Diretoria

Celso da Rocha Miranda
Jorge Eduardo Guinle

Angelo Mario Cerne
Karl Blindhuber

SUCURSAL RIO- RUA 7 DE SETEMBRO, 94 • END. TEL. COMPINTER • TEL. 32-4270
SUCURSAL S. PAULO-RUA LIBERO BADARÓ, 73 • END. TEL. COMPINTER • TEL. 32-7104

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

MISTICISMO

Desenho de J. RIBEIRO

Por: MARQUES GASTÃO

HAVIA chegado a Turim, ao fim da tarde. A velha cidade dos Saboias surgiu-me envolta em neblina. Triste e cinzenta. Os velhos palácios, pesados, no seu estilo e as suas igrejas barôcas, faziam-me acenos à sensibilidade mais habituada à diversidade de estilos de uma Florença ou de uma Veneza. O Pó, deslizava, serenamente, por entre as margens e as pontes magníficas recordavam Verona e o Adige. O velho e famoso Valentino, com o seu não menos belo palácio, atraíu-me a curiosidade de jornalista. Mas eu estava apenas de passagem. Algumas curtas horas, antes de regressar a Roma, ao reencontro de novas emoções nas Catacumbas de S. Calisto. A cidade do Ressurgimento italiano é um contraste vivo e deixei-me a recordar as lutas de Cavour e Garibaldi, enquanto pelas Vias mais conhecidas, metido na velha gabardine de cavaleiro andante dêsse magnífico país, que é a Itália.

O leitor sabe: é difícil encontrar uma pessoa conhecida em Itália, em qualquer cidade italiana. Mesmo um jornalista, raramente a encontra. A multidão amalgama-se e as pessoas desencontram-se. Raramente o encontro surge, entre portugueses, a não ser em qualquer cerimónia oficial. Agora isso, cada qual anda por seu lado. Mas o jornalista é, por vezes, um homem de sorte. E neste caso, eu fui um homem de sorte.

Andava eu, calmo e sonhador (porque sonho só em Itália?) por entre os belos pórticos ao redor das galerias, quando, mais adiante, ali na Via Roma, célebre pelas suas exposições de Arte, a mirar as belas cerâmicas de Capodimonte, longe, olhos fixos numa mostra, deparei com aquela rapariga portuguesa, a quem um dia distante da minha mocidade, declarara o meu amor... Hoje, é caso para sorrir, mas nessa época eu era um rapazote cheio de pretensões e idealismos e essa rapariga tinha qualquer coisa de diferente das outras raparigas... Neste meu coração, ainda não fatigado de amar, nascera um sentimento — vivo e profundo — por essa rapariga simples, modesta, de belos olhos negros, tão negros como o seu cabelo, em contraste com o tom pálido da pele sedosa. Chamava-se Maria Clara e tinha 18 anos... eu andava, nessa altura, pelos meus 25... mas era uma criança como Maria Clara... Depois, Maria Clara desapareceu da minha vida... Cansaço? Desilusão? Nunca o soubemos. A única verdade é que nos separamos como bons amigos... E nunca mais a vi... Por isso, ali, na Via Roma, aquela presença de Maria Clara me surpreendeu... E acredite o leitor, sofri um choque qualquer. Eu sou hoje um homem casado, com filhos. Não sou dado a conquistas fáceis nem ando pela vida a pretender impôr-me aos demais... Mas Maria Clara trouxe-nos com a sua presença em Turim o regresso aos meus 25 anos, hoje que tenho já os meus 50 bem vividos na dura luta pela vida e em não menos dura luta com os homens... E aproximei-me. A vibrar. Mas sem qualquer ideia preconcebida. Maria Clara sempre fôra uma rapariga estranha e diferente. Sabia falar e pensar e era dotada de um espírito de observação aguda. Nada lhe escapava. Nascera no Minho, filha de boas famílias. Os pais haviam empobrecido e o pouco que lhe haviam deixado, ao morrer, fôra suficiente para lhe criar a independência. Fizera os seus exames, com distinção e tentara formar-se em Letras, mas desistira. Falava diversas línguas e um dia dissera-me de que gostaria de ir para Itália... Mas isto foi na época distante dos meus 25 anos... Um dia amamos e cada qual foi para seu lado... E agora, ela ali estava na Via Roma... Aproximei-me, satisfeito com o encontro, e coloquei-me próximo, de modo a que Maria Clara, ao voltar-se, me pudesse ver...

— Tu? — A sua voz, cujo tom suave esquecera, deslizou, como uma carícia, nos meus ouvidos. Mas não é possível!

— É possível... Já te tinha visto... Aguardava que me olhasses... O seu rosto era o mesmo: talvez ligeiramente fatigado, algumas rugas dissimuladas pela pintura... mas os olhos continham as mesmas serenas expressões da juventude. Com os seus 43 anos, Maria Clara era, por uma graciosa mulher. Cabelo solto, com uma bandoleta, uma blusa branca de nylon, ao pescoço um lenço de seda, nas mãos uma pequena maleta... Maria Clara continuava, para mim, a ser aquela garôta a quem me afeiçoara, durante alguns meses e agora olhava como se olha uma irmã mais velha.

— Mas como estás por aqui?
— De passagem, apenas... Algumas horas e depois Roma... Trabalho também parto para Roma, amanhã...
— Também parto para Roma, amanhã...
— Iremos juntos... Ou estás acompanhada?
— Não... estou só... ando sempre só... aqui ou em qualquer parte...
— Temos muito que falar, Maria Clara...

— Gosto mais de ouvir, lembra-te? Mas conversaremos... Estás também?

— Estou...

Atravessamos a Via Roma e outras vias até que nos demos conta do tempo. Il Duomo estava diante de nós. Maria Clara sorriu e entrou.

— Sabes o que é?

— Não...

— Mas sabes...

— Talvez, mas não recordo...

— O Santo Sudário... Olha... — Lá estava o Santo Lençol fotografado o rosto de Cristo, transfigurado, os sinais do martírio... E então recordo-me de longe me vieram todos os acenos do Alto e os olhos de Maria Clara encontraram os meus olhos.

— Já?

— Sim... Já recordo... Agora é o redemoinho...

— Ainda?

— E sempre!

— Apesar de casado e com filhos?

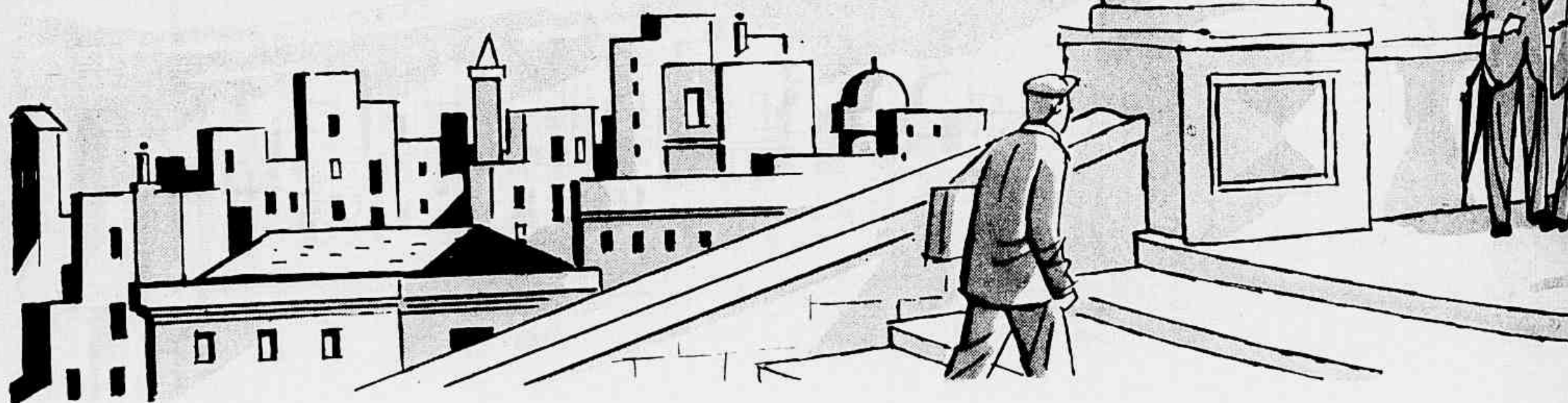
— Sim... sempre o redemoinho...

Saímos. A tarde morria ao longe, pondo sombras doces nas águas do Pó... O verde dos parques escureciam e os velhos palácios ganhavam tons amortecidos de sonolência, como se o passado comandasse agora o Tempo... E nós, dois portugueses, ali, na margem direita do Pó, próximo da estátua de Garibaldi, no alto do Monte dos Capuchinhos, com a Cruz e o seu pequeno mosteiro, a falar, a recordar... Tirei um cigarro e ofereci outro a Maria Clara, que me disse não fumar. Vi-a rabiscar umas notas num bloco de apontamentos e aproveitei o momento para iniciar o «interrogatório».

— Como vieste para a Itália?

Maria Clara ergueu a cabeça e os seus olhos fitaram-me. Havia uma patia misturada com certo cansaço. Talvez não devesse interrogar, pensava.

— Casei, sabes? E depois enfiuei... Tive sempre a atração do país, sobretudo porque me faz esquecer que existo, para me lembrar apenas que vivo.



— O mesmo me acontece... Sou um homem diferente...
 — Sempre tivemos alguma coisa em comum... — E sorriu.
 — É a segunda vez que venho a este país...
 — Sim...
 — É a segunda vez que venho a este país... A primeira, vim com meu marido, mais turismo do que outra coisa... Agora, não... Estou a viver em plenitude... E a plenitude é este dar-me completamente ao que vejo, ao que sinto, ao que anseio... Meu marido deixou-me uma fortuna razoável... Se eu puder ficar por cá... Ou ficarei, pelo menos, até gastar o que ele me deixou...

— Também houve esse sonho em mim... mas eu sou pobre, Maria Clara... E tenho duas filhas, a mulher...

— És feliz?
 — Imensamente!
 — Ainda bem!
 — Obrigado!

As palavras iam e vinham, assim, serenamente. E Maria Clara abria-se, totalmente, na revelação de uma sensibilidade que eu não conhecera. Era outra mulher.

— Sabes? Neste país, quer seja em Turim ou em Roma, em Veneza ou em Florença, ninguém nos conhece, ninguém nos censura, ninguém nos molesta. Sou um ser livre, por graça de Deus. E como filha de Deus, quero ver o que Deus criou, pela mão dos homens, pintores e escultores, engenheiros e arquitetos... Estou a escrever um livro... Sereno e feliz...
 — Que livro?

— Um livro de impressões sobre Itália... Uma mulher, só, a intrometer-se e a devassar-se... Sem aventuras amorosas — mas com Amor por tudo, especialmente pela Arte... Gostava que o lesse...

Eu estava espantado. Anoitecera. Os candieiros da margem do Pó estavam acesos. E nós apenas víamos as luzes dos nossos olhos. E para trás dessa própria luz. Um sonho de uma terna camaradagem, de vivas confidências, onde se notava certa amargura em Maria Clara, que até então não havia falado do «nosso passado», mas que forçosamente surgiria agora ou depois...

Continuamos a nossa romagem. Um diálogo constante. Era preciso falar para não despertar as recordações ou as recordações eram as nossas próprias palavras?

— Por que nos separamos? — A sua voz serena a interrogar-me. O momento havia chegado. E era preciso responder alguma coisa.

— O destino... porque não tínhamos realmente de comum tudo o que era necessário para permanecermos lado a lado.

— Pensas isso?

— Penso. Não te amava o bastante nem tu a mim...

— Talvez tenhas razão... Eu amei meu marido como nunca seria capaz de te amar...

— Vês? O que hoje nos aproxima é apenas o fio do passado, a ternura que nos ficou, talvez até certa coincidência de gostos, de preferências... mas nada disso seria suficiente para nos fazer felizes...

— Sim... deve ser isso...

Estávamos junto da Estação de Turim. Havíamos andado quilómetros.

Fomos jantar, os dois, a um pequeno «ristorante»: «fettuccini», «bisteca», «fromaggio», «fragole», café... cerca de 2.800 liras e entramos num cinema para ver Sofia Loren e Vitorio de Sica... No dia seguinte de manhã, seguimos para Roma, no mesmo comboio... Não dormimos, a noite inteira, a recordar cidades, telas e esculturas, a discutir Arte e Literatura. Combinamos um encontro, para irmos visitar as Catacumbas de S. Calisto, no dia seguinte, pois Maria Clara partiria para a Sicília, ao fim da tarde.

Manhã cedo, na Praça Colona, tomamos o pequeno almoço: café com leite e bolos e seguimos, a pé, até ao Coliseu, onde, próximo, tomamos o auto-carro que nos conduziu à Via Apia antiga.

— Vê tu, aquelas pedras do passado; vê esta «via», por onde passavam as legiões romanas... agora são carros, caminhões, a modernidade... Sabes? Gostava de ter vivido naquela época para sofrer as mesmas perseguições e viver cá em baixo ao lado dos santos... Há perfumes da Vida de Deus nestas catacumbas... até nestas árvores de braços estendidos que parecem fazer-nos apelos... Vês o Sol? Vês aquelas flores brancas e róseas? Eu também queria ser como as flores, em renovação constante...

Olhei Maria Clara. Aquela «rapariga» era outra mulher, desconhecida. A sua voz era diferente; eram diferentes os seus olhos; diferentes as suas palavras... Agora é que a entendia e entendia-a porque havia passado por ela o Sofrimento, como por mim também a Dor fizera os seus estragos.

— E és feliz, Maria Clara?

— Sou. Porque em Roma só se recebe. Eu já não tenho nada para dar aos outros, a não ser o que recebo de Deus. De mim própria, o que terei? Regressar ao quotidiano? Ao trabalho, às lutas, aos amargores, como tu vais voltar? Voltar à febre da vida para o pão de cada dia? A febre das angústias interiores, por se não viver a vida que se deseja, como tu a desejas? Como tu, também eu quero dar-me a Deus, mas ainda não achei o DIA, para me DAR. Sou um bocado desse Dia e dessa Dávida... E eu quero ser o Todo desse Dia e dessa Dávida...

Estávamos nas profundidades da terra, naqueles corredores subterrâneos, por entre túmulos, desejos de séculos, altares, recordações cristãs de santos, de Papas... A nossa frente, um frade, cuja voz já não ouvíamos. Os olhos de Maria Clara estavam nos meus olhos. Só então entendi. Aquela «rapariga» de 45 anos, estava trasmutada. Havia nela um amor que não era deste mundo. Eu era o amor deste mundo e ela o amor além do mundo. Estava pálida e havia lágrimas nos seus olhos.

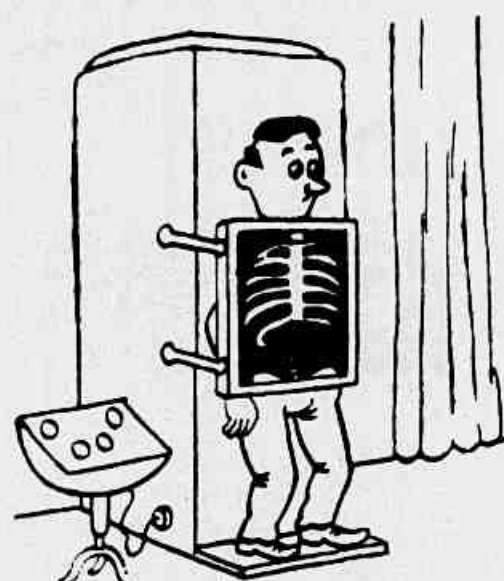
(Cont. na página 58)



FORTUNA (agente recenseador) APRESENTA TEMAS CLÁSSICOS D



Des. de Soares — «Cara Alegro» — Portugal

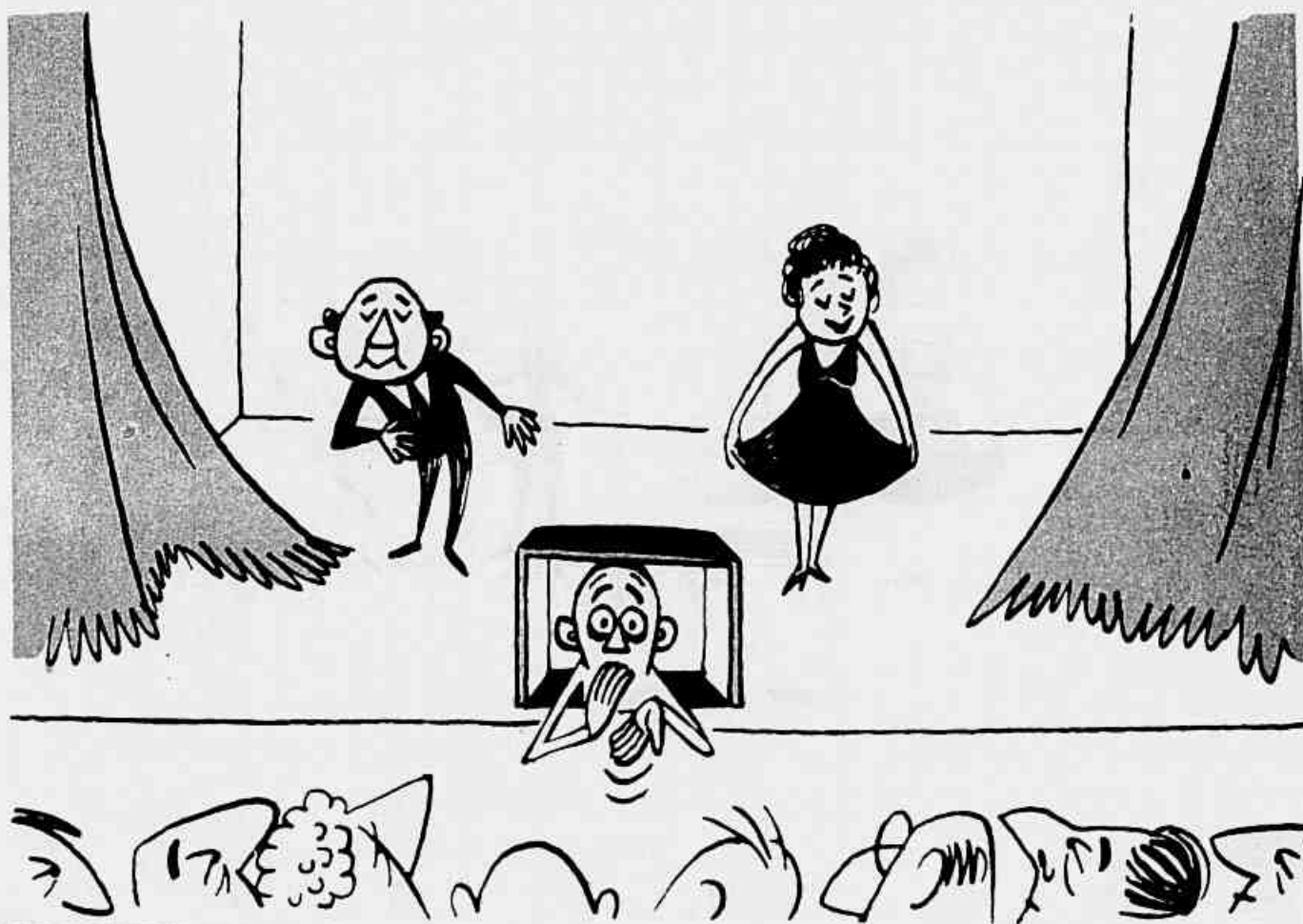


**EXAME DE
RADIOSCOPIA**

Des. de Bubbs — «Optimiste» — França



Des. de Mono — «Pobre Diablo» — Chile

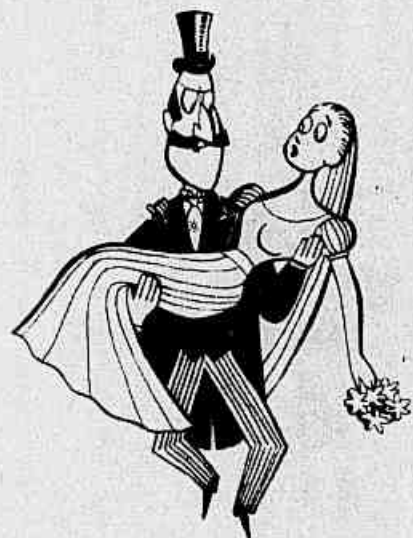


DESENHO HUMORÍSTICO (IV)



SONAMBULISMO

Des. de Kovarsky — «New Yorker» — Estados Unidos



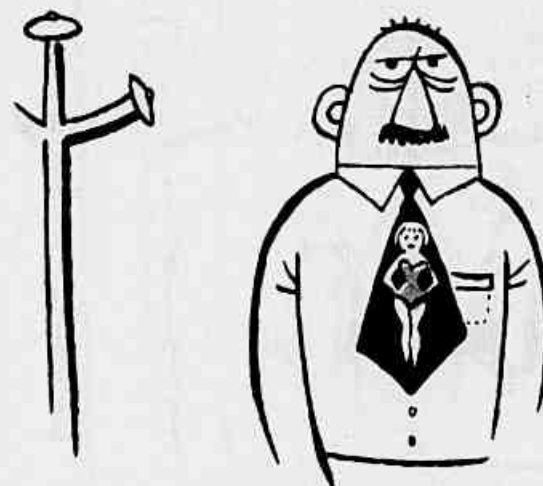
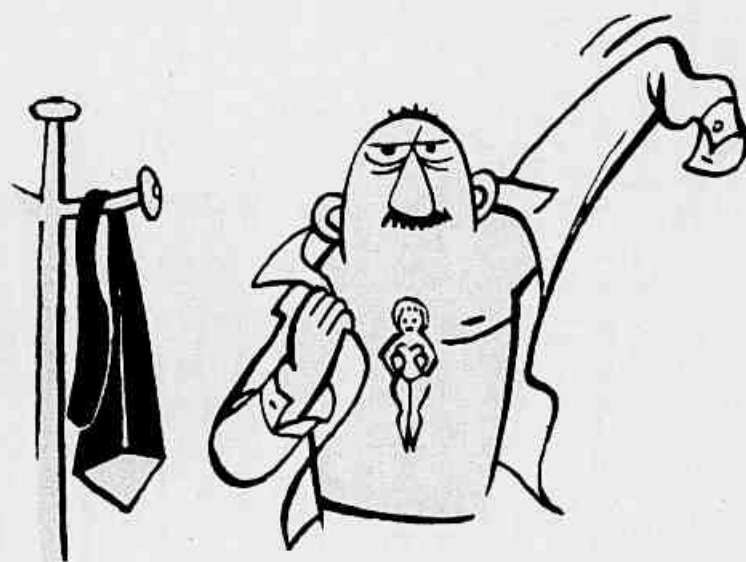
RECÉM-CASADOS

Des. de Angrave — «London Opinion» — Inglaterra



TATUAGEM NO PEITO

Des. de Gondot — «Blagues» — França



NO PRÓXIMO NÚMERO:

ASSIM SE CONTA A PRÉ-HISTÓRIA

DE FAZER RIR UM FÓSSIL!



O conjunto ideal para o fim de semana:

costume em lã fina e mantô claro, forrado no tecido do costume. É uma sugestão de Diana Lynn para as apreciadoras do frio das cidades serranas.

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

NÃO ENGANE A IDADE

★ Não é por declarar ter menos idade que você se apresentará mais moça, nem mais bela. É inútil querer voltar atrás e procurar remediar a falta de atrativo apelando para o único dote que não pode ser reconquistado: a mocidade. Por tanto, em vez de fingir não ter os anos abundantes que tem, será solução mais certa e de melhores resultados procurar desenvolver qualidades morais (como bondade, compreensão, cultura) ou físicas (elegância principalmente) que independem da mocidade, e que se mantêm inalteráveis com o passar dos anos. A prática de esportes ou ginástica diária, uma boa alimentação e os cuidados essenciais com seu corpo e sua aparência contribuirão para conservar sempre seu «charme», que não depende somente de mocidade, e que resistirá muito bem à confissão de sua idade verdadeira.

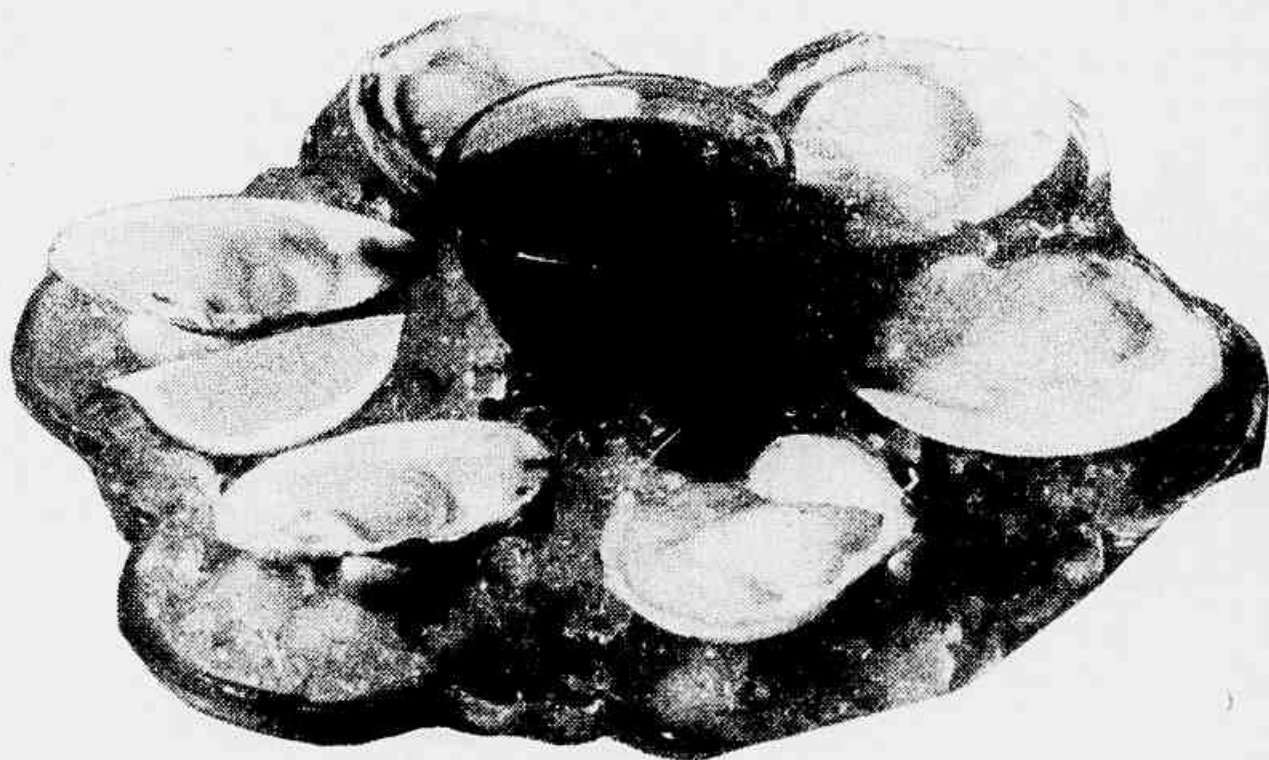
Week-end na cozinha

◆ Pode ser que seu marido tenha a boa idéia de passar pelo mercado e leve alguns punhados de ostras frescas para o almoço. Se estiver indecisa sobre como servi-las, eis algumas boas idéias:

◆ Antes de mais nada, raspe bem as conchas das ostras por fora e lave-as em água corrente para que fiquem limpinhas. Abra-as com o auxílio de uma faca e sirva-as mesmo CRUAS, na própria concha. Cada um pingará algumas gotas de limão nas suas ostras antes de ingeri-las.

◆ Uma outra idéia é fazer uma boa FRITADA DE OSTRAS. Proceda assim: Tire a casca das ostras, em quantidade que encha uma xícara das médias. Tempere-as com o suco de meio limão e um pouquinho de sal. Bata bem 3 ovos, tempere com sal, pimenta e cheiros verdes. Refogue numa frigideira, em uma colher das de sopa de manteiga e outra de azeite de oliveira: uma rodela de cebola, 3 tomates (picados e sem as cascas e sementes). Junte as ostras já temperadas e, quando estas estiverem bem cozidas, acrescente os ovos batidos. Misture tudo bem, formando uma espécie de omelete: sirva bem quente.

◆ Também são saborosas as OSTRAS DE FORNO que se preparam assim: arrume-as na própria concha (aberta), no fundo de uma assadeira de vidro rasa, que possa ir ao forno. Espalhe por cima pedacinhos de manteiga e cubra tudo com bastante parmeizão ralado. Leve ao forno até o queijo ficar bem derretido. Sirva quentíssimo.



Elizabeth Taylor e sua cabeleireira particular Annabelle Levy — também uma de suas melhores amigas — que acompanha a bela estrelinha em todas as suas filmagens. (F. Paramount)



CUIDE DE SEUS CABELOS

Quando os cabelos se mostram sem vida, secos e desbotados, é porque estão necessitando de um tratamento especial. Em cabelos assim maltratados os penteados não se mantêm bem assentados, por mais bem feitos que sejam. É que, apesar de parecerem secos, os cabelos nesse estado são excessivamente gordurosos junto à raiz, dando origem ao aparecimento de caspas e outros defeitos desagradáveis.



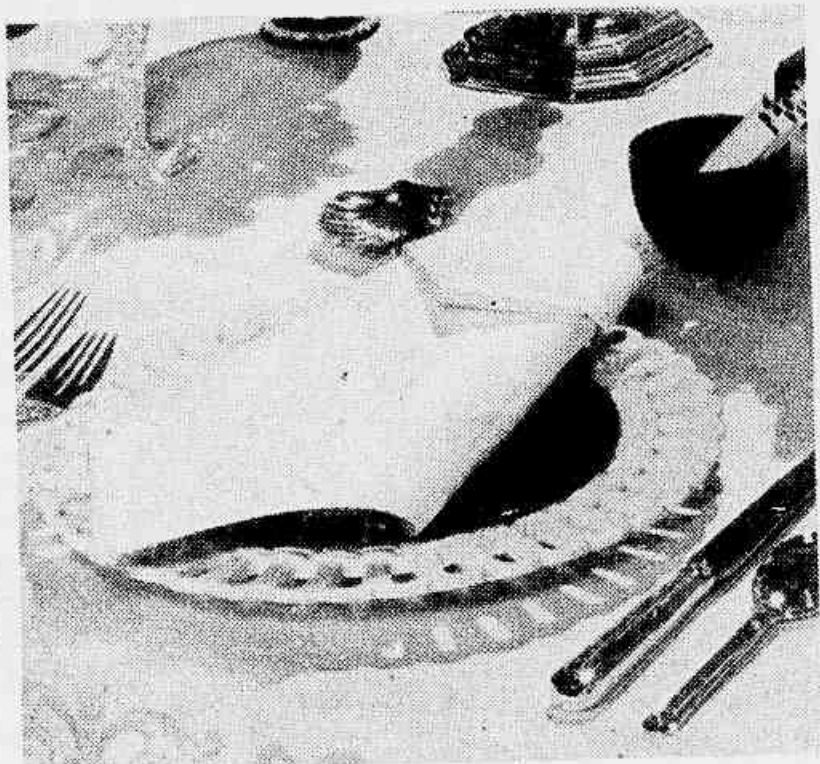
Como, porém, tratar os cabelos para que não cheguem a esse estado?

O USO DA ESCOVA é o que se recomenda em primeiro lugar. Constitui o melhor meio de ativar a circulação das duzentas mil e muitas raízes implantadas no couro cabeludo e que constituem a cabeleira. A escova, além disso, normaliza o funcionamento das glândulas de secreção capilar que trabalhem de menos ou de mais. Uma boa escova de cabelos tem pêlos longos e bem espaçados, para que possam penetrar bem fundo na cabeleira, até às raízes. Um outro ponto importante, é que devem ser conservadas meticulo-

samente limpas, e guardadas em saquinhos plásticos ou numa caixa, para não serem atingidas pela poeira.

A MASSAGEM é outro grande recurso para corrigir as deficiências de uma cabeleira. Faça-a com a ponta dos dedos, antes de começar a escovar os cabelos. Calque firmemente os dedos contra o couro cabeludo fazendo-o mover-se em movimentos circulares. Depois, passe o pente com força, para despregar as caspas ou a poeira que se tenha acumulado junto à raiz. Só então, escove, abaixando a cabeça, da nuca para as pontas dos cabelos.

A ARRUMAÇÃO



DAS MESAS

★ Mesmo quando estão presentes apenas os familiares a mesa para o almôço e o jantar deve ser arrumada com cuidado especial, para que se apresente atraente, e convide a uma boa refeição. Não é preciso que seja decorada como para os dias de festa, mas que a toalha e os guardanapos estejam sempre limpos e os pratos, copos e talheres colocados em ordem nos seus lugares e não jogados ao acaso... Se você tem dificuldade para mandar lavar as toalhas use por cima das mesmas um plástico, de preferência transparente, que, porém, seja conservado sempre limpo e perfeito. Quanto aos guardanapos, faça-os pequenos, pois serão mais fáceis de serem lavados e, por isso, poderão ser trocados mais frequentemente. Um bom tamanho é o de 30 x 30 centímetros. Tenha um jogo de descansos para os pratos quentes, pois assim, protegerá melhor o verniz do tampo da mesa. Essa proteção pode ser reforçada com um feltro grosso que se coloca por baixo da toalha de tecido.

A louça para o diário deve ser adquirida sempre nos modelos que disponham de peças avulsas fáceis de serem rapidamente substituídas.



Grand Monde internacional



Zsa Zsa Gabor vai ter sua vida filmada

A recém-divorciada Lys Laylor tem em Montgomery Clift seu novo «date». Eles, que até bem poucos dias eram simplesmente bons amigos, estão agora vivendo um grande romance. — De Paris, através de meu «gabinete social» que funciona na maior cidade do mundo, no setor da coluna social, o nome mais em evidência, é a colunista Carmen Dessier. — A côr roxa é, no momento, a preferida pelos mais famosos costureiros, como: Givenchy, Dior e Balenciaga. — O próximo filme da «beaut» Cyd Charisse é «Silk Stockings». Cyd vai estrelar essa película ao lado de Fred Astaire. — A escritora Anita Loos, autora de «Os homens preferem as louras», acaba de revelar a um jornalista em Hollywood que seu próximo trabalho para a tela será a história da vida de Zsa Zsa Gabor. — O atual «date» de Porfírio Rubyroza é Doris Kleiner.

— No dia 21 do mês que acaba de terminar, a princesa Margaret comemorou sua vigésima sexta «mudança de idade» no castelo de Balmoral, na Escócia. Observa-se no retrato oficial que Meg tirou para assinalar sua nova «mudança de idade», uma expressão séria e triste. Por isso, continuo achando que a bela e elegante princesa vai terminar figurando na PRATELEIRA.

A nova moda aqui no «High-Society» carioca são os almoços exclusivamente femininos. Outro dia, no almoço que a senhora Leila Limpo de Abreu deu para comemorar sua «mudança-de-idade», entre todas as convidadas a senhora Tereza de Souza Campos foi a única a comparecer de chapéu. Isso virou logo notícia em todas as colunas sociais daqui. Pois, na Europa, o uso do chapéu é obrigatório nessas reuniões. Agora, há bem poucos dias a senhora Maria Luisa Sertório recebeu também para um almoço exclusivamente feminino, onde quase todas as suas convidadas compareceram de chapéu. Como vocês estão vendo, a moda de usar chapéus, em almoços dessa espécie, está ficando realmente «suspense».

★ A beleza mais «suspense» presente outra noite no Sacha's era Madelaine de Souza Dantas. Madelaine, que é esposa do cônsul Rodolfo de Souza Dantas, já «decolou» para Paris, onde reside.

★ Existe um certo governador nortista, que passa a maior parte do ano aqui no Rio. E seu campo de pouso, aqui, é o Bife de Ouro e a Pérgola, onde parece já ter (pelo menos) improvisado um

JEFF THOMAS VAI RECEBER O EMBAIXADOR E SENHORA HUGO GOUTHIER NO PRÓXIMO DIA DEZ PARA UM JANTAR DE «BLACK-TIE» NA BOITE FIESTA. ÉSTE SERÁ UM ACONTECIMENTO EXCLUSIVAMENTE «HIGH-SOCIETY».

Gossip

Depois de vários e insistentes pedidos esta coluna é obrigada a botar o muito pacato e muito «pão duro» solteirão carioca sr. Virgílio Carneiro na PRATELEIRA. — Já que falo em PRATELEIRA, a srta. S. Z. (iniciais trocadas) continua versus PRATELEIRA. — A loura Glôrinha Drummond parou de circulação. Onde anda você menina? — Foi reatado o noivado entre Eloisa Carneiro da Rocha e Luís Eduardo Meneses. — A miss-elegante Bangu do Fluminense, Maria Sônia Araújo, está sem «date». — O galante Roberto Lacerda e a «beaut» Vera Dolabela formam um par realmente «suspense». — Será que Teresinha Simões Soares ainda não se decidiu entre o antigo e o novo namorado? O antigo é Daniel Sabadine. E o novo, Geraldo Pena. Quero saber qual dos dois vai figurar na Prateleira de Teresinha. — A loura Tutsi Bertrand, que agora vai ser estrela em Hollywood, depois que chegou dos «States» ainda não teve nenhum romance. — Vocês sabem quem é o «date» do britânico senhor Homero Lopes? — Parece que minha amiga Li Coutinho está atualmente sem romance. — Já chegou dos «States» «beaut» senhorita Gray Láfer. — As iniciais B.N.P. estão prestes a figurar na PRATELEIRA. — Ela continua figurando na PRATELEIRA.



Tutsi Bertrand está «date».

Pequenos Flashes



Jeff Thomas com Zaida Saldanha, candidata da Hipica ao título de Miss-Elegante Bangu.

Gabinete. Tradução: administrador ciente...

★ Já de volta dos «States» a senhora Horácio (Mimi) Láfer, que este será escolhida, pelo colunista Tava de Miranda, como a melhor «Hostess Ano», em São Paulo.

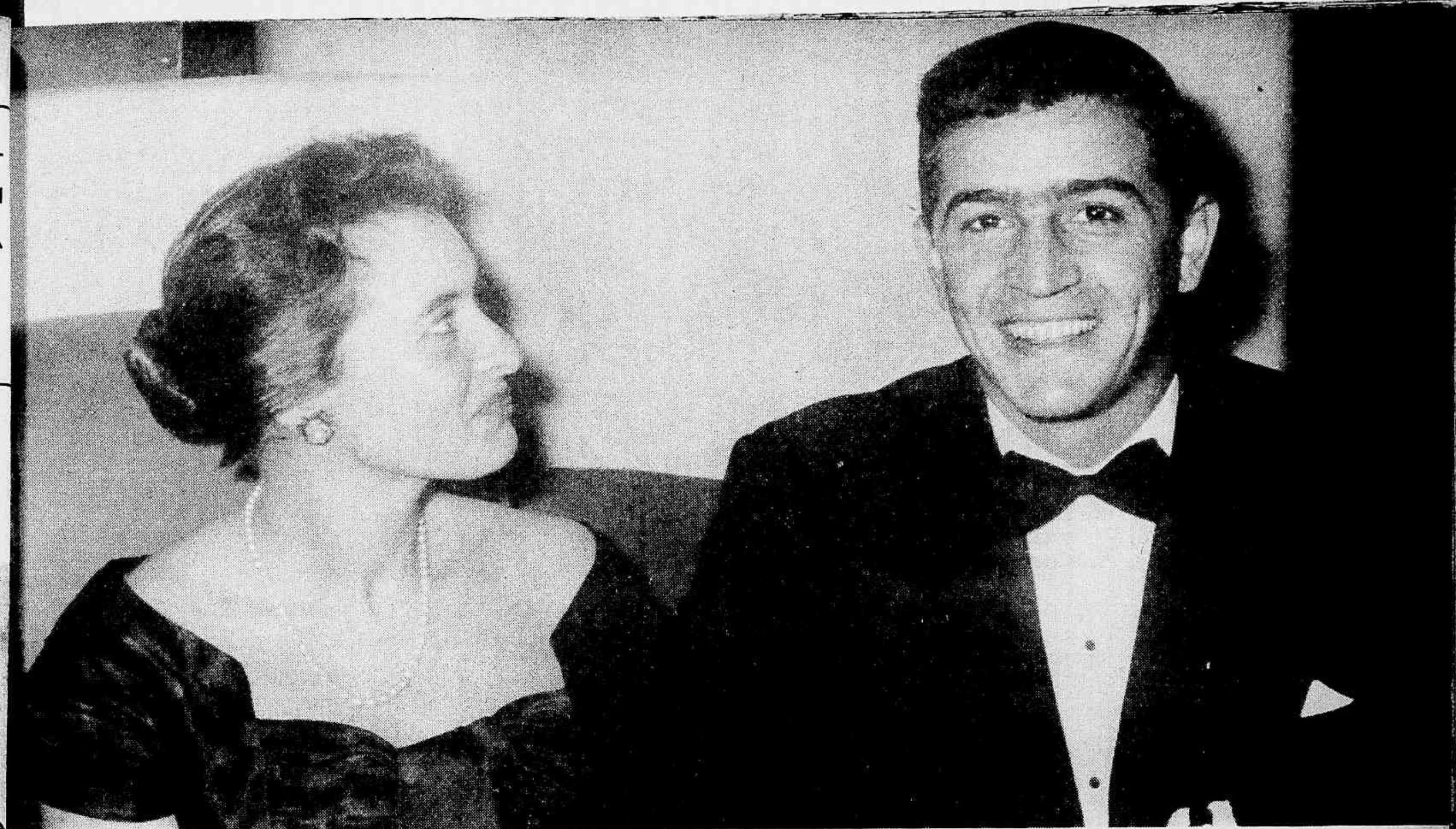
★ Já estreou, no restaurante francês «La Crémallère», a cantora francesa Rose Avril.

★ No outro sábado, tive um almoço na Pérgola com os senhores Orlan Macedo e Waller Poyares.

★ No Sacha's a famosa dupla de «mestres» Luis e Mário, juntamente com Milton, atendendo de uma maneira realmente «suspense».

★ Este colunista recebeu na quinta-feira a «beaut» Maria José (Mimi Brasil) Cardoso, para um «petit-dinner» no Golden-Room do Copa. Era, esta noite, o «debut» de Miss Brasil na nossa «Soirée-Snob». Zezé, depois do «show» disse para o colunista: «Jeff, Humore que é um «show» realmente «suspense» e o «Golden» é mesmo, como você diz, o «night-club» mais «snob» do Rio».

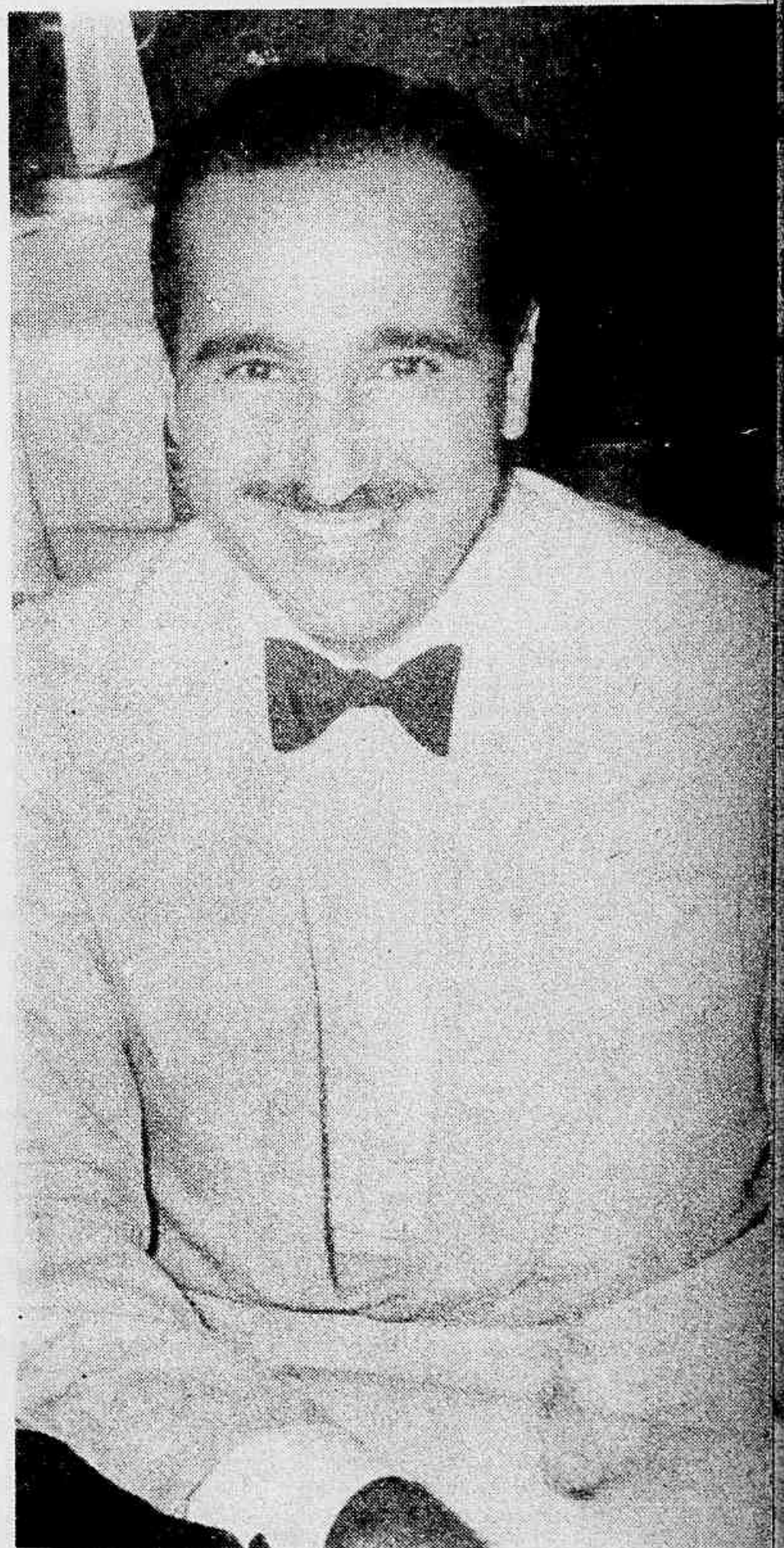
Até a próxima. O «Gêlo!» continua em cima.



Poli Lerena com Miriam Aranha. Se o romance não ficar «gélido» eles casarão no fim do ano.

★ **"FIESTA" (NOVO "NIGHT-CLUB")** Foi na recente noite de quarta-feira que "debutou" na "Soirée-Snob" de Copacabana mais uma "boite", já batizada de FIESTA. Sua "preview" foi de "gala", com o comparecimento de figuras do "high-society" carioca. A mesa mais "suspense" da noite foi a do galante Roberto Lacerda, que reunia um grupo jovem do Country Club. A presença feminina mais "suspense" da noite foi minha "glamourosa" amiga Rosinha Serzedelo Machado. A elegância mais britânica presente era a do deputado Augusto Viana, o qual este ano será com certeza um dos "Dez homens mais elegantes do Brasil".

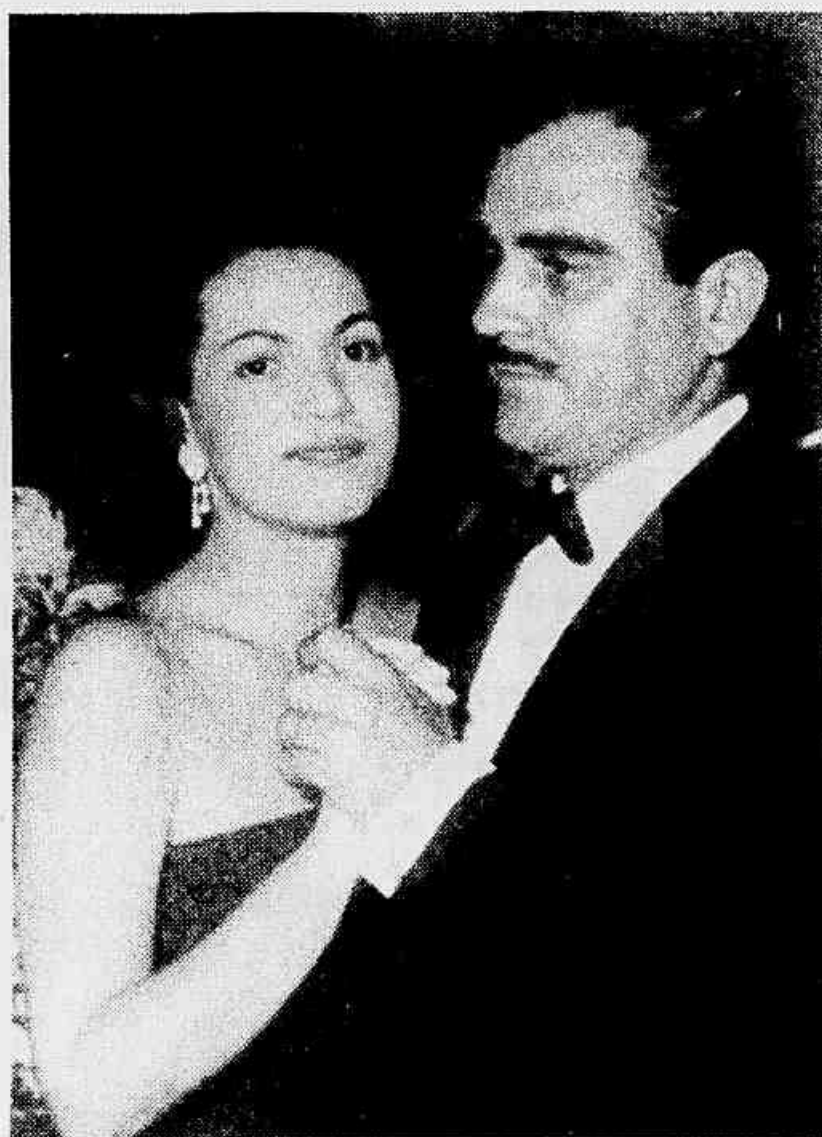
"Fiesta" é um "night-club" que surgiu para reviver o falecido "Vogue". Na sua direção está o conhecido "mai tre" Costa, que funcionou no ex-Vogue. Com certeza, esta nova "boite" fará um sucesso realmente "suspense". Esses são os votos desta coluna.



A elegância do deputado Augusto Viana. Está-rá talvez na lista dos «dez mais elegantes».



A glamourosa Rosinha Serzedelo Machado esteve presente a inauguração de Fiesta.



O galante Roberto Lacerda dança com seu «date», senhorita Vera Dolabela.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O HOMEM DO TERNO...

(Cont. na página 37)

Muito tarde Gardella gritou para o amigo que se detivesse: Tom, sacando de uma granada, lançara-a contra o desconhecido, que outro não era senão o próprio Hank Mahoney. A granada, explodindo a poucos passos de distância dele, matou-o, mas não instantaneamente. Seu peito fôra dilacerado pelos estilhaços, porém, o rosto estava tranqüilo e não deixou de sorrir. Talvez fôsse isso que, acrescentado ao pânico e às auto-acusações, tenha contribuído para a alucinação de que foi vítima Tom. Ele conduziu o corpo de Hank durante largo trecho, à procura de um médico, até que finalmente o rapaz, não resistindo aos ferimentos, expirou.

Após algum tempo, o cérebro de Tom voltou ao normal, e ele então se entregou à tarefa de limpar totalmente a ilha de japoneses. Não ficou um só para contar a história, quando o transporte aéreo novamente os levou de volta para a base de operações. Depois veio o término da guerra, e, Tom, desmobilizado, seguiu para a América, para o lado de Betsy e para a serenidade da casa de vovô Rath.

Agora, em seu confortável escritório em Nova York, Tom imaginava-se o italiano Gardella teria de fato retornado a Roma para se casar com Gina. Pensou que o outro talvez o tivesse reconhecido, e sentiu-se um pouco com remorsos, de ter abandonado sem explicações Maria. No dia seguinte, quando voltou para o seu escritório, notou que Gardella não se encontrava

no seu posto de costume, no elevador. Tom disse de si para si que Gardella levaria o seu aborrecimento com ele muito longe. Afinal, guerra é uma coisa, e paz, outra. Devia haver uma linha entre as duas coisas, separando-as.

O primeiro dia de serviço foi somente uma explicação sumária de suas novas funções, explicação levada a efeito por Bill Ogden. Ia haver uma grande convenção de psiquiatras em Atlantic City, a 15 de setembro, e Hopkins fôra convidado a dela participar. Seria mesmo obrigado a pronunciar um pequeno discurso, sobre o que tencionava fazer pela psiquiatria no país. Era a primeira missão de Tom, ajudar o outro na confecção de tal discurso.

— Mas o senhor então quer que eu o escreva?

Ogden o olhou com certo rancor.
— Nós não escrevemos discursos para Mister Hopkins. Ele mesmo escreve. Nós apenas lhe fornecemos dados estatísticos, e coisas semelhantes, cifras, números, em suma, com as quais joga maravilhosamente. Ele jantará hoje à noite conosco, melhor discutir a questão.

Hopkins vivia em um luxuoso apartamento, na Park Avenue. Ogden chegou pouco depois ali tinha chegado Tom, tomara três alguns uísques, e pouco depois o jantar estava servido, uma empregada envergando a toalha. Madame Hopkins não estava presente, e Tom lembrou-se então de que os Hopkins haviam adquirido uma nova residência em South Bay. Talvez o patrão tivesse deixado aquele apartamento apenas para seus negócios. Depois da refeição, Ogden tratou dos assuntos relativos ao discurso, e quando Hopkins começou a falar por vez, Ogden sussurrou para Tom: — Tome notas.

Ao chegar em casa, de vovô Tom encontrou sua casa em demônio. Betsy lhe afirmou, grememente, que tinha pôsto um anúncio da venda da residência, naquele dia 3 casais tinham recido para vê-la. Um ficara voltar no dia seguinte, tão insatisfeito ficara. A noite, Betsy não seguira dormir. As coisas, de todo modo, não estavam indo bem entre Tom e ela. Eram ambos longes um do outro, tão insatisfeitos.

Lembrava-se de quando se casara com Tom. Três meses após tiveram para o noivado — e pois Tom foi para a guerra. Três meses maravilhosos, que pareciam mais pertencer a um sonho. Viviam como crianças que brincam de casar, te grande, no princípio. Agora, porém, não mais eram assim. Era como se ele e Betsy se tivessem casado outra vez, e dessa, sem amor da primeira, apenas por costume. Talvez fôsse, quem sabe, que estivessem ambos tão cansados. Quem sabe quando se casassem daquela casa as coisas não iriam correr às mil maravilhas para eles?

(Cont. no próximo número)

MISTICISMO

(Cont. da página 51)

— Vês? Estou a receber, a receber... E que posso dar? Amei mais a vida, primeiro em ti, depois fugiste; depois em meu marido que me morreu e agora, até agora, no dinheiro que ando a gastar, para o consumir e fugir, de vez, para onde não hajam homens nem dinheiro...

Salmos, em silêncio. Maria Clara era espírito. Eu, era carne. Não era carne de desejo impuro, mas carne em todo o caso. Continuamos a caminhada. Compramos recordações das catacumbas, candeias de brinde, postais com reproduções de belos afrescos e regressamos à Praça Colona, cheia de sol... Depois, paramo-nos. Longos meses se passaram. Maria Clara escreveu-me poucos dias e confessara-me que estava a caminho do refúgio... não me disse qual será esse refúgio... Por mim, penso que só pode ser um, mas talvez não tenha o direito de o revelar... Deus o sabe melhor do que os homens...



O MINISTRO DA GUERRA PÔE UMA CONDECORAÇÃO NO PEITO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, DR. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

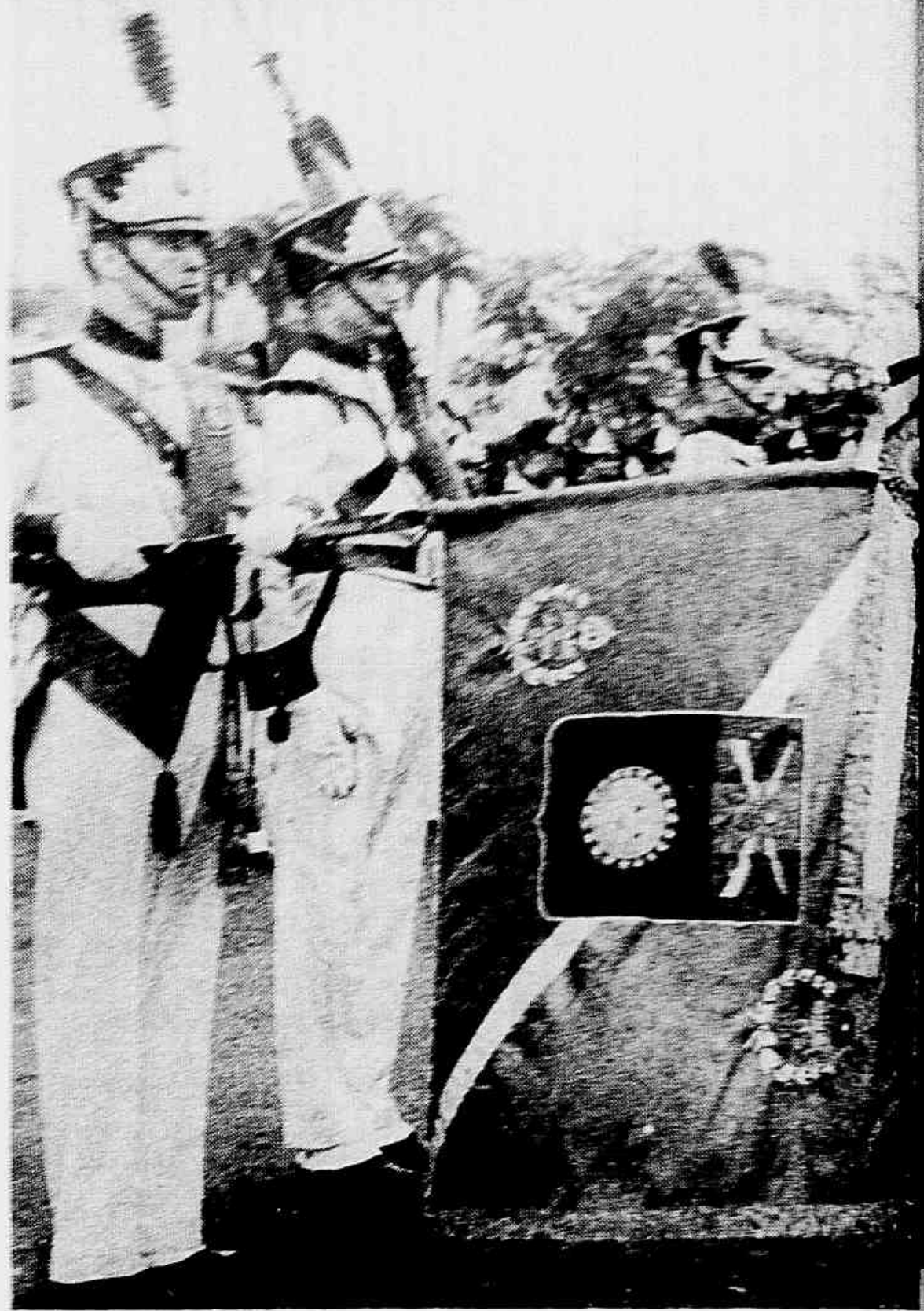
AS SOLENIDADES DO DIA DO SOLDADO

O QUE FORAM AS COMEMORAÇÕES DO 25 DE AGÔSTO NO RIO, DIANTE DA ESTÁTUA DE CAXIAS E DO PANTEON MILITAR ★ CONDECORAÇÕES E DESFILE DE TROPAS DE TERRA, MAR E AR

As Solenidades do Dia do soldado



A leitura da Ordem do Dia foi feita pelo coronel Agenor Monte. Em baixo, o desfile, aparecendo, da esquerda para a direita, os Para-quedistas do Exército, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Banda dos Fuzileiros.

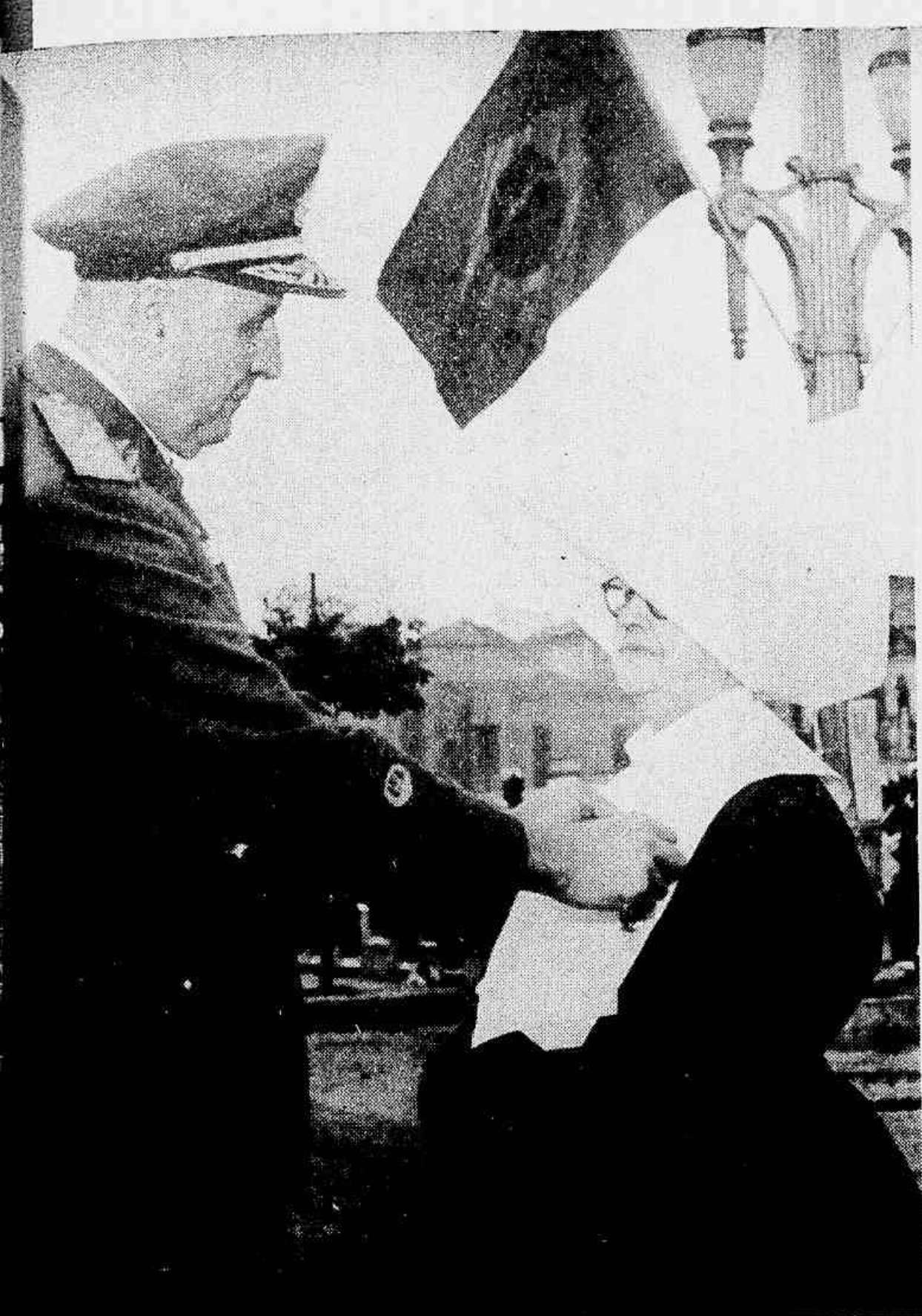


A BANDEIRA DO BATALHÃO DE GUARDAS EM CONTINÊNCIA



DIVERSAS manifestações comemoraram, esse ano, a passagem de mais um aniversário do Dia do Soldado, a 25 de agosto passado. Entre elas, a Missa realizada no próprio altar de campanha de Caxias, no Convento de Santo Antônio. Foi porém o desfile militar, presidiado por Sua Excelência o senhor Presidente da República, e que contou com a presença dos Ministros de Estado e dos membros do Corpo diplomático, deputados e senadores, que atraiu maior curiosidade e despertou mais entusiasmo públicos. Exatamente às dez horas da manhã, diante do Panteon Militar Brasileiro encimada pela estatua equestre de Caxias, o Presidente Juscelino Kubitschek chegava ao local das comemorações.





O GENERAL DENYS CONDECORA A IRMÃ GABRIELA, DO H. C. E.

O MINISTRO MACEDO SOARES É O PREFEITO NEGRÃO DE LIMA

morações, tendo sido recebido pelos membros do Conselho da Ordem do Mérito Militar. Após a execução do Hino Nacional, o Presidente foi conduzido até à banqueta presidencial, ao lado do Ministro da Guerra e do das Relações Exteriores, e dali presenciou aos toques de «Sentido», «Apresentar Armas» e «Comandante em Chefe», seguidos pelo Hino a Caxias, executados pela Banda de Música do Batalhão de Guardas. O coronel Agenor Monte incumbiu-se da leitura da Ordem do Dia, e fez a chamada nominal dos agraciados com condecorações militares. Coube ao general Teixeira Lott conferir a primeira e mais importante condecoração, ao Presidente Juscelino Kubitschek, e em seguida o general

Odílio Denys, Chefe da Primeira Zona Militar, conferiu por seu turno medalhas a inúmeros militares e civis — entre esses tendo sido galardoada a Irã Gabriela, por muitos anos servidora exemplar do Hospital Central do Exército. Só depois que foi entregue a última condecoração teve início o desfile militar, durante o qual os cariocas puderam apreciar, mais uma vez, os nossos briosos soldados das forças de terra, mar e ar.

Com o Hino Nacional executado novamente, e com a retirada do Presidente da República, dos Ministros e demais convidados, encerrou-se mais um Dia do Soldado.





GETÚLIO: DOIS ANOS AUSENTE

◇ DOIS ANOS já se passaram desde aquela trágica manhã do dia 24 de agosto de 1954, quando o Presidente Getúlio Vargas resolveu acabar com a vida. Desde a véspera do dia 24 de agosto do corrente ano, até dois dias após a data fatídica, inúmeras foram as pessoas que compareceram ao local em que dois anos antes os próprios populares colocaram um pequenino busto de Getúlio — local que, destarte, passou a ser uma espécie de monumento à sua memória. De dia ou de noite,

com sol ou com chuva, homens e mulheres de tôdas as idades desfilaram diante do busto de Vargas, em homenagem ao homem público que, por tantos anos, dirigiu o país. A foto mostra um aspecto da Praça Marechal Floriano, vendo-se o sítio em que se eleva a pequenina estátua de Getúlio Vargas, totalmente decorado com flores e coroas fúnebres, enquanto pequena multidão, guarda-chuvas abertos, presta o seu preito cheio de saudade ao ex-Presidente. (Foto de A. FERREIRA)

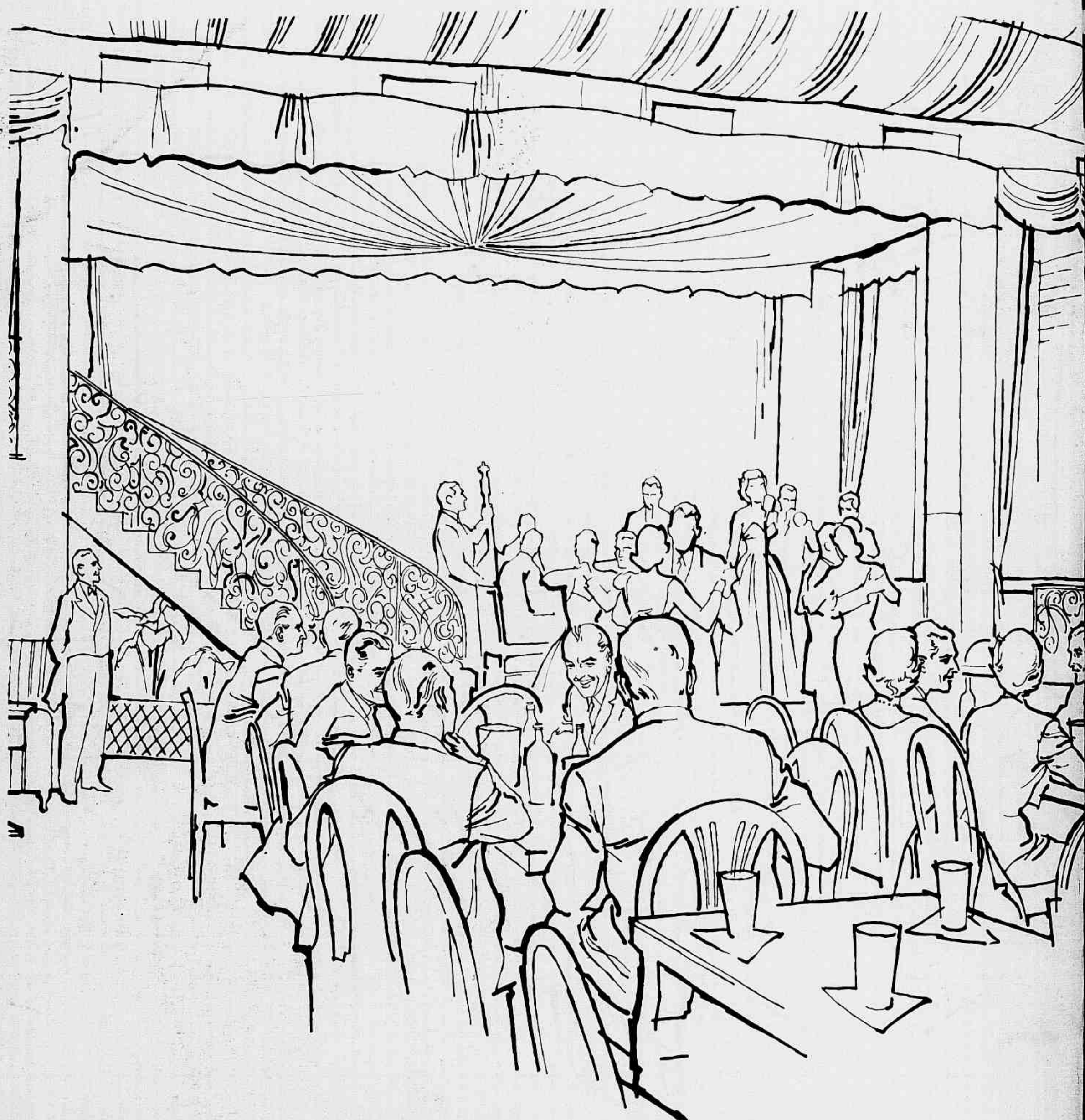
**A FIGURA
EM FOCO**



MAGALHÃES JÚNIOR

Até que enfim eis-me ao colo
Dessa douta Academia.
Há quantos anos me amolo,
A espera dêsse dia?

MENDEL



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

